Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 543
Agosto 1984
Segunda-feira

27

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitteira Santos**

Amândio de Azevedo está confiante:

A revisão das leis laborais vai facilitar despedimentos

Pág. 4

Octávio Pato em entrevista ao "DL":

Mudança de governo não deve esperar pelas presidenciais

Octávio Pato, membro do Secretariado Permanente da Comissão Política do PCP, afirmou ao «DL» que «laboram num erro profundo os democratas que diferem a questão da alternativa do Governo para depois das eleições presidenciais». Referindo-se, por outro lado, a recentes declarações de Manuel Tito de Morais sobre a eventual candidatura do actual Primeiro-Ministro a Belém o dirigente do PCP sublinhou que Tito de Morais «acabará por compreender que Mário Soares não é o melhor candidato».

Pág. 5

Afirma jurista belga

Indícios contra Otelo são "fracos"

Jacques Bourgaux, membro da Associação Internacional dos Juristas Democratas, não pôde, esta manhã, visitar Otelo em Caxias, mas, num breve contacto com o «Diário de Lisboa», disse que, tanto quanto já pôde apurar, os indícios contra o tenente-coronel «são muito fracos».

Pág. 20

Eanes decidiu

Quarta figura do Estado é o presidente do "Supremo"

O Presidente da República acaba de estabelecer o critério para as precedências protocolares de Estado dos presidentes do Supremo Tribunal de Justiça e do Tribunal Constitucional. Segundo o «DL» pôde apurar junto de meios judiciais, o chefe do Estado informou já os presidentes do STJ e do TC, a Assembleia da República e o protocolo do Estado sobre a decisão que tomou. Assim, o presidente do Supremo Tribunal de Juistça, o juiz-conselheiro Octávio Dias Garcia, terá precedência protocolar sobre o juiz-conselheiro do Tribunal Constitucional, Armando Marques Guedes. Quando a questão sobre quem deveria representar o poder judicial se colocou, o Presidente da República pediu à Assembleia da República que definisse os critérios da precedência protocolar segundo a interpretação das disposições constitucionais que definem os órgãos de soberania. Até hoje, porém, S. Bento não deu qualquer resposta.

Assim sendo, e porque na prática o problema se colocava de uma maneira desprestigiante para o Estado, (o presidente do STJ deixara de comparecer em todas as cerimónias oficiais), o PR decidiu adoptar esta solução até a Assembleia da República legislar sobre a matéria das precedências.

Recorde-se que até à existência do Tribunal Constitucional foi o presidente do STJ quem sempre representou o poder judicial.

Gooolo!

• *Foram 27 no arranque do Nacional*

Aí está o futebol. A emoção, o entusiasmo e a vibração voltaram aos estádios onde a bola saltita com raro fascínio e algum sortilégio. Desde o passado sábado que está «em marcha» mais um campeonato nacional do estalão primário. Um campeonato que se disputa pela 51.ª vez e com a curiosidade de o Benfica haver terminado por 26 vezes na posição cimeira. Nesta jornada inaugural apenas há a salientar o feliz regresso dos «pardalitos do Choupal» que de negro vestidos e com o símbolo da gloriosa «AAC» ao peito,foram a Paços de Ferreira derrotar (concludentemente) o Penafiel por 3-0. Quanto ao resto, triunfo dos «todo poderosos» Benfica, Porto e Sporting, um tangencial «quatro-três» imposto pelo Portimonense ao Salgueiros e nos demais recontros os pontos foram repartidos.

Pág. 13

Na Política de A a Z:

O mau vento que veio de Paris

O tema dominante da «Política de A a Z» de hoje é o artigo que Alain Echegut publicou, na revista francesa «Témoignage Chretien», sobre Portugal. Ver também, no «Sete Ponto Sete», o artigo em questão.

Volta a Portugal

"DL" presente com o patrocínio

sagrup, lda.
GRUPOS AUTO CRÉDITO

sagrup, lda.

O único consórcio de marca em Portugal

O país de todos os segredos

A decisão tomada pelo «Diário de Lisboa» de apresentar queixa-crime contra o juiz- presidente do Tribunal Constitucional, ouvido, previamente, o Conselho de Imprensa, teve repercussão e um eco favorável na Imprensa. A revista do «Expresso», com a assinatura de Vicente Jorge Silva, refere-se à decisão do «DL» situando-a no contexto das relações da Imprensa com o Estado e diversas autoridades, e dando-lhe o significado de diligência de moralidade pública.

Para os nossos leitores, que não sejam habituais leitores do «Expresso», transcrevemos a «crónica» de Vicente Jorge Silva:

«O 'Diário de Lisboa' decidiu, esta semana, apresentar uma queixa-crime contra o juiz-presidente do Tribunal Constitucional Marques Guedes, por este ter proibido a um jornalista daquele vespertino o acesso a fontes de informação. Concretamente, o redactor do 'DL' José Manuel Saraiva requerera por duas vezes ao presidente do Tribunal Constitucional que lhe fosse facultada a relação dos titulares dos cargos políticos que cumpriram a lei do controlo público da riqueza. E por duas vezes o juiz-conselheiro que preside ao Tribunal Constitucional indeferiu essa pretensão por considerar que a lista dos cidadãos que **cumpriram a lei** se encontra em **'segredo de justiça».**

Entretanto, o presidente do Conselho de Imprensa, o juiz-desembargador Mendonça Torres, adulterou a redacção de um parecer aprovado por unanimidade naquele órgão, no qual se exigia ao juiz-presidente do Tribunal Constitucional o cumprimento da lei, isto é, o fornecimento dos dados solicitados pelo jornalista do 'Diário de Lisboa'. Com efeito, Mendonça Torres amenizaria a condenação feita pelo Conselho de Imprensa do procedimento do juiz-presidente do Tribunal Constitucional e a exigência da reposição da legalidade, através de uma redacção onde o sentido e a actualidade dessa exigência eram convertidos numa reprovação formal e sem efeitos práticos do comportamento de Marques Guedes face ao pedido do jornalista do 'DL'.

«Um juiz — e não dos menores, precisamente aquele a quem está entregue a presidência do Tribunal Constitucional — não cumpre a lei e, mais grave do que isso, desrespeita o artigo 37.º da Constituição da República — texto de que é o guardião jurídico —, onde se assegura aos jornalistas o exercício da liberdade de informação. Outro juiz — e não dos menores, precisamente o que preside ao Conselho de Imprensa — adultera uma decisão tomada por unanimidade num órgão colegial e, mais grave do que isso, desrespeita a função específica desse órgão relativamente à opinião pública. Para além de eventual cumplicidade corporativa subjacente na relação entre os dois juízes e destes com uma lógica do poder que interpõe entre os cidadãos e as instituições uma muralha de segredos e artifícios jurídicos, o que ressalta como escândalo maior é o desprezo soberano que ambos os comportamentos revelam face à opinião pública num Estado que se pretende democrático.

Foi o próprio presidente do Tribunal Constitucional quem revelou publicamente que um grande número dos titulares dos cargos políticos não haviam cumprido a lei do contrato público da riqueza. Mas o presidente do Tribunal Constitucional limitou-se a fazer a constatação abstracta de uma anormalidade invocando o segredo de justiça. Nestas condições, os cidadãos que cumpriram a lei podem aparecer aos olhos da opinião pública como suspeitos potenciais de uma situação anormal. O 'segredo de justiça' surge a caucionar uma imoralidade, na medida em que cobre igualmente, sob o mesmo manto diáfano, o inocente e o culpado, o que cumpriu e o que não cumpriu a lei.

«Perante a muralha intransponível deste sistema de conveniências obscuras, atrás do qual as perversões do poder se mantêm literalmente impunes e nenhuma noção de responsabilidade é posta à prova, a opinião pública torna-se espectadora de um teatro de sombras, cada vez mais alienada de si própria. As normas legais, as grandes proclamações sobre a necessidade de os governantes prestarem contas aos governados, reduzem-se a votos piedosos e hipócritas ou expressões vazias de sentido. Afinal, para que se fazem as leis, quando se torna indiferente o seu cumprimento por parte dos responsáveis – e se nega à opinião pública o direito de ser informada? Com que direito se exige do cidadão comum que cumpra os seus deveres, pague os seus impostos e aceite civilizadamente as contingências da vida em sociedade – e da crise económica – quando os titulares dos cargos políticos beneficiam da cobertura de sofismas jurídicos que subvertem a transparência democrática e fazem da própria democracia uma opereta lamentável?

«Entretanto, há um outro aspecto – tornado ainda mais relevante pelo comportamento do presidente do Conselho de Imprensa – que tem a ver concretamente com a condição do jornalista em Portugal e a miséria a que se pretende condenar a Informação.

Os jornalistas portugueses são acusados de coisas terríveis e por vezes com razão. Mas quando pretendem desempenhar a sua profissão com brio, inteligência, isenção e dignidade, ei-los que caem sob o manto da suspeita. A herança cultural do salazarismo, com a sua censura sórdida e mesquinha, continua a vegetar entre nós – e por vezes onde menos se suspeitaria. O medo da Informação e o bloqueamento do acesso às fontes criaram um sistema que favorece a irresponsabilidade no exercício do poder e, simultaneamente, a irresponsabilidade no exercício do jornalismo. Na medida em que o acesso às fontes e a procura dos factos são censurados e inviabilizados, o jornalismo responsável depara-se com um campo cada vez mais condicionado e restrito, ao mesmo tempo que se abre o terreno à miséria dos pasquins.

Neste País de todos os segredos — e de todas as suspeitas — a atitude do «Diário de Lisboa», ao apresentar uma queixa-crime contra o juiz presidente do Tribunal Constitucional, assume, por isso, nos dias de desprezo em qúe vamos vivendo, um salutar significado histórico e merece o apoio e a solidariedade de todos os jornalistas que acreditam na sua profissão.»

Peneda-Gerês: um parque ameaçado

Luís de Miranda Rocha

O mensário ecológico Terra Mágica publicou no seu número 3 (de Julho deste ano) um texto sobre o Parque Nacional da Peneda-Gerês, a riqueza natural deste parque, e o perigo de destruição que para esta riqueza representa a abertura da fronteira ali existente feche, para afastar tal perigo, e, principalmente, denuncia o absurdo e a inutilidade (até, ou antes de mais, económica) da existência de tal posto em termos de interesse regional. Aquém e além do mais, o movimento que tem não o justifica. Em meados de Agosto, quem escreve isto aqui andou por lá, dum lado e doutro da fronteira, e pôde verificar que aquele jornal tem razão nos comentários que faz. A abertura da fronteira foi um erro de consequências incalculáveis. Era importante que tal erro fosse reparado.

Estará ainda viva na memória daqueles que se interessam por estas coisas a polémica que se travou à volta da abertura da fronteira. A Portela do Homem pertence ao concelho de Terras do Bouro e parece que só este concelho estava interessado em que a fronteira abrisse. Antes de mais, opuseram-se à abertura inúmeros grupos de ecologistas e diversas personalidades do meio científico, considerando a importância da fauna e da flora da Peneda-Gerês. O parque tinha sido declarado em princípios de 60, já há muito que não era o que fora em tempos, mas a sua riqueza era ainda notória, e impunha-se a sua preservação. Depois, opuseram-se (ou nunca concordaram) os concelhos vizinhos de Terras do Bouro. Certo que a Portela do Homem não lhes pertencia, mas o Parque, como deve saber-se, alarga-se a esses concelhos, e também os seus interesses estavam em questão. Diz-se concelhos, leia-se os seus representantes, designadamente edis, edilidades. Parece que apenas uns 20 por cento do parque são da área do município de Terras do Bouro, e 80 por cento entram pelos concelhos vizinhos. Em termos de população — respectiva representatividade por parte de edis e edilidades — a desproporção é ainda mais favorável aos municípios de Melgaço, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Montalegre. Contudo, e por estranho que pareça, Lisboa fez a vontade a Terras do Bouro e autorizou a abertura da fronteira, indiferente ao que seria uma grande maioria de razões que o desaconselhavam fortemente.

Terras do Bouro cometeu um erro de cálculo muito comum a outros municípios do País: pensou que a abertura dum posto fronteiriço era factor decisivo para o desenvolvimento das suas potencialidades turísticas, — como é costume dizer-se. A ideia apontaria para que os galegos acorressem em força a este lado da fronteira, trazendo divisas. Esqueceu-se talvez que do outro lado da fronteira é a zona mais pobre da Galiza, e também a menos populosa. Os galegos do sudeste da Galiza não são muitos nem fazem muito turismo. E, quando fazem, não vêm propriamente a Caldas do Gerês ou a Terras do Bouro, porque esta zona não lhes interessa e os acessos são difíceis. Em saindo para Portugal, vão a Viana, a Braga, ao Bom Jesus, ao Porto, a Fátima, a Lisboa. E optam por outros postos fronteiriços aonde chegam mais depressa e de onde têm saída mais rápida para os principais atractivos que há em Portugal. As praias do Minho, por exemplo, atraem muitos veraneantes da Galiza.

Quem escreve isto pôde verificar que, de facto, há pouco movimento, quase nenhum, na Portela do Homem. Aliás, há muito próximo outro posto fronteiriço: o Lindoso. Também aqui o tráfego é muito pouco significativo.

Mas o maior erro nem terá sido esta imponderação, e sim o desprezo pelas exigências que a existência dum parque como o da Peneda-Gerês deveria impor. A situação, — é suposto que não passam despercebidas as suas sombrias perspectivas. A fauna e a flora dum parque como aquele não toleram o trânsito automóvel com o que ele implica de consequências, — de ruídos, gases, paragens para piqueniques, poluições e lixos, num processo incontrolável de degradação. O Gerês tem espécies zoológicas únicas no país, e espécies botânicas únicas no mundo. Se a fronteira se mantiver aberta, tenderão a desaparecer.

O movimento não é muito, quase nenhum. O perigo, por isso, também não será muito imediato, certamente. Imediato ou não, ele existe. E os danos que houver são irreparáveis.

O citado jornal lembra que já houve, aquém e além do mais, uma destruição, e forte: — a de parte duma via romana. Quem a fez? As máquinas mandadas pela Câmara de Terras do Bouro proceder a aterros para a construção do posto fronteiriço. Desapareceram também dois marcos miliários. E outros foram danificados. Ainda seria o menos. O mais será o que vem depois.

Parece que Lisboa foi ultrapassada pelo poder local, muito lesto, este, nesta iniciativa. Em seguida, nada pôde ou nada quis fazer. Agora é tarde para evitar um investimento de não sei quantos milhares de contos. Não muito, talvez, porque foram só os aterros e um edifício. Mas agora o edifício está lá, com outro, da parte espanhola, e vai custar mais intuilizá-lo do que terá custado construí-lo. É o facto consumado. Mais, feita a asneira, há que justificá-la, nem que seja através de aparências formais.

O parque é vasto, dirão os defensores da fronteira aberta, e há impedimentos ao seu uso, limites à sua circulação. Aparentemente, a fronteira apenas abriu para as Terras do Bouro, Amares, Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso, e outras vilas e localidades ficassem mais perto da Galiza, aonde os habitantes desta zona pudessem ir com mais facilidade, e para que os galegos do Sul da província de Orense viessem a Portugal mais facilmente. Estas trocas, é óbvio, são sempre interessantes, e, no caso, de algum modo libertadoras, – do isolamento serrano, da restrição ao pequeno mundo interior. A realidade é um pouco diferente. A realidade é um pouco diferente e então vêm para primeiro plano as consequências trágicas desta internacionalização. Antes de mais, o posto fronteiriço é em Portela do Homem e é aqui – ao que nos dizem – que se encontra o melhor das raras ou únicas faunas e floras do Parque. Depois a estrada fica sensivelmente a meio do parque, – um tanto diferentemente do que se passa no Lindoso, onde a estrada o contorna. De seguida, para a população dos concelhos a quem, aparentemente, o posto fronteiriço de Portela do Home deveria servir, as dificuldades do acesso tornam aconselhável outra opção, por Melgaço, por Chaves, ou até mesmo por Valença. Enfim, não se vê que interesse possa ter para essas populações a Galiza do outro lado, – alguns pequenos municípios de dimensões inferiores à maior parte do lado de cá da fronteira. Celanova justifica minimamente uma visita, mas fica a quase 40 quilómetros da Portela do Homem. Orense fica a mais de 60. Também do outro lado a paisagem é soberba, por certo. Mas faltam muito ainda as chamadas infra-estruturas para bom acolhimento, e boas estradas, antes de mais. E não se crê que a Galiza venha a investir muito nisso nos tempos mais próximos. De qualquer modo, e ao que nos disseram, o movimento de portugueses é maior do que o de galegos na Portela do Homem.

Não se pode falar deste caso sem reflectir minimamente no que aqui parece estar implicado, – suposto que o posto fronteiriço abriu sem se terem ponderado devidamente as suas consequências, antes e depois das inconsequências. É certo que abriu porque o município de Terras do Bouro assim o quis. Mas não o é menos que Lisboa não soube opor-se. E tinha razões mais do que suficientes – bastava invocar os interesses regionais.

Nem era preciso invocar interesses nacionais. Porque um parque como o da Peneda-Gerês não pode estar sujeito a arbitrariedades, a caprichos do poder local. O património natural não é propriedade privada, como não é propriedade municipal. Nem regional. Numa acepção mais vasta destas coisas, aliás é mesmo, mais do que nacional, internacional. Em teoria, nós não ficamos ou não devemos ficar indiferentes quanto notícias de situações como esta que, por vezes, nos chegam do estrangeiro.

política de A a Z

O mau vento que veio de Paris

FOI na segunda-feira passada, dia 20 de Agosto, que, de Paris, a partir da página quatro do semanário «Térmoignage Chrétiem», com a assinatura de Alain Echegut, soprou um vendaval que agitou a mansa quietude estival da política portuguesa. Falava o jornalista francês do tema inquietante: «um novo partido». E falava, também, da possibilidade de «eleições legislativas» precederem as eleições presidenciais; falava da situação económica do País e da situação prisional de Otelo; falava das ambições presidenciais de Mário Soares e das ambições governamentais do PSD; falava da situação dos trabalhadores e da situação de subordinação ao FMI; referia opiniões de Vítor Alves e de Melo Antunes; anunciava, para o Outono, o lançamento do «partido presidencial». Assim lhe chamava Alain Echegut, simplificando, adoptando uma designação corrente, mas que, como é evidente, pretende condicionar o «movimento-partido» à vida política, ou à sobrevivência política de um homem.

Que Ernesto Melo Antunes e Vítor Alves, ex-conselheiros da Revolução, ambos próximos de Eanes, ambos militares de Abril na situação de «Reserva», se tenham pronunciado sobre o «novo partido», sem qualquer cautelar distanciamento, é, em si, significativo. Parece ter chegado, na organização do «movimento-partido», a fase em que se não admite uma suspensão, nem se prevê uma desistência. Parece ter chegado o «momento táctico» em que de Belém, mantendo a distância, respeitando uma relativa discrição, se decidiu não enjeitar a iniciativa. Alain Echegut fala de «luz verde», dada, secretamente, pelo Presidente Eanes.

As limitações à actividade governativa da coligação PS-PSD, a crítica da situação e do desprestígio resultante do debate parlamentar sobre a Lei de Segurança Interna, o anúncio do «novo partido», as referências à prisão de Otelo como a uma «bomba» que pode explodir nas mãos de Mário Soares, irritaram, como era previsível, alguns políticos, amarguraram os comentários de alguns comentadores. Mas o mais picante do artigo publicado por «Témoignage Chrétien», o que mais agitou a morna paz estival e exacerbou a irritação dos «instalados» e dos «dependentes», foi, justamente, a revelação das opiniões dos dois militares de Abril sobre o «novo partido».

Segundo escreveu Alain Echegut, o tenente-coronel Vítor Alves, um «conselheiro do Chefe de Estado», teria manifestado a seguinte opinião: «Mais do que um partido, trata-se de um vasto movimento que é construído de modo horizontal a partir da província. Trata-se de quebrar o monopólio **partidário** actual, que é completamente limitativo e, para mais, incapaz de dar soluções à crise que a sociedade portuguesa atravessa».

Pelo seu lado, o tenente-coronel Melo Antunes, membro do Conselho de Estado, teria dito o que pensava da orientação política do «novo partido» e ter-se-ia referido, com surpreendente à-vontade, ao que deverá ser a atitude de outras formações políticas face ao «novo partido». Na versão de Alain Echegut, Melo Antunes afirmou: «Este movimento deve ser considerado como de inspiração social-democrata. Deve ocupar o espaço político do Partido Socialista e de uma larga franja do Partido Social-Democrata (PSD). Certamente as pequenas formações como a União da Esquerda para a Democracia e Socialista (UEDS) de Lopes Cardoso, a Associação Social-Democrata Independente (ASDI) de Magalhães Mota e o Movimento para o Aprofundamento da Democracia (MAD) de Maria de Lurdes Pintasilgo, deverão a prazo juntar-se ao movimento. Mas não esqueçamos a sua originalidade: é um movimento descentralizado contrariamente aos partidos políticos tradicionais, em Portugal extremamente centralizadores, para não dizer estalinianos...»

Quer Vítor Alves quer Melo Antunes deram as suas opiniões a Alain Echegut, como se estivessem dentro do projecto político em vias de concretização e estivessem em posição de definir a sua forma e o seu conteúdo: «movimento horizontal construído a partir da província», «movimento de inspiração social-democrata» destinado a ocupar o espaço político do PS e de um fatia larga do PSD.

Em princípios de Julho, informado da reunião de 140 «eanistas» em Abrantes, a Comissão Nacional do Partido Socialista proclamou, como era o seu direito e até o seu dever, a incompatibilidade entre a militância partidária socialista e a participação na movimentação ou reactivação de estruturas ex-CNARPE; também o PSD tem pedido contas a militantes seus que se mostram admiradores de Eanes ou seguidores do «eanismo». Tanto o PS como o PSD dão mostras de preocupação. Os pequenos partidos demarcam-se, ou reservam a tomada de posição. O PCP estabelece, sem hostilidade, mas com rigor, a distinção entre «**um** novo partido» e o eventual messianismo que suscitaria «**o** novo partido». Aqui, a destrinça entre o «artigo definido» e o «artigo indefinido» ultrapassa os limites de análise gramatical, será critério de análise política.

Claro que o «movimento», horizontal, descentralizado, que da periferia avança sobre o centro, das províncias para a capital, não estaliniano (adjectivo que no argumento de Melo Antunes não se refere especifcamente ao Partido Comunista), inserindo-se no espaço político que é organizacionalmente ocupado genericamente pelo PS e parcialmente pelo PSD, espaço ideológico «social-democrata», constitui uma ameaça para o bloco central. A constituir-se o «novo partido», o bloco central, se durar até ao final de 1984, perderá a capacidade eleitoral, deixará de ser, estrategicamente, o factor de criação de uma «maioria parlamentar». É previsível que dois partidos, o CDS (à direita) e o PCP (à esquerda), irão beneficiar com a criação de «**um** novo partido» e a dissolução do bloco central.

Não é de estranhar, portanto, a irritação não disfarçada de alguns políticos quando se dão conta dos trabalhos em curso e tomam conhecimento de declarações – como as de Melo Antunes e de Vítor Alves – que os indiciam interessados no nascimento do «partido novo».

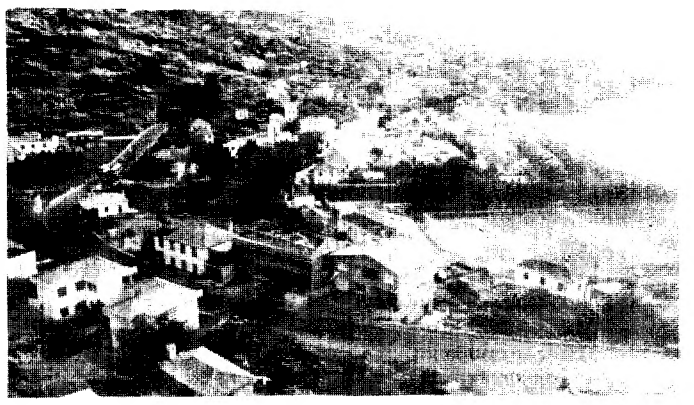
O temor de que apareça um «partido novo», e, principalmente, quando o partido em criação pretende inserir-se em espaços políticos ocupados, é compreensível. Mas, não se esqueça que tanto a militância «socialista» como a militância «social-democrata», não correspondem aos respectivos «espaços eleitorais». Tem-se confundido, em nosso juízo, o conceito de «espaço político» com o conceito de «espaço eleitoral». Quanto ao «espaço eleitoral» a escolha é motivada, não raras vezes, por motivações negativas: vota-se «socialista» para não votar «comunista», e, também, para não votar «social-democrata»; vota-se «social-democrata» para votar anti-socialista, sem, todavia, votar CDS; vota-se CDS para não votar PDC ou MIRN.

O «novo partido» poderá apresentar uma possibilidade de escolha: relativamente moderada, mas reformista, suficientemente inspirada em ideias de mudança e de justiça, mas resistente a afrontamentos perturbadores e rupturas do tecido social. Um partido «social-democrata» que não seja anti-socialista, nem anticomuinista. Um partido reformador que não repudie a inspiração revolucionária do 25 de Abril. Um partido democrático promotor de reformas revolucionárias. Um partido da burguesia, dos tecnocratas, dos empresários progressistas, das profissões liberais, das camadas médias, que aceite dialogar com as classes trabalhadoras e encontrar soluções nacionais que sejam soluções sociais. Um partido de democracia pluralista. De várias vozes, como alguns receiam. Mas de uma só voz na defesa de Abril e do pressuposto de que a Democracia não se esgota nos partidos, em nenhum partido.

ponto a ponto

Álvaro Cunhal e **Samora Machel** encontraram-se em Varna (Bulgária), na residência onde se encontra o presidente moçambicano, que visita oficialmente a Bulgária. Cunhal (a gozar um curto período de férias em Varna) e Samora debateram, durante 45 minutos, questões relativas à situação em Portugal e em Moçambique – segundo fontes do dirigente moçambicano, citadas pela ANOP

ENTRETANTO, uma fonte diplomática em Maputo, citada pela NP, indicou que pelo menos **sete cidadãos portugueses** foram libertados no último mês em **Moçambique**. Cinco dos detidos foram libertados na capital moçambicana e os restantes na cidade da Beira. Esta libertação dos sete detidos – acusados de delitos diversos – é interpretada como um gesto de boa-vontade das autoridades moçambicanas, a poucos dias da visita oficial do Primeiro-Ministro português, Mário Soares.



A decisão da Comissão Nacional de Eleições de se auto-suspender foi lamentada no **Funchal** pelo **PSD-Madeira** que considerou «estar em perigo a isenção e equidade», do próximo acto eleitoral naquela região autónoma. Para o PS-Madeira, a decisão da CNE «parece vir ao encontro dos desejos do PSD regional e do seu presidente», João Jardim que é duramente criticado. Este – dizem os socialistas – «não só lança ataques caluniosos a cidadãos independentes integrados nas listas do PS, como deturpa as realidades regionais pretendendo esconder , com algumas obras realizadas, e inauguradas muitas delas apressadamente, e muitas prometidas e ainda por concretizar». O estado financeiro da região é ainda tema do comunicado do PS-Madeira que responsabiliza Jardim de ter «hipotecado o futuro dos madeirenses».

O funeral do juiz-conselheiro do Tribunal Constitucional, Joaquim da Costa Aroso, realizou-se ontem para o cemitério da Maia, Porto. «Costa Aroso, 62 anos, faleceu sábado, na Maia, e encontrava-se internado desde terça-feira com uma pneumonia no estabelecimento hospitalar da Ordem da Trindade. Proposto pelo CDS, foi eleito em 22 de Novembro de 1982 para juiz-conselheiro no Tribunal Constitucional, tendo tomado posse em 6 de Abril de 1983. Costa Aroso nasceu em 15 de Julho de 1922, em Moreira, Braga, e durante vários anos desempenhou o cargo de juiz-desembargador.

O Presidente da República enviou um telegrama de condolências à viúva e família do falecido manifestando «sentidas condolências» pela morte «daquele que foi juiz ilustre do Tribunal Constitucional».

O alimento imprescindível

Beja Santos

Falamos do leite, é claro. O mais completo de todos os alimentos, a mais barata das proteínas. Constitui o verdadeiro alimento do crescimento da criança. É quase a exclusiva fonte do precioso cálcio, indispensável à construção dos ossos e à formação dos dentes. Com efeito, o leite fornece-nos proteínas de óptima qualidade, grandes quantidades de cálcio, vitanias A e B2. O consumismo conseguiu preverter a nossa alimentação. O leite escapou à sua senha. Por uma razão simples: nenhum outro alimento consegue simular o leite.

Este alimento fundamental é distribuído em muitas escolas de todo o mundo, e a distribuição gratuita de leite às crianças em idade escolar, mesmo nos países altamente industrializados, constitui um sucesso.

Reputados nutricionistas admitem que um maior consumo de leite na escola contribui para a melhoria do estado nutricional e uma maior resistência às pequenas infecções, com o inerente impacto nos resultados e aproveitamento escolar.

Na Roda dos Alimentos, o leite e seus derivados (queijo, requeijão e iogurte) é representado pelo terceiro sector em tamanho, logo a seguir aos hortofrutícolas e cereais, batatas e leguminosas secas. Proteína barata. Porquê? Segundo o dr. Emílio Peres, desde que se cumpra a proporcionalidade da Roda dos Alimentos e se consumam cereais pouco embranquecidos e refinados, as necessidades de proteínas animais ficam satisfeitas com meio litro de leite, um ovo e 100/150 gr. de carne ou peixe. Se não se consumirem produtos lácteos já é preciso gastar diariamente 1 ovo e 200 a 300 gr de carne ou peixe. É uma diferença bem dispendiosa, como se sabe.

Para mal do consumidor português, bebe-se pouco leite. Actualmente, cerca de mil milhões de litros; mas, se a este número retirarmos 30% destinado a fins

Continua na pág. 12

A explosão, na madrugada de sexta-feira, de um petardo de fraca potência junto ao centro de trabalho do PCP de **Caldas da Rainha**, motivou um comunicado da SIP daquele partido denunciando o facto de tais actos servirem «apenas os interesses das forças reaccionárias, apostadas em pôr em causa a legalidade democrática e em justificar, precisamente, a pretexto do terrorismo, a criação de novos instrumentos repressivos e a limitação anticonstitucional das liberdades e garantias dos cidadãos».

O presidente da Comissão Política concelhia do PS[illegible] e-clamou nesta vila que o Governo atente «nas enormes po[illegible]ides de desenvolvimento desta praia».

Mário Maduro, que falava num convívio de cerca de du[illegible]lenas de sociais-democratas do concelho, aludiu à Barrinha e à s[illegible]ata envolvente como estando em vias de degradação e o carácter da intervenção estatal. O convívio social-democrata – comemorativo do aniversário do partido – contou com as presenças de Calvão da Silva, secretário de Estado adjunto do vice-primeiro-ministro.

em duas palavras

PORTUGAL IMPORTOU, na semana de 13 a 19 de Agosto, 67,9 milhões de KWH de energia, mais do dobro que em igual período de 1983, revelou a EDP.

Em semana idêntica de 1983, para um consumo de 261,5 milhões de KWH registou-se uma importação de 33,4 milhões.

A situação das reservas hidráulicas, no final do período, piorou em relação à semana anterior, mas manteve-se ao nível da registada no mesmo dia de 1983.

As reservas hidráulicas encontravam-se, no período em análise, a 61 por cento do valor máximo absoluto, ao nível do verificado em 1983.

●●●

ALGUNS HORTÍCOLAS, legumes frescos e frutas frescas passam a partir de amanhã a estar sujeitos ao regime de margens de comercialização fixadas – determina uma portaria publicada no «Diário da República».

São abrangidos por este regime a alface, alhos, cenoura, couves (lombarda, repolho e portuguesa), ervilha, fava, feijão-verde ou vagem, nabo, tomate, ameixas, cerejas, laranjas, limões, maçãs, morangos, pêras, pêssegos, tângeras, tangerinas e uvas.

O diploma aplica-se apenas no Continente.

●●●

O EMPRESÁRIO JORGE FIGUEIREDO tornou-se o maior accionista individual da Sociedade Turística da Penina, adquirindo um lote de 35 mil acções.

Jorge Figueiredo, que passa a deter 15 por cento do capital da Sociedade, confirmou a transacção, acrescentando estar agora interessado em alcançar um acordo com o Estado e com o grupo inglês da Penina para a gestão da sociedade.

«Se não for possível chegar a acordo, nesse caso tenciono adquirir, com outros sócios, a posição do Estado na Sociedade, passando a geri-la» – referiu.

Um acordo entre Jorge Figueiredo, o Estado e o grupo inglês corresponderia a 85 por cento das acções da sociedade.

«Mas se tal não for possível, compro a parte do Estado» – garantiu.

●●●

QUINZE FABRICANTES PORTUGUESES vão participar na Feira britânica de Calçado que se realiza em Londres, de 30 de Setembro a 2 de Outubro.

As fábricas portuguesas, que estarão presentes pela terceira vez em feiras de calçado em Londres, apresentarão modelos de cabedal para homens, senhoras e crianças bem como as suas colecções de desporto.

A participação portuguesa é promovida pela delegação do Instituto de Comércio Externo no Reino Unido e apoiada pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisbboa.

Devem mais de 4,5 milhões de contos

São inviáveis 64 empresas com salários em atraso

— considera relatório oficial

O Governo fez uma lista de 64 empresas, todas com salários em atraso, que considera «eventualmente inviáveis», entre as quais se encontram a Lisnave, a Cifa e a CIVE.

Das 64 empresas eventualmente inviáveis que empregam um total de 11 419 trabalhadores, já encerraram, entretanto, 25.

O conjunto das 64 empresas devia um total de 4,762 milhões de contos, dos quais 1 300 197 contos de renumerações mensais aos trabalhadores, 629 304 contos ao Fundo de Desemprego e 2 654 746 contos à Previdência.

Num relatório oficial a que a agência NP teve acesso considera-se que «os problemas de empresas em incumprimento de salários, genericamente em sectores em crise, só terá eventual solução num quadro global de modificação estrutural da economia».

Salienta-se também ser urgente que as empresas em situação de clara inviabilidade vão à falência e que rapidamente se aproveite, ao máximo, a massa falida, a qual, na generalidade, vai dar origem a uma nova empresa, com melhor dimensionamento.

«É fundamental separar o trigo do joio e recuperar todas as unidades empresariais com reais capacidades produtivas, sem os traumas de uma eventual falência», diz-se ainda no relatório.

Para além da Lisnave, a CIFA e CIVE figuram nesta lista, os estaleiros navais H. Parry and Son, a Metalúrgica Duarte Ferreira, a Econave, a Messa (entretanto vendida à Centrel), a Companhia Portuguesa de Pescas, a Gelmar (que já encerrou), a Estação de Tratamento de Lixo de Lisboa, a Livraria Bertand, a Torralta, a Sado Internacional, a Têxteis de Pevidém, a Tinturaria Cambournac, a Fábrica de Loiças de Sacavém e o Complexo Agro-Industrial do Cachão.

O relatório oficial indica, ainda, que «o estabelecimento de eventuais esquemas de saneamento financeiro de empresas consideradas potencialmente viáveis embora com salários em atraso, por iniciativa estatal, deverá manter uma natureza indiscutivelmente acessoria e complementar das acções dos empresários».

«O financiamento de salários e outras prestações pecuniárias não conduz à recuperação das unidades produtivas, antes pelo contrário, funciona como um instrumento negativo e conducente à manutenção de situações sem qualquer perspectiva de relançamento e recuperação de actividade produtiva», acrescenta-se.

O governo fez um inquéito junto das 350 empresas com salários em atraso, tendo 33,1 por cento admitido que não sabia quais as medidas para solucionar a situação e 21,9 por cento apresentou como solução o financiamento bancário (9,5 por cento) ou estatal (12,4 por cento).

Do total das 350 empresas com salários em atraso, o Governo considera que 61,4 por cento podem ser consideradas com viabilidade, 12,3 por cento eventualmente inviáveis e 7,4 por cento estão já encerradas.

Revisão das leis laborais vai facilitar despedimentos

— confirma o ministro do Trabalho

O programa de revisão da legislação prevê a possibilidade de «cessação dos contratos dos trabalhadores que violem gravemente os seus deveres – afirmou o ministro do Trabalho.

Amândio de Azevedo, que falava no Aeroporto de Lisboa, no final de uma visita ao Norte, declarou ainda que o diploma sobre a cessação de contratos de trabalho é «o mais polémico da revisão laboral.

O diploma visa tornar «mais flexível a relação laboral» disse Amândio de Azevedoi, que adiantou estarem previstas alterações nas alíneas sobre contratos a prazo e trabalho temporário.

Sublinhando que as alterações sobre o «regime jurídico de cessação de contratos de trabalho é um assunto muito delicado», o ministro do Trabalho considerou, no entanto, que «actualmente é extremamente difícil despedir um trabalhador mesmo de «acordo com as melhores regras de gestão».

Considerou ainda que o país não pode competir com as outras economias se não oferecer aos agentes económicos as condições necessárias à sua acção.

Segundo o ministro do Trabalho o programa de revisão da legislação laboral será discutido no Conselho de Concertação Social.

Centrais nucleares produzem 12% da energia eléctrica

A parte nuclear na produção mundial de electricidade será de 20 por cento no ano 2000, de acordo com o relatório anual da Agência Internacional de Energia Nuclear (AIEA) ontem divulgado.

O documento constata que os custos de investimento em centrais continuaram a seguir uma forte progressão nos últimos anos, podendo representar até 80 por cento do total dos custos de produção de electricidade de energia nuclear.

A rentabilidade económica e o funcionamento técnico das centrais nucleares é assim uma das principais preocupações dos responsáveis que trabalham com esta forma de energia.

A capacidade total de produção de electricidade nuclear no mundo atingiu 191 gigawatts (GWE) no fim de 1983, tendo sido concluídas 25 novas centrais durante o ano passado, três das quais em países em desenvolvimento.

As centrais nucleares representaram cerca de 12 por cento da produção mundial de electricidade em 1983.

A curto prazo, a AIEA prevê que, embora tenha sido retardada ou mesmo anulada a decisão de construir centrais em diversos países, a potência nuclear instalada atinja entre 255 e 275 GWE em 1985.

O nuclear deverá então representar 15 por cento da produção mundial de electricidade.

AGT marcada para amanhã na Lisnave

Os trabalhadores da Lisnave, que prosseguem hoje a greve às horas extraordinárias, vão reunir-se amanhã em assembleia geral, a fim de analisarem a situação da empresa e as medidas futuras a tomar. Aos cerca de 6700 trabalhadores desta empresa de reparação naval, que nos últimos dias têm estado em luta, são devidos três meses de salários. Segundo a CT, esta situação é uma manobra da administração «que pretende usar os trabalhadores como forma de pressão sobre o Governo, para obter apoios financeiros».

Bancários do Sul

Sindicato dinamiza acções sócio-culturais

O Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas (SBSI) vai publicar no 1.º de Maio próximo uma antologia de poemas dedicados ao trabalho, uma realização conjunta dos sindicatos do sector bancário – anunciaram dirigentes da estrutura sindical.

Esta iniciativa insere-se no programa de acção social e ocupação de tempos livres que o sindicato realiza de modo a «incentivar a participação efectiva dos associados e contribuir para o aproveitamento das suas capacidades», disse um membro da direcção.

Neste âmbito, o SBSI efectua durante o ano programas de carácter desportivo, social e cultural destinados aos sócios e seus familiares, assim como dispõe de serviços de assistência médica, de biblioteca, e brevemente de um parque de campismo.

Os filhos dos bancários são cada vez mais uma preocupação do sindicato, pelo que as colónias de férias que o sindicato organiza desde 1978, preenchem, um espaço importante das nossas actividades – declarou um dirigente.

O sindicato gasta anualmente com estas colónias 3500 contos, o que corresponde a 40 por cento dos custos totais destes empreendimentos, cabendo aos pais das crianças suportar os restantes encargos.

As colónias funcionam com o apoio de pessoal credenciado, nomeadamente, educadores, monitores, médicos e enfermeiros.

A duração dos turnos é de 15 dias nos quais as crianças fazem trabalhos de desenho, pintura, modelação praticam exercícios físicos, visitam locais de interesse turístico, histórico e cultural, organizam pequenos teatros, concurso de canto e dança e jogos.

«Nas diligências que efectuamos para conseguir diversos apoios, não só financeiros mas também facilidades de utilizaçao e ingresso em locais púlicos, a Câmara Municipal de Lisboa temnos recusado o seu auxílio – afirmou o director da colónia de Santa Cruz.

O sindicato está a construir um parque de campismo, em Olhão, um empreendimento dotado de estruturas adequadas à prática desportos, de programas culturais de convívio social e de alojamentos.

Segundo um dirigente sindical dos bancários «os sindicatos não se devem limitar à luta sindical e ao seu aspecto reivindicativo, devem ser também um órgão formador dos associados, um organismo activo que acompanhe e actue no sentido de lhes proporcionar uma contrapartida cultural e social activa e dinâmica».

Em 1983, o SBSI comemorou 50 anos de existência e 72 de associativismo e conta actualmente com 42 mil sócios.

S.T.O.P.

SALDOS ESPECTACULARES

FATOS PARA HOMEM	a	partir	de	4.650$00
CASACOS SPORT	»	»	»	2.500$00
CALÇAS	»	»	»	850$00
CAMISAS	»	»	»	795$00
BLUSÕES				1.650$00

RESTOS DE COLECÇÕES EM ARTIGOS DE SENHORA

A PREÇOS EXCEPCIONAIS

RUA DO OURO, 260/4 — LISBOA

Trabalhadores da CIFA reuniram-se em Valongo

Os trabalhadores da Companhia Industrial de Fibras Artificiais (CIFA) reuniram-se anteontem num encontro convívio promovido por vários sindicatos e pela comissão intersindical da empresa.

O encontro, que reuniu cerca de duas mil pessoas, teve como objectivo o «diálogo e troca de impressões entre os trabalhadores no sentido de reforçar a organização e unidade na empresa».

Aos trabalhadores da CIFA, que estão há 20 meses com salários em atraso foram distribuídas várias ofertas por moradores da zona.

A União de Sindicatos do Porto, que também organizou o encontro, diz em comunicado que «esta situação tem tendência a agravar-se uma vez que a administração (Mellos), com a cobertura do Governo, prepara já o despedimento dos trabalhadores, o que a concretizar-se levaria a situações dramáticas».

No encontro foi exigido o «pagamento dos salários, a garantia dos postos de trabalho e a viabilização da empresa».

entrevista

OCTÁVIO PATO

"É um erro profundo diferir alternativa de Governo para depois das Presidenciais"

Laboram num erro profundo aqueles democratas que diferem a questão da alternativa de Governo para depois da vitória de um candidato democrático nas presidenciais (...) certos exercícios de tacticismo e calculismo são incompatíveis com a gravidade dos problemas do povo e do País e com a premência de lhe dar solução — afirmou ao «DL» Octávio Pato, membro do Secretariado Permanente da Comissão Política do CC do PCP. Embora negue tratar-se de «recado para alguém», o destacado dirigente comunista parece visar, nestas declarações, o comportamento do movimento «eanista» e de outros democratas que apostam, preferencialmente, na procura de um candidato alternativo a Mário Soares.

DL — Como comenta a afirmação de Manuel Tito de Motais de que o PCP acabará por compreender que Mário Soares é o melhor candidato nas presidenciais?

OP — Temos alguma esperança de que Manuel Tito de Morais acabará por compreender que está equivocado. Trata-se de uma questão a que o nosso X Congresso deu resposta definitiva e concludente. Mário Soares é hoje o líder das forças de direita e da política de direita. Dirige a política de miséria e a ofensiva de destruição de todas as conquistas do 25 de Abril. Nestes termos, é hoje uma orientação perfeitamente compreendida pelo campo democrático que o PCP, não só exclua liminarmente qualquer apoio ou indicação de voto em Mário Soares, como considere que o objectivo fundamental nas presidenciais é derrotar Mário Soares ou quaisquer outros candidatos da direita. Toda a evolução da situação nacional tem vindo a comprovar que tal objectivo, a concretizar através da eleição de um candidato democrático, reúne boas condições de êxito.

D.L. — Todavia, e ao contrário de anteriores afirmações do próprio secretário-geral do PCP, que apontava para a urgência da escolha de um candidato do campo democrático, o PCP parece não ter pressa já quanto às presidenciais...

OP — Reconhecemos a importância dessa batalha política mas, entretanto, destacamos que ela não é, actualmente, a questão mais imediata ou o ponto chave da vida política portuguesa. Quem quer que pondere com realismo os graves problemas do País, terá de concluír honestamente que a tarefa prioritária é derrotar o Governo (PS-PSD e criar condições para uma alternativa democrática. Antes de Dezembro de 85. Urgentemente.

PSD: «Subordinação»

D.L. — O líder parlamentar do PSD, Fernando Condesso, admitiu, recentemente, que o relacionamento entre o PS e o PSD, e inclusive a própria coligação, podem ser afectadas pela atitude dos dois partidos face às presidenciais. Que espera disso o PCP?

OP — Sem dúvida que isso pode acontecer, embora os democratas não devam ficar à espera que a coligação caia como mero reflexo da eventual agudização de contradições no seu seio.

Serão o desenvolvimento da luta popular e a iniciativa das forças democráticas que determinarão a derrota do Governo. Mas há outro aspecto que não pode ser esquecido nesta matéria. São os interesses comuns da direcção do PS e do PSD — o desenvolvimento da política de direita, com vista à restauração dos monopólios e latifúndios e à drástica limitação das liberdades e da própria democracia política — e o seu comum interesse em que esta ofensiva global seja completada com a conquista da Presidência da República.

D.L. — Mas como interpreta, então, as afirmações, ou previsões de Fernando Condesso?

OP — Não é de admirar que, na linha da clamorosa subordinação de Mota Pinto e do grupo dirigente do PSD à liderança de Mário Soares, a preocupação de diversas correntes do PSD seja apenas a de salvar a face desse partido, apresentando, eventualmente, um candidato próprio, mas com a ideia perfeitamente assumida de, numa segunda volta, ou mesmo na primeira, votar em Mário Soares contra um candidato democrático.

D.L. — Que balanço faz da última sessão legislativa da Assembleia da República?

OP — Extremamente negativo. E a responsabilidade pertence inteiramente aos partidos do Governo, PS e PSD, acolitados frequentemente pelo CDS que, depois de, muitas vezes no passado, terem endeusado o parlamentarismo, permitiram que a Assembleia fosse convertida numa obediente caixa de ressonância do Governo, esvaziada das suas competências, diminuída na sua capacidade de fiscalização, cega e surda aos dramáticos problemas do povo e do País. A maioria parlamentar mostrou-se tão incompetente, autoritária, divorciada do país real e empenmhada na recuperação capitalista, quanto o Governo que apoia.

FP-25

D.L. — A operação contra as FP-25 continua a ser um assunto «quente». Que pensa da evolução do assunto?

OP — Não temos elementos de informação que justifiquem qualquer nova apreciação da questão. Mantemos a opinião de que o Governo pretendia, principalmente, montar uma grande provocação contra o PCP e que, nesse aspecto, fracassou completamente. A operação terá acabado por atingir forças, elementos e actividades que, sob fachada esquerdista, têm sido prestimosos aliados da política de direita e de Mário Soares. Somos firmemente favoráveis a que, no respeito pela legalidade democrática, a acção da justiça possa fazer luz sobre as actividades terroristas, identificar e punir os responsáveis. Verse-á oportunamente se o Governo também pensa assim.

D.L. — O que levou o PCP a votar contra a lei de Segurança Interna?

OP – Naturalmente que a defesa dos direitos e liberdades dos cidadãos, a salvaguarda do regime democrático e da legalidade constitucional, a protecção da efectiva segurança dos cidadãos. Apesar do muito que já se disse e escreveu sobre a proposta de lei, continuamos a achar necessário acentuar que tal proposta não pode ser vista nem como uma primeira e acidental atitude do Governo PS/PSD contra as liberdades, nem como um seu deslize ocasional. Insere-se numa vasta ofensiva contra as liberdades e a democracia política e que abrange desde a intensificação da repressão contra os trabalhadores à manipulação da Comunicação Social estatizada, desde os golpes contra a autonomia e a democraticidade do poder local aos planos para alterar as leis eleitorais, desde a criação dos Serviços de Informação à lei sobre a «informática» etc. É indissociável de uma política económica e social apostada na resrauração dos monopólios e no reforço da exploração dos trabalhadores. É um instrumento ao serviço do plano de subversão do regime democrático consagrado na Constituição.

Uma derrota do Governo

«DL» – O que espera ver alterado na discussão na especialidade?

OP – Para já, gorou-se o plano governamental de rapidamente fazer aprovar e entrar em vigor a proposta de lei. É uma grande derrota do Governo. Em nossa opinião, o grande objectivo da luta contra esta proposta de lei não pode ser o introduzir-lhe alterações na especialidade – reais ou de fachada, muitas ou poucas – mas sim chumbar, inviabilizar, derrotar a proposta de lei e derrotar o Governo que a apresentou. O que faz falta para implementar as medidas necessárias à garantia da segurança dos cidadãos, da tranquilidade pública e da ordem e legalidade democráticas, não é uma «boa» lei de «segurança interna», mas vontade política dos órgãos de poder, a começar pelo Governo. Tendo em conta os objectivos do Governo e os planos, da reacção, uma lei de «segurança interna» – mais ou menos inconstitucionalidades — connos inconstitucionalidades, continuará voltada para a provocação e a repressão do movimento operário e dos adversários da política de direita.

«DL» – E que pensa do movimento popular e intelectual contra a lei?

OP – É um importantíssimo movimento de opinião e de luta, para cuja formação e alargamento muito contribuiu a enérgica acção do movimento operário e popular. É de grande valor e significado político a convergência e a unidade de vastos sectores e personalidades democráticas na luta contra a tenebrosa proposta governamental. O prosseguimento desta movimentação é uma condição fundamental para o êxito desta luta. Também consideramos positiva a repercussão que esta questão teve na Comunicação Social, embora a esse respeito, não possamos ignorar as tentativas de transformar alguns depitados do PS nos grandes «heróis» desta luta, os esforços para salvar a face de Mário Soares (apesar de toda a sua acção à frente de diversos governos e de ser o primeiro subscritor da proposta) e para silenciar o papel dos comunistas no combate à proposta de lei. No conjunto, trata-se de óbvias manobras para que a opinião pública não colha desta candente questão as duradouras ilações que ela permite tirar, tanto no plano político cono no plano ideológico.

Uma campanha anticomunista

«DL» – Como interpreta o aparecimento, nos últimos tempos, de livros, artigos e depoimentos fortemente críticos sobre aspectos da história do PCP?

OP – Trata-se não de contribuições sérias para o estudo ou a compreensão da história do PCP mas, verdadeiramente, de peças que ficarão a ilustrar a história do anticomunismo em Portugal. O que caracteriza fundamentalmente os materiais que estão a ser publicados, é a falsificação, a mentira, a deturpação, a calúnia sobre a actividade e a vida do PCP. São acções de guerra política e ideológica que, por um lado, servem objectivos permanentes do anticomunismo em qualquer parte do mundo, e por outro, servem em Portugal precisos objectivos políticos das forças reaccionárias e da política de direita. Não é certamente por acaso que a intensificação desta campanha (que procura apresentar o PCP como uma organização inimiga das liberdades) ocorre no preciso momento em que o debate da lei de Segurança Interna permitiu a muitos portugueses ver finalmente claro sobre quem, de facto, defende as liberdades e quem as ataca e quer destruir.

«DL» – Mas porque razão não responde o PCP a essa «campanha»?

OP – Não estamos interessados em dar troco a provocadores, a gente que perdeu o respeito por si própria e que renegou o seu passado, a pessoas que tendo mudado de campo por razões muito pouco elevadas, pretendem justificar-se agora com álibis de consciência. A uns e a outros, o que lhes dói é a força e a grandeza do passado e presente do PCP, o lugar que ocupa por direito próprio no regime democrático, o papel determinante que desempenha e que maior será ainda no futuro, ao serviço dos trabalhadores, da democracia e de Portugal.

CDS finge oposição

«DL» – Adriano Moreira adiantou há dias a previsão de que em 1985, poderá haver eleições legislativas antecipadas. É também essa a previsão do PCP!?

OP – O CDS pode fazer a previsão, mas isso não quer dizer que o deseje. É evidente que o CDS finge que é oposição, enquanto na verdade vai esfregando as mãos de contente com a política governamental, que aliás corresponde inteiramente aos interesses de classe por si defendidos. Para o PCP, não se trata apenas de prever mas de acentuar que a realização de legislativas antecipadas, antes das presidenciais, apresenta-se, não só como necessário, mas também como possível, provável e quase inevitável, no quadro da construção de uma alternativa democrática.

«DL» – Como?

OP – Porque, conseguindo-se a demissão do Governo e a formação de um novo governo que respeite a legalidade, será praticamente impossível manter em funções a AR com a actual composição. Pensamos que laboram num erro profundo aqueles democratas que diferem a questão da alternativa de governo para depois da vitória de um candidato democrático nas presidenciais. Uma tal orientação corresponderia a dar tempo ao Governo PS-PSD para arrasar completamente as conquistas democráticas, afundar o País e o povo ainda mais na crise e na miséria. Significaria também dar tempo ao Governo para se dotar de instrumentos repressivos e outros (alterações de leis eleitorais, etc.) para se manter no poder e impedir uma viragem política. A conjuntura actual é muito favorável para uma alternativa e para decisões que a viabilizem. Certos exercícios de tacticismo e calculismo são incompatíveis com a gravidade dos problemas do povo e do País e com a premência de lhes dar solução.

Recado?

«DL» – Isto é recado para alguém?

OP – Não. E apenas a reafirmação de uma ideia que, no momento presente, nos parece crucial, olhemos de frente o País e os seus problemas: o povo e os seus dramas e dificuldades; o desastre para onde a política de direita conduz e empurra o País; a corrupção e o saque da economia nacional; a aflitiva degradação da situação social; as liberdades em perigo; os golpes na independência nacional.

Perante tudo isto, e o mais que se sabe, achamos que os democratas não devem deixar para amanhã o que o interesse do País reclama que seja feito hoje, ou pelo menos, o mais depressa possível.

«DL» – Aparentemente dir-se-ia que o PCP este Verão está menos activo. Confirma essa ideia?

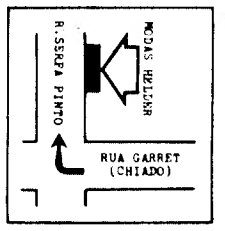
OP – Nem por sombras. Acontece sim é que na vida política nacional, sobretudo através de órgãos da comunicação social criam-se muitas aparências e escondem-se muitas realidades como por exemplo, as actividades e posições do PCP. Neste Verão, como aliás em qualquer outra época época do ano, o PCP desenvolve uma actividade que não tem qualquer paralelo com outros partidos. Além da actividade que regularmente ocontinuamos a desenvolver em todos os sectores da vida nacional, preparamos intensamente a próxima Festa do «Avante!» que voltará a constituir a maior manifestação de massas, de carácter político, artístico e cultural, que se realiza em Portugal e que, só por si, é um espelho das raízes populares, da força, influência, capacidade de realização e espírito criativo do PCP e dos comunistas.

Eugénio Alves

MODAS HÉLDER
1.º ANIVERSÁRIO
SALDOS ESPECTACULARES

FATOS PARA HOMEM	a partir de	4650$00
CASACOS SPORT	a partir de	2500$00
CALÇAS	a partir de	850$00
CAMISAS	a partir de	795$00
BLUSÕES		1650$00

RUA SERPA PINTO, 14-A e B
LISBOA (Ao Chiado)



ensino

Escolas da Zona Sul – abrem ou não no próximo ano lectivo?

A proximidade do início de um novo ano escolar, desperta, naturalmente, a atenção e a expectativa de grande número de portugueses, envolvidos directa ou indirectamente pelo nosso sistema escolar (mais de dois milhões directamente ou indirectamente todo o tecto social português).

Os próprios governantes – afirma o Sindicato dos Professores/Zona Sul – sentem a importância do momento e aproxima-se a altura em que o Ministério da Educação lançará a sua campanha de intoxicação da opinião pública, afirmando que tudo irá «decorrer em condições normais» – e, como é hábito, enunciará as «medidas que se tomaram» no sentido de «ultrapassar» as dificuldades que há um ano atrás porventura existiam.

Entretanto — acentua aquele sindicato —, a realidade é bem diferente».

Ao terminar este ano lectivo, o Sindicato dos Professores pelo breve balanço que sobre o mesmo fizeram, concluiram ter sido este o «pior de todos os anos lectivos», durante o qual nada do que «transitou» do anterior foi resolvido e onde necessariamente tudo se tornou mais gravoso.

Na Zona Sul, e ainda sem estar terminado um balanço exaustivo da situação, as previsões para o proximo ano lectivo sao efectivamente preocupantes face ao agravamento verificado nas condições de estudo e de ensino no Alentejo e Algarve precisamente no ano que findou.

Perguntas do sindicato acima referido:

Em que condições vão abrir as escolas do Sul? Para quantos alunos não vão as escolas abrir? o que foi ou será feito para contrariar o altíssimo nível de insucesso escolar dos estudantes do Sul?

A todas estas questões o Sindicato dos Professores da Zona Sul dará muito em breve à resposta adequada e pormenorizada, mas entretanto o caso da Escola Preparatória de Nisa é já um exemplo do que foi a propaganda, a demagogia e a incompetência governamental durante o ano anterior.

Face à situação existente, o Conselho Directivo da Escola Preparatória de Nisa (onde funciona o ensino unificado) a Câmara Municipal e as Comissões de Pais estão decididas a não abrir a escola no ano lectivo que brevemente se apresenta.

Seabra: até 25 de Setembro professores vão estar colocados

O ministro da Educação José Augusto Seabra considerou «exageradas» as afirmações de alguns responsáveis sindicais, segundo as quais vários milhares de alunos vão ficar sem aulas na abertura do ano escolar.

Seabra, que falava no programa «Cartas na Mesa» da Rádio Renascença afirmou que até 25 de Setembro os professores vão estar colocados nas Escolas «embora possa ainda haver alguns casos em que se registe atraso».

«Devemos acabar de uma vez para sempre com a situação que faz com que se encare a abertura das aulas como um drama ou um psicodrama em que alguns procuram pôr em relevo as dificuldades apenas por razões de contestação» – disse.

Mas será apenas por razões de contetação...? – perguntará o leitor.

Para Augusto Seabra, «é necessário corrigir algumas situações como aquelas que determinam melhores colocações para os professores supletivos.

Anunciou ainda estar em preparação um Estatuto de Docente do Ensino Não Superior que terá em linha de conta as qualificações de forma a atribuir «melhores colocações a quem tiver prestado melhores serviços».

O ministro da Educação garantiu também que no próximo ano lectivo será mantido o programa de abastecimento de leite ite às escolas devido a um auxílio concedido pela Embaixada dos Estados Unidos.

Promessas em Chaves

Entretanto, o ministro da Educação anunciou em Chaves a criação para 1985 dos Centros de Orientação Educativa, no âmbito do Ensino Técnico Profissional.

José Augusto Seabra, que se deslocou a Chaves a convite da edilidade local, visitou as instalações escolares da cidade e verificou localmente a urgência da construção de um novo edifício para o Ensino Secundário.

O ministro, que recebeu a medalha de ouro da cidade na sessão de boas-vindas, anunciou também a criação do Curso Técnico de Manutenção Mecânica em Chaves.

CHIMENE

LIQUIDAÇÃO TOTAL ATÉ 31/8

A SEGUIR VAMOS PARA OBRAS

FATOS PARA HOMEM ..... a partir de 4.650$00
CASACOS SPORT ..... » » » 2.500$00
CALÇAS ..... 850$00
CAMISAS ..... a partir de 450$00

RESTOS DE COLECÇÕES EM ARTIGOS DE SENHORA

A PREÇOS EXCEPCIONAIS

RUA DA PRATA, 215/217 — LISBOA

A Marinha Grande ainda tem fôlego

A luta do Sindicato dos Vidreiros

Já fizemos tudo

Lurdes Féria

Finalmente tiveram a homenagem merecida, o reconhecimento público — a memória que se perpetua no futuro. Ali, num cruzamento ajardinado da Marinha Grande, o monumento evoca as lutas, vitórias e derrotas, travadas pelo operórios vidreiros ao longo do tempo. É apologética esta peça do mestre Joaquim Correia, em que a cana de sobrar o vidro e a espingarda são empunhadas como símbolo de violência — a violência do combate, a violência do trabalho.

«Ficamos satisfeitos com o monumento», diz a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira.

No número treze, da Rua 18 de Janeiro, dois elementos da direcção do Sindicato (Ernesto Marques e Abílio Jordão) e o consultor económico daquele organismo, dr. Teixeira Cardoso, aguardavam-nos. Para eles a crise não é um polvo que tentacularmente se tenha apoderado de todas as empresas, sendo em alguns casos **«mais fictícia que real».** Denunciam a atitude selectiva do Governo face a certas empresas, em detrimento de outras mais carentes, o que traduz uma intenção, um cálculo talvez político. **«No fundo o Governo limita-se a conceder subsídios que depois não controla. Tem havido, de facto discriminação. Há empresas que nunca conseguiram apoio ou se o tiveram, veio tardiamente, ao contrário de outras a quem bastou um simples papel ou uma conversa para que o subsídio viesse num curto espaço de tempo».**

Pressionad pela luta dos trabalhadores, o Governo encomenda **à Profabril** um estudo que lhe custou perto de 5000 contos. A partir dele era possível viabilizar os sectores de cristalaria e garrafaria.

Entretanto está arrumado numa gaveta do Ministério da Indústria provavelmene á espera de ter pernas para andar. **«Em conversa, o secretário de Estado, Carvalho Carreira, comentou que se o Governo não fôr capaz de resolver os problemas do vidro também não será capaz de resolver os problemas do País».**

Seria abusivo e desmerecedor de crédito espalhar, aos quatro ventos, que na Marinha Grande se morre de fome. Não é bem assim. Mas imaginemos com que custos sobrevivem os trabalhadores que não recebem salários **«Muitos deles já tiveram que vender o oiro e outros objectos de valor que possuíam».** Frisemos este ponto focado pela direc-

Ainda se vai, criança, para o trabalho do vidro

Demagogia

Ainda recentemente, Veiga Simão esteve na Marinha Grande, visita a que os órgãos da comuncação social deram especial significado, como se o ministro possuisse o condão, o poder mágico, de anular as dificuldades do vidro. Como se as medias que urgem ser tomadas fossem dadas pelo titular da pasta da Indústria, como certas.

«Demagogia» — afirma o Sindicato incrédulo. Eis a sua leitura da visita: **«Tinha como objectivo buscar um pouco de vida para um Governo à beira da queda, lavar-lhe a cara suja... Aliás o ministro nem sequer prometeu nada. Apenas se mostrou aberto ao diálogo, defendeu teses muito gerais sobre a política do seu Ministério quanto ao sector. A única coisa como certa parece ser o subsídio que a Fábrica Escol vai receber».**

Aparte o teatro dos ministros, a eloquência dos discursos, a verdade é que na Marinha Grande estão cinco empresas, encerradas e, a nível nacional, oito. A verdade é que há 1400 trabalhadores empregados e que as dívidas do Estado, no respeitante a salários, atingem os 395 mil contos, excluindo a Empresa Vidreira de Fontela. **«O ministro não trouxe 800 mil contos como garantia a imprensa. Nem mesmo trouxe medidas concretas nem realizáveis. Três semanas após a sua visita nada foi alterado... é bom que se diga».**

Um velho resistente

Ele consubstancia uma geração de vidreiros, temperada a ferro e fogo. É um dos que o monumento presta homenagem. O que sabe foi obtido num longo tirocínio de luta, em que o 18 de Janeiro se ins creve. **Baridó,** este o seu nome, esteve preso, participou um inúmeras refregas e resistiu a tudo. Ainda vive e com a suficiente lucidez para memorizar. **«Vivi perídos muito duros, os vidreiros da minha idade, como dizia o Soeiro Pereira Gomes, nunca foram meninos».**

É um velho militante comunista, causa que ainda defende.

Com seis anos já trabalhava, ir à escola era um luxo que lhe estava vedado. **Há, por isso, na minha geração, muito analfabetismo».** Tempos sombrios, agravado pela Constituição de 1933, mocidades desbaratadas em clandestinas guerras contra a repressão. A crise nos anos vinte e trinta, veiculada pela Guerra, apertava. Porém, os trabalhadores do vidro tinham três associações de classe, sendo a mais expressiva e de tendência anarco-sindicalista. Mais tarde, em 1929, o Partido Comunista reorganiza-se e, dois anos depos, surge o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria vidreira que, segundo Baridó, **Inicia uma luta impar».** Dessa época sobressai a **luta das alpercatas,** ou seja, a rendição dos patrões perante uma reivindicação justíssima. Foram obrigados a pagar as alpercatas que os operários usavam no labor do forno.

Porque a Constituição de 33 proibia as organizações sindicais, os operários vidreiros arriscam uma luta com o celebérrimo 18 de Janeiro. **Caímos na luta armada por influência dos anarquistas, o que nos trouxe consequências muito graves»** Vencidos, na aparência, colocaram-se. **Entretanto o Sindicato acaba por ser orientado pelos industriais com a cobertura da polícia política»,** relata Baridó.

Quando Salazar morre o seu sucessor, afrouxa as rédeas do regime, os trabalhadores aproveitam a maré para solidificar a sua organização.

Hoje, a crise. Sempre a crise, com o espectro do desemprego. o nosso atraso tecnológico no vidro e...também (verdade se diga) um certo abandalhadamento profissional, **«O operário já não tem o brio que tinha,** tudo isso junto configura a crise. Transitória? É o que vamos ver.

Baridó, de fora, observa – o que poderá fazer um velho combatente na reforma?

para soprar? • A Marinha Grande ainda tem fôlego para soprar?

Homenagem ao vidreiro, uma escultura de Joaquim Correia

ção do Sindicato. Ainda mais: deve haver alguns trabalhadores subalimentados para não disporem de hortas ou de empréstimos capazes de os aguentar na travessia deste período.

Para a decadência do vidro, acha o Sindicto que contribuem diversas causas. Uma das que maior incidência tem no sector do vidro manual, é aquilo a que chama **«descapitalização nos últimos vinte anos»**. Os patrões ostentam uma mentalidade obsoleta, inadequada ao momento em que vivemos. **«Deixaram degradar a maquinaria, as instalações e continuam presos a métodos de produção antigos. Quanto a nós a recuperação do sector manual só é possível com o apoio das entidades governamentais. Se os apoios não forem fortes e rápidas algumas empresas de cristalaria têm de fechar».**

Em primeiro lugar, o Sindicato, pensa que convém **«cuidar da formação dos empresários»**. Aqueles com quem lidam, na generalidade, têm a cabeça cheia de teias de aranha. Não a usam. Ou são reciclados ou o melhor, é desistirem. Os que se queiram salvar, terão de sofrer uma transfusão de ideias. Todavia, preconizam outras medidas, a par do arejamento mental dos patrões. **«A reestruturação da cristalaria passa por investimentos da area fria e dos fornos das empresas. Há, por outro lado, que baixar os custos do combustível. Poque não se procura instalar energias alternativas como a lenha, pois está visto que o Fuel-oil resulta caríssimo?»**

Defende o sindicato que os investimentos, quer na área quente quer na fria, iriam melhorar a qualidade do vidro, condição imprescindível para a exportação. **«Doutra maneira a nossa apregoada entrada na CEE (essa desgraça!) vai rebentar com o sector na medida em que não temos hipóteses de competir nos mercados internacionais».**

Na garrafaria também existem mazelas, cuja cura, no entender do sindicato não se obtém através de papas de linhaça. Exige cuidados de alta medicina. Modernizou-se, automatizou-se graças a poderosos investimentos que enterraram as empresas em dívidas. **«Isto está a provocar a sua asfixia. Em 74 e 75 investiram mas com o recurso do crédito e agora têm de pagar elevadas taxas de juro».**

Mais de 500 mil contos investiu, em apetrechos, a Vidreira de Fontela. Bem dotada, bem situada geograficamente, no entanto, parou. Desde Julho de 1982, de acordo com o s números fornecidos pelo sindicato, esta empresa deve aos trabalhadores 280 mil contos. Já deu muito que falar; foi palco de muita luta.

De resto os trabalhadores vidreiros, nos últimos anos, têm sobressaído, no panorama nacional, pela briga a que se devotaram: **«Já fizemos tudo... só nos falta fazer uma manifestação de apoio ao Governo. Paralisações, ocupação de bancos, cortes de estrada e de linhas ferroviárias, manifestações... tudo já experimentámos. Se não tivéssemos lutado ainda estavamos pior. No caso da CIVE, andámos (de Janeiro de 1983 até há dois meses) sem receber salários, a negociar os postos de trabalho. Por fim o pedido de empréstimo, no valor de 110 mil contos, foi desbloqueado, com uma demora de 11 meses. Claro que o subsídio veio porque lutámos... A IVIMA também nos tem pago à força de luta».**

Mas em termos de escândalo, a Manuel Pereira Roldão ultrapassa tudo. As asneiras, as corrupções foram de tal ordem que a empresa está quase desfeita. Quando, em 1974, os titulares da empresa a abandonaram, os trabalhadores deitaram-lhe a mão, indo para o sistema autogestionário. Adquiriram um forno novo, material vário, camiões, etc. Fase interrompida (ou melhor: cortada abruptamente pelo Governo de Mário Soares. Um pequeno problema: não havia a quem entregar a fábrica. Por fim, descobre-se um indivíduo, cujo perfil não correspondia, por nada, ao que se exige a um empresário. Entra Arnaldo Freitas na Manuel Pereira Roldão e acontece o descalabro.

Não obstante a conjuntura adversa, os trabalhadores evitaram que as empresas Manuel Pereira Roldão, CIVE, Fábrica Escola e até a IVIMA fechassem. Impuseram não só a sua laboração como o pagamento dos salários – salários que, neste momento, estão desactualizados, 26 contos é a média praticada. **«No entanto a seguir ao 25 de Abril pode-se dizer que, no âmbito da contratação, tínhamos os melhores salários da indústria».**

Voltemos ao ponto de partida: e a crise? Como debelá-la? Os trabalhadores indicam algumas medidas, dependentes da vontade política dos governos. Destacam a necessidade de taxas de juros bonificadas, de subsídios às matérias-primas e combustíveis, em paralelo com a travajam das importações, sobreutod as clandestinas. Preconizam, ainda, a reestruturação das empresas e, evidentemente, apoios financeiros com vista à sua manutenção. **«Achamos que o Governo poderia basear-se no estudo da Profabril».**

Assim se poderá salvar o vidro, impedir a falência do pequeno e médio comércios, a perda de uma indústria que insufla, na economia nacional, cerca de um milhão de contos por ano.

Situação financeira das empresas

Temos a IVIMA, com 1119 trabalhadores, a Pereira Roldão, com 431, A J. Ferreira Custódio, com 216, a Dâmaso L. Santos, que apresentam gráficos negativos e uma acumulação de prejuízos bastante elevada. Em suma: estão tecnicamente falidas, aliás como acontece com a Fábrica Escola. Quanto à Favilda, Labal, Gaivotas (esta de Lisboa) e Pousos também se encontram falidas, para além de paralisadas. Quem vende saúde é a CRISAL de Alcobaça. A única empresa que tem registado lucros, nos últimos anos. Deve ser a excepção que confirma a regra.

As vicissitudes de Manuel Pereira Roldão

Nenhuma empresa da Marinha Grande reflecte melhor o estado deste País e as vicissitudes que tem atravessado do que a Manuel Pereira Roldão. É, um pouco, o seu espelho. Espantoso como se pode fazer tanta aldrabicce impunemente! Antes do 25 de Abril a empresa pertencia a um homem, Adriano Roldão, na altura presidente da Câmara, que mal os trabalhadores levantavam cabelo chamava a PIDE.

Termina este período e aparece em cena Manuel Pereira que compra a empresa, ao que se seguem conflitos laborais sérios.

Era tal a confusão que os trabalhadores resolvem auto gerir a empresa. Sol de pouca dura, pois Mário Soares não suporta ver os trabalhadores em tais funções.Então, entrega a fábrica a um arrivista, vendedor de vidros, que teve naquela proposta a oportunidade de enriquecer rapidamente. O que faz? Usando a gíria dos gestores, digamos que Arnaldo Freitas desnata a empresa, suga-lhe o sangue, e espreme-lhe o sumo.

A sua ideia era extrair da empresa todo o lucro possível, sem querer saber das consequências. Começa por vender, a baixo preço, um stock de 50 mil contos em vidro, produzido no tempo das anteriorees administrações, à medida que como vendedor conhecia perfeitamente os meandros da comercialização. Óbviamente que, para além do alto salário de administrador, recebia uma choruda comissão das vendas. Entretanto, firma um contrato de viabilização com o Governo que lhe permite **«sacar»** 130 mil contos, desconhece-se que por portas e travessas, que compadrios nos Ministérios lhe facilitaram esse privilégio.

Quanto, aos trabalhadores, nicles. Esperavam meses pelos salários. Há, contudo, quem garanta que Arnaldo Freitas, da quantia referida, meteu no bolso perto de 9 000 contos. Consta que depositou esta importância no Banco, dando ordem para que os juros revertessem para a sua conta pessoal. Mas há também quem diga que desviou muitíssimo mais dinheiro. A verdade é que o Ministério do Trabalho abriu um inquérito para averiguar até que ponto estas acusações são ou não verdadeiras.

Ora, os inquéritos neste País, normalmente, ficam emperrados no segredo dos deuses. Deste nada se sabe. Ora, este homem, foi baleado pelas FP-25, de manhã cedo, quando saía de casa. Por milagre não morreu. **«Quem tem a culpa disto é o Governo... afinal quem interveio, num sentido moralizador, foi essa organização armada»**, comenta um empresário dos moldes.

fensiq

SOPONATA

AOS TRABALHADORES PORTUÁRIOS, MARÍTIMOS, DE TERRA E REFORMADOS DA MARINHA MERCANTE

CONCENTRAÇÃO NACIONAL

JUNTO AO MINISTÉRIO DO MAR
DIA 28 DE AGOSTO DE 1984
(3.ª-FEIRA)
PELAS 18.00 HORAS

Aprovada em Plenário Nacional, com as seguintes palavras de ordem:

- CONTRA A PIRATARIA INTERNACIONAL/CONSTRUÇÃO NACIONAL
- CONTRA A CORRUPÇÃO/EXIGIMOS BOA GESTÃO
- CONTRA O DESEMPREGO/NAVIOS NACIONAIS
- UM MESMO SECTOR/UM MESMO CONTRATO
- CONTRA O REGIME SUCEDÂNEO/O CONTRATO INTEIRO
- OS REFORMADOS NÃO PODEM SER DESPREZADOS.

E tendo os seguintes objectivos:

Revogação dos Regimes Sucedâneos e aplicação nas CNN e CTM de instrumentos regulamentadores de trabalho livremente negociados; defender a continuação do pagamento das pensões complementares de reforma e sobrevivência; e manifestar publicamente o inequívoco apoio à Plataforma entre CT's/Sindicatos.

A COMISSÃO EXECUTIVA DAS CT's E SINDICATOS DO SECTOR DA MARINHA MERCANTE EM REPRESENTAÇÃO DE:

ARPEMM – Associação de Reformados e Pensionistas da Marinha Mercante
Comissões de Trabalhadores da CTM, CNN e SOPONATA
FENSIQ – Federação Nacional dos Sindicatos de Quadros
Sindicato dos Conferentes de Cargas Marítimas de Importação e Exportação dos Distritos de Lisboa e Setúbal
Sindicato dos Engenheiros da Região Sul
Sindicato dos Estivadores da Região de Lisboa e Centro de Portugal
Sindicato dos Foguetros de Terra e da Mestrança e Marinhagem de Máquinas da Marinha Mercante
Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Portugal
Sindicato da Mestrança e Marinhagem de Câmaras da Marinha Mercante
Sindicato dos Oficiais e Engenheiros Maquinistas da Marinha Mercante
Sindicato dos Profissionais do Serviço Social
Sindicato dos Quadros Técnicos da Empresa
Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, Comércio e Serviços
Sindicato dos Trabalhadores de Terra da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca
Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego Portuário de Lisboa e Centro de Portugal

COMISSÃO EXECUTIVA DAS CT'S E SINDICATOS DO SECTOR DA MARINHA MERCANTE
MORADA: INSTALAÇÕES DA CT DA CTM – CAIS DA ROCHA CONDE DE ÓBIDOS – LISBOA

de ontem para hoje

Agricultor matou a mulher e escondeu o cadáver

UM agricultor, Adão Ferreira Dias, de 33 anos, foi preso pela GNR e entregue ao Tribunal de Vila Nova de Gaia, sob a acusação de ter assassinado a mulher, a golpes de enxada, e de ter conservado o cadáver em casa durante dois dias, sem que a vizinhança e os seus familiares se tivessem apercebido do sucedido. O corpo de Maria da Conceição Ferreira Fernandes, de 34 anos, foi descoberto pela sua mãe quando se propunha visitá-la na noite da passada sexta-feira. De acordo com as declarações do homicida, o crime teria sido cometido na quarta-feira na sequência de uma discussão ocorrida na residência do casal, no lugar de Raposa, freguesia de Pedroso, no concelho de Vila Nova de Gaia.

À espera da PJ de Setúbal

A Polícia Judiciária de Setúbal continua a investigar as circunstâncias em que ocorreu a morte do cobrador Luís Filipe Cunha Garrido, de 22 anos, solteiro, cujo corpo foi descoberto na madrugada da passada terça-feira, após um incêndio numa residência da Baixa da Banheira. Segundo os Bombeiros da Moita que ocorreram ao local, o jovem estava «deitado na cama, com o tronco e a cara queimados, a sangrar, pela boca e pelo nariz, e com alguns dentes partidos, apresentando ainda sinais de espancamento noutras partes do corpo». Vizinhos diriam ter visto Luís Filipe entrar horas antes na residência com dois outros jovens, um dos quais teria sido mesmo identificado. Falou-se em ajuste de contas, devido a questões relacionadas com o tráfego e consumo de droga, numa versão que os pais da vítima contestam vivamente. Espera-se assim que a PJ divulgue, a breve prazo, os resultados das suas diligências, para que a verdade dos acontecimentos possa ser tomada transparente.

Incêndio numa mata em Portimão

Oito hectares de pinheiros, eucaliptos e outra vegetação, foram destruídos pelo incêndio que ontem deflagrou no sítio do Ramalho, em Portimão. O sinistro cuja origem se desconhece, não chegou a ameaçar nenhuma das vivendas existentes na zona, tendo sido combatido pelos bombeiros de Portimão, Silves e Monchique.

Acidente com carro roubado

Um morto e um ferido é o balanço de um despiste ocorrido cerca das 18 e 45 h de ontem junto ao viaduto Duarte Pacheco, no desvio para a Ponte «25 de Abril». As vítimas foram Carlos Fernandes Mourato, de 25 anos, natural de Odivelas que chegou já morto ao Hospital de S. José e Jorge Manuel Pereira da Costa, de 28, nascido em Lisboa que sofreu ferimentos ligeiros, O acidente originou um engarrafamento de trânsito naquele acesso à capital. A PSP informou, entretanto que o carro sinistrado tinha sido roubado recentemente e que os dois ocupantes já tinham cadastro.

Carbonizado pelo fogo que ateou

Um operário da construção civil aposentado morreu ontem carbonizado pelo fogo ateado pela vela com que se iluminava no quarto que ocupava em Ramada (Odivelas). Agostinho da Conceição dos Reis, de 73 anos, vivia sobrevivendo de uma reforma mensal de 3500 escudos.

O caso do posto da PSP de Valpaços

O ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, afirmou ontem que o PSD defende a manutenção do posto da PSP de Valpaços, que, como se sabe, o ministro da Administração Interna e Almeida Bruno querem encerrar. Não deixa de ser controversa a posiço do PSD, quando se sabe que foi o então comandante-geral da PSP, general Lopes Alves, mais tarde afastado por pressão de Sá Carneiro, quem criou o posto de Valpaços. E que a atitude de pretender fechá-lo, ao que já foi afirmado, teria como intenção «desfeitear» Lopes Alves, que é natural de Valpaços.

Casal de emigrantes vitimado

Em França, perto de Pissos, nas Landes, um casal de emigrantes portugueses morreu no despiste do automóvel em que seguia, tendo ainda ficado feridos, embora sem gravidade os seus três filhos. António Pereira, de 45 anos, e a mulher Maria, de 34, residiam em Romilly-sur-Seine, aonde regressavam após férias em Portugal.

Assalto em Malveira da Serra

Desconhecidos aproveitando a ausência dos locatários, assaltaram, este fim-de-semana, uma residência em Malveira da Serra, de onde levaram uma pistola, uma espingarda caçadeira e vários objectos de som, tudo no valor de 2500 contos. Só a espingarda foi avaliada pelo seu proprietário em 800 contos. Os assaltantes entraram na residência por arrombamento de uma das janelas.

Com cinco estrangeiros a bordo

Naufrágio de iate nos Açores num mar infestado de tubarões

O Comando-Naval dos Açores e a Força Aérea da Base das Lajes deram esta manhã por concluídas as operações de busca de sobreviventes do iate «Bringham». Até ao momento, as autoridades marítimas portuguesas ainda não conhecem a identidade das vítimas (possivelmente cinco) nem a nacionalidade do iate, (inglês ou norte-americano) cujos destroços foram vistos a cerca de 150 milhas de Ponta Delgada, numa zona infestada de tubarões.

Apesar das hipóteses remotas de encontrar sobreviventes mas apenas na tentativa de descobrir elementos para a sua identificação, a Armada portuguesa ainda mantinha no local, à hora do fecho do nosso jornal, a corveta «Afonse Cerqueira».

Uma pequena motora, a «Suzana», virou-se ontem ao largo de Cortegaça, mas os seus seis tripulantes conseguiram alcançar a praia a nado. A embarcação, de cinco metros de comprimento, mais tarde recuperada pelos Bombeiros de Esmoriz, ficara com o motor avariado a cerca de 150 metros da praia, tendo então sido apanhada pela rebentação que a virou.

Logo na primeira pega por "um manso"

Cinco forcados colhidos numa tourada em Cascais

Cinco forcados do Grupo do Aposento da Moita tiveram de ser hospitalizados após colhidas graves na tourada ontem realizada na Praça de Toiros de Cascais. Um responsável pela corrida disse que tudo se passou logo no primeiro touro considerado manso. «Mas quando a pega começou o animal arrumou-os a todos e nem chegou a ser pegado».

Os forcados mais feridos, embora já livres de perigo, são Nuno Pardelho, fractura das costelas e pleura do pulmão, que recolheu ao Hospital da CUF, e Tomás dentinho, fractura nos ossos do nariz, e Álvaro Franco, contusões diversas, que deram entrada no Hospital de S. José.

Dois mortos em explosão de carro francês

Um homem e uma mulher, ainda não identificados, morreram carbonizados, cerca das 21 horas, pelo de Estremoz, quando o automóvel «Citroen Visa» em que seguiam, de matrícula francesa, explodiu ao ser violentamente abalroado na parte de trás por um outro carro que depois se pôs em fuga.

O veículo causador do acidente, um «Citroen CX», deslocava-se a alta velocidade, e nele viajavam indivíduos cuja posterior detenção não foi confirmada ao «DL» pela GNR, ao contrário do que era referido num matutino de a capital. Também nada indica que, tal como referia a notícia, os mesmos fossem de «raça cigana».

Segundo a GNR, a explosão do veículo teve lugar junto a um posto de reabastecimento da «Sonap», na Estrada Nacional n.º 2, que liga Estremoz a Elvas.

Erro judiciário custou-lhe 51 dias de prisão

A "pouca sorte" de se chamar Mateus

Sem qualquer prova material, mas apenas por supostas declarações depois não confirmadas, de alguns dos arguidos no processo (tráfico de haxixe), um jovem da Póvoa de Varzim, Carlos Alberto Mateus do Nascimento, esteve detido 51 dias, acabando por ser ilibado no Tribunal de Viana do Castelo, por acórdão lido em 3 do corrente. Porqye, exemplar, da forma como neste momento se faz (in)justiça em Portugal, sobretudo ao nível da investigação e da Instrução Criminal, iremos narrar os passos decisivos deste caso preocupante, com base em elementos (e considerações) que nos foram fornecidos (devidamente documentados) pelo patrono do réu, dr. Morais da Fonte.

Comecemos então: Carlos Alberto Mateus foi preso pela PSP na sua residência, no dia 15 de Junho, tendo sido conduzido ao Tribunal de Viana do Castelo para notificação do despacho de pronúncia cuja cópia lhe entregaram. de seguida foi levado para a cadeia daquela Comarca, e dali para Custoias, onde esteve até ao início do julgamento.

Mas para que Carlos Mateus (inocente) fosse preso houve quem errasse. Quem? A palavra para o dr. Morais da Fonte: «A Polícia Judiciária que não conduziu bem a investigação, ao cometer erros de palmatória, actuando como se estivesse ao serviço de um Estado Policial e não de um Estado de Direito».

«A facilidade, impunidade e leviandade investigatória — disse ao «DL» o dr. Morais da Fonte — com que a PJ lançou o nome de Carlos Alberto Mateus no processo, fazem arrepiar os cabelos, estremecer de insegurança o mais afoito, o mais honesto dos cidadãos. Muitas vezes me foi dito pelos próprios colegas que intervieram no julgamento: «Que sorte a gente não se chamar Mateus!»

O advogado de defesa, dr. Morais da Fonte, que descreveu para o «DL» as graves lacunas existentes no processo

Carlos Alberto Mateus: a PJ confundiu-o com um traficante de droga «alto, loiro» e como ele também chamado Mateus

Passagem pela fronteira

Mas passemos aos factos e aos indícios carregados para os autos, seguindo uma vez mais a óptica (narrativa) do dr. Morais da Fonte: A Polícia Judiciária a folhas 787/V do seu relatório final diz o eguinte: «Verificou-se que Jorge Alberto Rodrigues Pereira, «O Pinóquio», era um dos patrões da droga e que entre outros levou como seu «correio» o Bessa, a Maria José Bessa Rocha, a Júlia Pinto Sousa, o Alcino Sousaa e um indivíduo que é referido nos autos como sendo «alto, loiro e com 21 anos», que, tendo sido identificado, se apurou tratar-se de Carlos Alberto Mateus do Nascimento». Só que a PJ nunca identifcou Carlos Alberto Mateus, tal como o reconheceu em Tribunal identificou Carlos Alberto Mateus, tal como o reconheceu em Tribunal o próprio encarregado da investigação, agnte Nunes. Logo a PJ ognorou, pura e simplesmente, o Artigo 243 do Código de Processo Penal. Isto é, a PJ nunca levou para reconhecimento o Carlos Alberto à presença das três pessoas que tinham fornecido os únicos indícios ao processo e que foram as seguintes: arguida A — que o indivíduo que a acompanhava era um indivíduo alto, de cabelo louro, com cerca de 21 anos; arguida B: — quando estavam a bordo do barco que os trazia para Algeciras encontraram F... que estava acompanhado de um outro indivíduo da Póvoa de Varzim; arguida C — quando atravessavam no barco para Ceuta, encontraram dois indivíduos da póvoa de Varzim, um de nome Armando e outro que apenas sabe chamar-se Mateus.

Face a estes microscópios indícios impunha-se à PJ que procedesse ao reconhecimento de identidade de Carlos Alberto Mateus. Ou seja aquilo que depois foi feito em julgamento, onde todos os réus, sem excepção, alegaram que não o conheciam de parte alguma. Até por que a PJ, tal como ficou provado em Tribunal, não dispunha de quaisquer outros indícios, nem tão-pouco existiam registos da passagem pela fronteira. Com uma agravante: no processo estava suficientemente indiciado, pelos restantes réus, um outro Mateus que passou a fronteira cerca de dezasseis vezes.

Pois, e apesar de tudo isto, a PJ não hesitou em concluir que o tal indivíduo alto, loiro, de vinte e poucos anos era o Carlos Alberto Mateus, um cidadão sem cadastro, e sem o nome no ficheiro de qualquer Polícia.

Mais tarde em julgamento o próprio delegado do Procurador da República pediu a absolvição do réu. Limitando-se assim a corrigir um grave erro judicial. Pelo que Carlos Alberto Mateus do Nascimento acabou por ser naturalmente absolvido pelo colectivo presidido pelo dr. Luciano Cruz.

Danos morais e materiais

A finalizar, o «DL» ouviu Carlos Alberto Mateus (filho de um funcionário da Guarda Fiscal), sobre as consequências materiais e morais, resultantes deste processo injusto, que nos disse: «Para já deixei de trabalhar, logo estive 51 dias sem salários e ainda não sei quem me irá indemnizar. Estes os reflexos materiais mais imediatos. Quanto às consequências morais irá ser difícil convencer todas as pessoas das minhas relações de que estava efectivamente inocente, ficando assim com uma carga negativa no agregado populacional em que me integro, ou seja na terra onde nasci. Depois, nas duas cadeias onde estive, sobretudo na de Custoias, senti-me marginalizado e sujeito a contactos com todo o tipo de reclusos, desde assassinos a violadores, não contando já com a incorrecção agressiva da maioria dos guardas prisionais».

Pois é prezados leitores: a história que acabamos de descrever, apenas em linhas gerais, não é um filme de ficção mas sim uma realidade vivida por um cidadão português, em Portugal, já no dealbar do século XX e num País com uma Constituição reconhecidamente democrática. Passou-se na área dos delitos chamados comuns. Só que (o caso das «FP-25» aí o está para o provar), Kafka também já mora na circunscrição da «jurisprudência» política. Asfixiante e envolvente, no mínimo!...

Manuel Geraldo

Douro "mexe" todos os anos por esta altura

Vêm aí as vindimas com exigência de melhores jornas e comida

Proporcionam, a turistas particularmente interessados, imagens de grande beleza e algumas sensações para contar depois. Produzem, na condição de elementos da engrenagem, uo dos melhores vinhos do mundo. Mas são, apercebem-se disso, dos trabalhadores mais explorados, mesmo no sector da agricultura em uue se inserem.

Os trabalhadores das vindimas já deram belas páginas na nossa literatura. O seu número é difícil de calcular, tais as condições em que o trabalho é desenvolvido, quase sempre sem qse sequer se façam descontos para a Previdência ou outros considerados regulares. Meio milhar de «seus» representantes reuniram-se, ontem, em Lamego, tentando estabelecer reivindicações mínimas para a campanha que se aproxima.

Se houver viabilidade na aplicação prática das exigências ali estabelecidas, os trabalhadores que se dedicarem à apanha e transporte da uva, já a partir de finais de Setembro, pelos socalcos do Douro, terão a sua jorna acrescida em 200 escudos.

Os trabalhadores rurais de toda a região duriense que se deslocaram a Lamego assentaram, ainda, na necessidade de que seja, finalmente, feita uma rigorosa fiscalização pelo Ministério do Trabalho para que as leis sejam efectimamente cumpridas e respeitadas.

Os problemas que defrontam, tradicionalmente, estes assalariados, não termina aqui. As jornas que lhes são pagas rondaram, no ano passado, valores situados entre os 550 esnudos, nos sítios mais mal pagos, e os 750, onde os patrões abrem um pouco mais os cordões à bolsa. Esses baixos valores para um violento dia de trabalho pelas escarpas e socalcos, são devidos, teoricamente, ao facto de o empregador lhes assegurar a comida e o alojamento durante todo o período da vindima.

Só que desde sempre as queixas são múltiplas, não só no que se refere ao numerário recebido, como no domínio da qualidade das refeições proporcionadas e do alojamento.

«Muitas vezes nem camas existem» – diz um dirigente sindical. «Os trabalhadores são postos a dormir em verdadeiros palheiros, sem quaisquer condições» – acrescentou esse responsável.

A alimentação, consideram os sindicalistas ligados ao sector, constitui um verdadeiro drama em muitos locais. O almoço é, frequentemente constituído, a título de exemplo, por sardinhas que nem sequer se encontram em boas condições de frescura e batatas.

Os documentos aprovados no II Encontro das Vindimas reflectem, pois e obviamente, as grandes preocupações dos sindicalistas do sector: o desenvolvimento dos sindicatos agrícolas no Norte depende da solidariedade financeira do movimento sindical unitário; é indispensável que se leve a Inspecção do Trabalho a actuar; os trabalhadores têm de ser sensibilizados para se unirem em torno das reivindicações ali estabelecidas.

APU alcança mandato nos Açores

Vila Boa é do CDS Ribeira Quente do PSD

Uma abstenção superior a 40 por cento caracterizou as duas consultas eleitorais ontem realizadas, para as Juntas de Freguesia de Vila Boa, concelho de Vinhais, e Ribeira Quente, concelho de Povoação, nos Açores.

O resultado da eleição na freguesia de Trás-os-Montes estava à partida definido, dado que só um partido, o CDS, se apresentava ao sufrágio. Mas, numa autarquia com 260 eleitores inscritos e de anterior maioria PSD, apenas 129 se apresentariam agora à boca das urnas para darem a sua opção. O novo presidente, do CDS, portanto, chama-se António Anjos Rodrigues.

PSD recua na Ribeira Quente

Nem os motivos da dissolução do anterior executivo, também de maioria PSD — havia incompatibilidade entre alguns dos elementos eleitos — impediu este partido de voltar a ganhar as eleições para a Junta de Freguesia de Ribeira Quente, mas com um ligeiro recuo da sua posição.

Com uma participação de 59,2 por cento (votaram 466 dos 785 eleitores inscritos), o PSD viria a sair vencedor com 120 votos favoráveis, a que correspondem a presidência e três mandatos; o PS somou 77 votos, três mandatos; o CDS 76 votos, dois mandatos; e a APU, com 21 votos, um mandato.

Na anterior Assembleia de Freguesia, que se demitiu em Junho por desentendimento entre os seus membros, o PSD tinha cinco elementos, o CDS três e o PS apenas um.

Turistas amontoados e muitos outros "recusados"

Parque de Campismo de Coimbra não chega para as encomendas

O Parque Municipal de Campismo de Coimbra está a receber o triplo das pessoas para que o seu espaço e estruturas foram preparados e chega a recusar quase outras tantas.

Depois de ter sido considerado, há 15 anos, um dos melhores novos parque sda Europa, é actualmente um recinto desconfortável, estrangulado e superlotado, entre o estádio e as piscinas municipais.

O desconforto decorre da escassez das estruturas e da pequenez do Parque, previsto para acolher um máximo de 320 pessoas.

Sucede, porém, que a média diária de utentes, nos meses de Verão, tem sido de um milhar e que a meio milhar de pretendentes a estada no parque é recusada, também diariamente.

Destes são poucos os que aguardam nos arredores um lugar a sol e às sombras do Parque, optando a maioria por ir acampar longe de Coimbra.

Desta forma, a cidade, além de acolher mal alguns campistas, por amontoá-los num espaço exíguo, expulsa praticamente muitos outros, desagradando a todos.

Relativamente aos meses de Julho de 1983 e no último, o número de dormidas no parque decresceu de 14 612 para 13 061.

Por países, a diminuição traduz-se por ets números: franceses, 4584-3770; holandeses 2540-2097; espanhóis 2228-1975; alemães 1576-1283.

O aumento de utentes nacionais de 1133 para 1474 não compensa a grande quebra de estrangeiros nem deve dispensar os responsáveis locais de encarar a abertura de novo e adequado parque de campismo.

PCP recusa fecho do ramal da Pampilhosa

O organismo das freguesias sul do concelho da Figueira da Foz do PCP, contestou o anunciado encerramento do ramal ferroviário da Pampilhosa.

Em comunicado, aquele estrutura comunista salienta que «foi com bastante preocupação e revolta que as populações dos concelhos da Figueira da Foz, Montemor e Cantanhede, servidas pela Linha Figueira-Pampilhosa, assistiram ao desencadeamento de uma acção que pretende levar ao encerramento desta linha centenária, dentro de alguns meses».

Sublinha que «a linha da Pampilhosa desempenha um papel de importância vital para as populações rurais, para os trabalhadores que se deslocam diariamente para Coimbra e Figueira da Foz, para os estudantes etc».

«Não existem razões de peso – acrescenta – que possam levar ao fecho da linha e, mais uma vez se confirma com tal atitude, a actuação generalizada do Governo, de desprezo completo pelos interesses das populações».

O PCP frisa, também, que «esta tragédia alarga-se por exemplo, às estações de Taveiro e Formoselha, na linha do norte, que tendo visto terminadas obras que no conjunto ultrapassam os 17 mil contos, vão agora ser provavelmente encerradas, por pressão do Conselho de Gerência da CP».

Adianta, ainda, que já levantou o problema na Assembleia da República através do seu deputado João Abrantes.

Novas instalações no "Diário da República"

Torre do Tombo é "altamente prioritária"

A resolução do Conselho de Ministros que declara de interesse nacional a construção de um edifício destinado ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, foi hoje publicada no «Diário da República».

O diploma considera a construção daquele edifício «de carácter altamente prioritário» e compete à Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais o encargo da execução da obra

Instalado numa das alas do palácio de São Bento, o arquivo luta com graves dificuldades como a falta de espaço e a ausência de um quadro de pessoal em número suficiente, disse o director Pereira da Costa, em 1979, acrescentando que vinte mil metros de prateleiras com cerca de trinta milhões de documentos esgotaram as instalações disponíveis.

O arquivo da Torre do Tombo tem um pequeno museu de incalculável riqueza apenas aberto a visitas guiadas. A sua não abertura ao público justifica-se atendendo às actuais condições que o a arquivo possui.

Nesse museu estão conservados alguns dos mais importantes documentos da nossa História, desde bulas papais e livros de iluminuras a pergaminhos e manuscritos documentando a expansão ultramarina portuguesa.

As novas instalações localizar-se-ão ao lado da Faculdade de Letras.

Eleitos alertam Governo

Poluição do Ceira motiva protestos

A Assembleia de Freguesia de Casal do Armio (Lousã) condenou as entidades responsáveis pela qualidade de vida, saúde e turismo, pela «forma irresponsável como deixam poluir o rio Ceira», informou uma donte da autarquia.

Na sua última reunião, aquele órgão autárquico chama a atenção das entidades oficiais dos referidos sectores para «a obrigação que têm, moral e material, de controlarem os agentes poluidores do rio Ceira, especialmennte entre Góis e a foz».

Aponta designadamente «as pocilgas em Vila Nova de Ceira, as explorações de areia, os esgotos sem tratamento, as fábricas de papel de Ponte de Sótão, Serpins e Lousã».

«Lembramos – sublinha – que este rio é a nossa praia, dado que o mar fica a longa distância para os fracos recursos dos moradores desta freguesia e é também a nossa fonte, pois é deste rio que se retira a água que entre em nossas casas».

Salienta, ainda, que há alguns anos que as populações ribeirinhas do Ceira, afluente do Mondego, se queixam da poluição que «em alguns dias transforma o rio num esgoto a céu aberto, destruindo a sua fauna».

Mantém-se ameaças de demolições na Ria Formosa

Cerca de 30 casas clandestinas serão demolidas na ria de Faro, a partir de 1 de Outubro, se os seus proprietários não o fizerem até 30 de Setembro, segundo uma fonte da capitania de Faro.

Os propriet rios das casas clandestinas já foram notificados pela Capitania do Porto de Faro para demolirem as suas habitações.

Caso contrário, segundo o comandante da capitania, Metelo de Nápoles, será cumprido o despacho conjunto do Ministério da Qualidade de Vida e do Mar, que determina as demolições.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

Cara Gabriela, maratonista que arriscas-te a vida, estou a sentir-me ir abaixo da caneta. Os dedos recusam-se aos reflexos, começo a ver tudo a andar à roda.

Ah, este dilema! Devo acabar esta crónica? Devo, rebentado como estou, ir até ao fim – ou será melhor ficar onde estou e antes preparar-me para novas crónicas ou, dizendo doutro modo, para novas aventuras?

Calma aí, meu rapaz. Não exageres. A gripe que trouxe este da Figueira da Foz deu-te um coice valente mas também, vamos lá, como diz o dr. Mário Soares, não se deve dramatizar. E depois tens responsabilidades e para ti próprio e para com os leitores. Hás-de cumpri-lo, custe o que custar.

Custe o que custar? Vejamos. A profissão não é uma luta entre gladiadores que pressupõe viver ou morrer. Está dito que o trabalho constrói o homem, está dito que o trabalho destrói o homem. Se o trabalho destrói o homem então há heresia, há crime no caso. O capitalismo tem de desaparecer porque é réu desse crime – é-o, não por acaso, mas por condição: para que o lucro aumente tudo e se permite, mesmo a destruição do Homem.

Pois. Eu sei. Mas no meu jornal ninguém me exige o sacrifício da própria vida em troca de uma simples crónica. No entanto, eu tenho brios. Tenho o sentido das responsabilidades. Tenho como se diz na gíria intelectual e comercial, um nome a defender. Estoiro? Pois que estoire. Morra homem, fique fama.

Estou como hei-de ir. Devem ter reparado na irregularidade da última linha do período anterior. Eu próprio já tenho dificuldade em ler. Morra o quê? A quem estou eu desejando a morte, eu que sou incapaz de matar os frangos que como, certamente porque há quem os mate por mim?

Vejo tudo tremido, a névoa começa a limitar-me a percepção, é a hora em que costumam aparecer todos os dom sebastiões. Uma coisa no entanto eu sei: sei que tenho de continuar, sei que não posso deter-me, era o que faltava, um homem não é um bicho, tenho o meu orgulho, se morrer, morri, a gente tem de morrer alguma vez, embora ninguém acredite nisso, a morte é como a sorte grande: só sai aos outros.

Já não vejo. A mão cai-me ao longo do papel. Tenho a imaginação completamente desidratada. No entanto, se eu quisesse poderia continuar, o corpo é dominado pela mente. Absoluta mente. Mas morrer por que se quer, só quando a mente disser que valeu a pena. Os resistentes, por exemplo, que se recusaram a pedir o indulto a Hitler. Ou o casal Rosemberg que se recusou a fazer o jogo de Eisenhower. Ou Militão (e outros, e outros...) que disse **não** *à vida à custa da traição.*

Vou parar. Não terminarei esta crónica para defender a esperança doutras. Morrer barato não é orgulho: é tolice. Não. Não acabarei a crónica de hoje. Desisto. Aqui, mesmo.

Israel — Parlamento desentendido

Shimon Peres tem mais 21 dias para formar governo

Shamir ou Peres: que Governo em Israel?

O presidente israelita, Herzog, concedeu mais 21 dias ao líder trabalhista Shimon Peres, para formar governo – anunciou a Rádio israelita.

Entretanto, aquela emissora informou que os militantes do partido «KAJ» do rabino extremista Kahane atacaram alguns deputados que se dispunham a investigar denúncias sobre o tratamento «especial» dado na prisão aos membros de uma organização «terrorista» descoberta há quatro meses.

Os militantes daquele partido, que obteve nas eleições de 23 de Julho um lugar no Parlamento israelita anunciaram que atacariam os deputados em frente à prisão de Tel Mond, onde não se encontravam forças policiais.

Segundo a emissora israelita, o ministro do Interior, Jose Burg, proíbiu o acesso dos deputados à prisão, cujos guardas se mantiveram indiferentes quando os «extremistas» golpearam e insultaram os parlamentares Mordechai Wirchuwski e Mordechai Bar-On, do Centro Liberal, o socialista Yair Tzaban e Beny Shalita, da frente governamental (Likud).

Os simpatizantes do rabino Kahane disseram que os «terroristas», presos por ordem judicial devido a terem atacado personalidades e instituições palestinianas da Cisiordânia ocupada «são nossos heróis nacionais».

Wirchuwski afirmou que os mesmos «devem ser tratados na prisão como quaisquer outros terroristas, sem privilégios «por serem judeus».

O incidente que «não tem precedentes na história parlamentar israelita» – segundo declarou o deputado socialista Yair Tzaban, decorreu no momento em que, em Jerusalém, conferenciavam Shimon Peres e o actual Executivo interino com o presidente Herzog.

Perez disse que tinha chegado a vários acordos com o primeiro-ministro interino Yitzhak Shamir, líder do Likud, sobre a «maior parte dos assuntos políticos e económicos, sobre a questão libanesa e o processo de reatamento da paz», no Líbano, assim como no que se relaciona com «temas religiosos».

«Solicitei a Herzog mais 21 dias, para formar um governo de união nacional» – disse Peres a Shamir, acrescentando que «confiei em que os esforços empenhados por todos nos darão frutos».

O líder trabalhista não comentou os ataques dos militantes do «KAJ» aos deputados.

O ministro do Interior afirmou – por seu turno, que os deputados só tinham sido autorizados a visitar a prisão de Tel Mond a 2 de Setembro próximo.

No entanto, segundo a lei, qualquer deputado israelita pode visitar as prisões com um pré-aviso de meia-hora – disse o parlamentar Beny de Shalita.

Janan Berenstein, máximo chefe da Polícia da zona, negou que os deputados tivessem sido espancados ou ameaçados pelos extremistas, mas o deputado Tzavan desmentiu-o.

Conversações Síria-Argélia

A crises no Médio Oriente e as consequências do tratado de união marroquino-líbio foram focadas, segundo fontes oficiosas, nas conversações entre o presidente argelino e o seu homólogo sírio, de visita a Argel.

Chadli Benjedid e Hafed El Assad teriam acordado, segundo essas fontes, em que uma evolução favorável da crise no Médio Oriente terá de passar por uma «ampla reconciliação» entre Damasco e a Organização de Libertação da Palestina (OLP).

Na linha de pensamento acordada, essa reconciliação deve garantir a independência de acção da OLP relativamente às capitais árabes, o que excluiria qualquer carácter privilegiado das relações sírio-palestinianas.

No que se refere ao recente tratado de união entre os Estados de Marrocos e da Líbia, mantém-se da parte argelina, a opinião de que o mesmo é «conjuntural» e responde a uma estratégia que ignora. «A globalidade dos interessess» da nação Magreg (árabes do ocidente), iludindo o problema mais crucial com que esta se debate, que é o da crise do Sara ocidental.

A Argélia considera esta crise como resultante de um problema de descolonização que deve ser resolvido «de acordo com as resoluções das instâncias internacionais».

De acordo com as fontes veiculadas pela agência EFE, citadas pela ANOP, teria havido também acordo quanto à necessidade de promover um «diálogo nacional» entre todos os grupos que formam a OLP, dos quais os que estão radicados em Damasco e formam a chamada Ala Nacionalista, minoritária, da Organização, continuam exigindo a demissão do presidente do comité executivo, Yasser Arafat, como condição da sua participação nas reuniões do parlamento palestiniano no exílio.

Os grupos que integram a ala maioritária «Aliança Democrática», cujas principais figuras são George Habache e Nayef Hawameth, publicaram entretanto, em Damasco, um comunicado em que acusam os «nacionalistas» de pretenderem a extinção da OLP.

As actuais conversações de alto nível entre a Argélia e a Síria poderão ser, assim, decisivas para um eventual entendimento entre palestinianos «democráticos» e «nacionalistas».

Economia vinculada à paz

Discurso de mãos estendidas do presidente da Colômbia

O presidente da Colômbia, Belisário Betancur, aprovou «solenemente», ontem, os acordos de tréguas dum cessar-fogo com a guerrilha, disse pela Radiotelevisão à nação.

Betancur pediu aos colombianos uma verdadeira união para enfrentarem as dificuldes do «histórico momento» em que vive a Colômbia.

Os três principais grupos guerrilheiros colombianos, as Forças Armadas Revolucionárias (FARC), o Exército Popular de Libertação (EPL) e o Movimento 19 de Abril (M-19), chegaram a acordos de paz com o Governo, com excepção do denominado Exército de Libertação Nacional (ELN).

Com o lemas «Política e Paz Social», o presidente da Colômbia, Belisário Betancur, anunciou a noite passada ao país os acordos de tréguas e de cessar-fogo alcançados pelo seu Governo com a guerrilha, pela primeira vez na história deste país latino-americano.

Betancur informou que este acordo tem início a 30 de Agosto ao meio-dia local.

«Acabamos de cumprir outra etapa neste duro e largo mas famoso e transcendente caminho da paz», disse Betancur num discurso pela Radiotelevisão.

o Governo colombiano firmou no dia 23 um acordo de paz com o Exército Popular de Libertação (EPL), e o Movimento Autodefesa Trabalhadora (ADO), e no dia seguinte com o Movimento 19 de Abril (M-19).

Em 28 de Março, o Governo de Betancur assinou o cessar-fogo com o principal grupo guerrilheiro do país, as Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia, que entrou em vigor três meses depois.

Falta só uma organização guerrilheira no país que se nega a chegar a acordo, o Exército de Libertação Nacional (ELN), que ratificou a sua intenção de continuar a luta armada.

No seu discurso, Betancur manifestou tristeza porque «duas gerações cresceram à sombra de terríveis conflitos internos que deixaram desolação nos lares, abandono de empresas, perda de energias que podiam empregar-se em tantas outras causas para benefício de todos.

«Convém lembrar de uma vez por todas que tudo o que foi acordado está sobre a mesa, pois nunca aceitaríamos propostas à margem da lei, e os factos apontados são a expressão da força prudente e não da debilidade do Governo», disse Betancur.

Afirmou igualmente que o seu Governo «mantém a mão estendida à reconciliação, mas também está vigilante para a defesa e segurança das pessoas, se persistir a violência e o sequestro ou qualquer delito por grupos ou indivíduos reincidentes.

Durante a sua alocução de mais de uma hora, Betancur referiu-se muito especialmente à situação económica do país, «que tanto preocupa a todos, e que também está vinculada à paz».

"Nem capricho nem acidente"

Em memória d na capital de N

Realizou-se no passado fim-de-semana, na capital moçambicana, a segunda palestra em memória de Ruth First, a intelectual sul-africana assassinada por uma carta-bomba a 17 de Agosto de 1982.

Foi orador, Joe Slovo, membro proeminente da direcção do Congresso Nacional Africano (ANC) e companheiro de luta de Ruth First.

A palestra intitulada «Alguns conceitos-chave na luta na África do Sul» foi organizada pela representação do ANC em Maputo e pela AMASP, a Associação Moçambicana de Amizade e Solidariedade com os Povos.

Slovo disse na introdução ao tema que a escolha de Ruth First como alvo a abater pelo regime de Pretória «não foi caprichosa nem acidental».

«Ela vinha devotando cada vez mais o seu notável talento à pesquisa real do papel histórico da classe dirigente sul-africana no país e no nosso subcontinente.»

Para Slovo, o melhor contributo à sua memória é a reflecção pública de alguns elementos fundamentais para a compreensão da luta do povo sul-africano à luz das transformações recentes operadas na região.

Slovo disse que o actual governo sul-africano dirigido pelo primeiro-ministro Botha não está decidido a intrudizir reformas no país. «Pelo contrário, foi mais longe do que qualquer regime que o antecedeu na aplicação prática dos princípios do «apartheid», disse.

Slovo defendeu o ponto de vista do ANC, segundo o qual a população negra sul-africana continua a viver numa situação colonial, a despeito do facto de o controlo político do país estar hoje nas mãos de uma classe dirigente interna.

«Colonialismo de um tipo especial ou colonialismo interno» é a fórmula «na nossa análise mais apurada para descrever a realidade sul-africana» disse Slovo ao responder à argumentação de que a África do Sul é um Estado soberano e independente.

Para o dirigente do ANC, a luta da África do Sul «não é apenas

Timor: debate adiado na ONU

O debate nas Nações Unidas sobre a questão de Timor Leste deverá ser adiado de novo, disse hoje um porta-voz governamental indonésio em Jacarta.

O director-geral para os assuntos políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Nana Sutresna, afirmou a jornalistas que o adiamento deste ano será resultado da actual ofensiva política indonésia.

O governo de Jacarta pretende com esta ofensiva impedir a rejeição pela ONU da anexação militar que realizou em 1976 da parte portuguesa da ilha de Timor.

Todos os anos, a ONU emite uma resolução criticando a anexação indonésia e pedindo a realização de eleições livres em Timor Leste.

Sutresna disse que tinha acabado de visitar seis países da América do Sul onde explicou o ponto de vista indonésio sobre a questão de Timor. Outras missões estão neste momento a visitar os países do Médio Oriente, de África e das Caraíbas, acrescentou.

A resolução contra a Indonésia, de 1982, foi dificilmente aprovada, com 50 contra 46 votos, pela assembleia geral da ONU.

Lamentações do Papa a propósito de São Casimiro

Na celebração das tradicionais alocuções de domingo, o Papa João Paulo II lamentou mais uma vez a atitude das autoridades soviéticas que não permitirão a sua deslocação à Lituânia.

O Papa expressou o seu pesar frente aos peregrinos reunidos no pátio principal da sua residência de Verão, em Castelgandolfo.

«Não me foi permitido tomar parte nas celebrações do quinto centenário da morte de São Casimiro, o patrono da Lituânia, nem tão pouco ao meu enviado, o cardeal Agostinho Casaroli, secretário de Estado», lamentou João Paulo II.

«Mas acreditamos que será possível realizar brevemente esta missão junto destes nossos distantes irmãos, e por eles, que não estão assim tão longe: são apenas duas horas de avião», acrescentou o Papa.

João Paulo II recordou a missa solene que, oficiou, no passado dia 4 de Março na Basílica de São Pedro, em honra de são Casimiro, integrada nas celebrações do centenário da sua morte.

O Papa enviou na passada quinta-feira uma mensagem ao presidente da conferência episcopal da Lituania, Liudas Povilonos, e celebrou no fim da tarde de sábado uma missa, na língua lituana, transmitida em directo pela «Rádio do Vaticano para a União Soviética.

«Quis dar o testemunho da minha participação espiritual nas cerimónias jubilares e a minha profunda comunhão com a comunidade católica e todo o povo da Lituânia», declarou o Papa João Paulo II.

Finalmente, o Papa convidou em várias línguas todos os presentes a «unirem-se espiritualmente a toda a Igreja que se encontra na Lituânia, celebrando o quinto centenário de São Casimiro».

Mais disse o Papa: «As experiências da nossa difícil história agudizaram a nossa sensibilidade no que se refere aos direitos fundamentais do Homem e da nação, particularmente ao direito a liberdade e a soberania, o respeito pela liberdade de consciencia e de religião e os direitos do trabalho humano».

O Papa repetiu ainda textualmente várias frases da homilia que proferiu no santuário da Virgem Negra da Polónia em 19 de Junho de 1983, sobre «a evangelização da liberdade» e as condições e exigências da soberania do Estado polaco.

de Ruth First Moçambique

ntra o «apartheid» ou mera-ente pela conquista de direitos vis» é uma «luta pela libertação cional».

«Nós não podemos falar se-amente da eliminação da domi-ação racial deixando intacto a sse e o controlo da actual clas-dirigente sobre virtualmente dos os meios de produção», efendeu Slovo.

«Suzman e eu somos aberta-ente contra o 'apartheid', mas o penso que sejamos ambos la libertação», disse. Hew uzman, líder parlamentar da osição branca sul-africana, e esteve na mesma sala, cinco as antes, apresentando os pon-s de vista do Partido Federal rogressista da RAS.

Dado o actual estado das for-ações sociais na Africa do Sul, perspectiva de Slovo, o ANC ão pode restringir os seus ob-ctivos de luta ao conceito de-ocrático burguês de direitos emocráticos».

«A violência revolucionária é ma parte integrante da nossa ta política», disse Slovo que acrescentou ser «um imperativo que nos foi imposto pela realidade sul-africana».

«Devemos ter em mente que o ANC foi ilegalizado muito antes de adoptar a política de luta armada», disse Slovo, ao referir a questão «das alternativas pacíficas para a mudança na África do Sul».

A última parte do seu discurso foi dedicada ao avanço significativo da luta de massas na África do Sul após os acontecimentos de Soweto em 1976.

Para Slovo, o impacte do ANC dentro e fora do país desde 1976, deve-se à sua estratégia de «combinar a luta política de massas e a violência revolucionária».

Argumentou que o insucesso das autoridades sul-africanas em exercer pressões externas sobre o ANC para abandonar a luta armada, se deve ao facto de a «arena da nossa luta ser o seio do nosso povo e profundamente no interior do nosso país».

Joe Slovo disse que a estratégia da luta armada do ANC se tem baseado desde o início na não-dependência de facilidades da retaguarda, como tiveram os movimentos de libertação de Moçambique e Zimbabwe.

Ele considerou que «a actual realidade das relações de poder na África Austral tornou o ANC mais modesto do que qualquer outro movimento de libertação» em termos de retaguarda de apoio.

«Nós concentramos o nosso esforço no crescimento das nossas bases internas, em torno dos nossos quadros político-militares, treinados na luta revolucionária nas zonas rurais e urbanas» afirmou.

Slovo terminou a sua intervenção dizendo não haver «compensação para a perda de uma pessoa como Ruth», mas «a dedicação da sua vida e o seu martírio fazem com que o dia da vitória esteja mais próximo».

O dirigente do ANC, que é também membro do Partido Comunista sul-africano respondeu depois a várias perguntas colocadas por uma assistência entusiástica calculada em mais de um milhar de pessoas.

Carter acusa Reagan

O ex-presidente norte-americano James Carter acusou Reagan de enfraquecer a «Aliança Atlântica», de piorar as relações com a União Soviética e transformar a América Central num problema mais grave que o Líbano.

James Carter afirmou, numa entreista publicada nos diários de Atlanta (Georgia) que «evidentemente, Reagan no conseguiu um único êxito na política externa».

«Pela primeira vez desde a época de Eisenhower – disse – não temos progredido no controlo de armamento, existe um sério confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética e temos enfraquecido a NATO, uma vez que os nossos aliados estão preocupados com as atitudes de Reagan».

Depois de assinalar que os Estados Unidos sofreram uma «vergonhosa derrota no Líbano» e que não houve nenhuma iniciativa norte-americana no Médio-Oriente, o ex-presidente admite que «o problema da América Central é potencialmente mais grave».

Carter culpou Reagan de aumentar muito o défice federal, com uma política fiscal que beneficia somente os ricos.

Sobre as próximas eleições, disse que Walter Mondale pode vencer Reagan se os democratas concentrarem a sua campanha em temas concretos e não em coisas superficiais.

Convite a funcionários

O presidente Ronald Reagan convidou ontem mil funcionários do governo norte-americano para uma recepção nos jardins da Casa Branca, comemorativa do sexagésimo quarto aniversário do voto feminino nos Estados Unidos.

Reagan disse que a política do Partido Republicano consiste em «favorecer todos os norte-americanos sem destinção não aumentando os impostos e não desenvolvendo a burocracia, mas impulsionando o crescimento económico para todos».

«Juntos disse Reagan, podemos fazer da América do Norte um lugar onde as mulheres sejam livres de fazer uma carreira profissional ou de criar uma família ou ambas as coisas ao mesmo tempo». Os jornalistas presentes fixarqam a afirmação, por curiosa.

As mais recentes sondagens de opinião dão a Reagan uma grande vantagem sobre o candidato democrata, Walter Mondale, mas revelam que o actual presidente tem uma imagem negativa junto das mulheres pelas posições abertamente assumidas contra o aborto e a igualdade de direitos entre os sexos.

Em Fort Lee, no estado de Nova Iorque, a candidata democrata à vice-presidência Geraldine Ferraro, que festejava o quadragésimo nono aniversário convidou as mulheres norte-americanas a unirem-se para impedir a reeleição de Ronald Reagan em 6 de Novembro.

«Há 64 anos, as mulheres não podiam ocuoar cargos públicos. Em 1984, elegeremos, pela primeira vez uma mulher para o segundo lugar mais importante da nação» prometeu Geraldine Ferraro.

RFA

Abolida no Hesse a lei do "Berufsverbot"

A lei que proíbe possíveis elementos «extremistas» de ocupar cargos políticos foi neutralizada no estado federal-alemão de Hesse, por intervenção dos Verdes (radicais e ecologistas) e dos sociais-democratas (SPD).

A decisão dos sociais-democratas e dos Verdes, (os primeiros governam em Hesse com o apoio dos segundos) foi concretizada contra os desejos do Partido Democrata-Cristão, que tem a maioria no Parlamento federal.

A lei do «berufsverbot», que proíbe a membros dos partidos «radicais» serem funcionários do Estado afecta especialmente professores de orientação marxista, que são expulsos das escolas estatais tão depressa se descobre um seu contacto, presente ou passado, com aquela ideologia.

Na opinião dos democratas-cristãos, os comunistas são partidários de ideias revolucionárias, das quais se devem proteger os alunos e os responsáveis pelos distúrbios verificados na nova pista do aeroporto de Francfort, em construção, bem como do bloqueio das instalações militares dos EUA na República Federal da Alemanha.

Enquanto Willy Brandt, presidente do SPD, tem declarado em repetidas ocasiões ser contra a referida lei, o Partido Democrata-Cristão considera a manutenção da lei imprescindível para salvaguardar a democracia.

A decisão do actual ministro da Educação do estado de Hesse, K. Krollmann, de admitir de forma definitiva 13 comunistas como professores primários, presupõe a rejeição da citada lei, que é, provavelmente, a que maior celeuma tem levantado na RFA, desde que foi aprovada.

Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.

PASSE SOCIAL

Uma mão cheia de *VANTAGENS*
Uma mão cheia de *TRANSPORTES*

A venda nas bilheteiras da CP

O Passe Social representa inúmeras vantagens para o seu titular. E uma das mais importantes é, sem dúvida, a sua validade para os mais variados meios de transporte — o comboio, o eléctrico, o autocarro, o metropolitano, a camioneta, os barcos cacilheiros... Muitos milhares de portugueses conhecem-no já. Por isso, não perca tempo. Compre, a tempo e horas, o seu Passe Social.

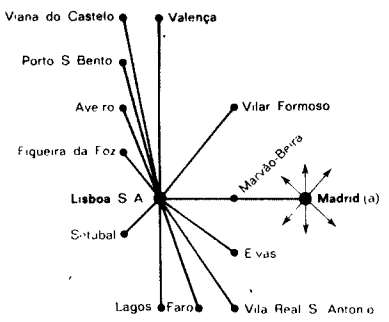
A venda nas bilheteiras da CP. Linhas de Cascais, Sintra, Azambuja e Barreiro.

Caminhos de Ferro Portugueses

Caminhos de Ferro Portugueses

NOVO SERVIÇO
LISBOA/MADRID/LISBOA

encomenda EXPRESSO



Periodo de serviço

Serviço diario nas estações de Aveiro, Elvas, Faro F da Foz, Lagos, Lisboa (S A) Marvão-Beirá, Porto (S Bento), Setúbal, Valença, V do Castelo, V R St António e Vilar Formoso

Encaminhamento

O seguimento das encomendas é feito pelo comboio Lusitânia-Expresso com partida de Lisboa (S A)

Informações

Informe-se nas estações atras mencionadas, ou pelos telefones

864181 — Departamento Comercial — Serviço Comercial de Mercadorias — Lisboa (S A)
564141 — Serviço Comercial da Região Norte — Porto (Campanhã)
867785 — Serviço Comercial da Região Centro — Lisboa (S A)
207 3028 — Serviço Comercial da Região Sul — Barreiro

(a) De Madrid para diversas estações espanholas (consultar relação das mesmas nas estações mencionadas no gráfico)

RN RODOVIARIA NACIONAL

CIRCUITO CABO DA ROCA

1 de Julho a 30 de Setembro
Terças, Quintas, Sábados e Domingos
Partidas de Sintra às 14.30 h
(Palácio da Vila)

ITINERÁRIO: SETEAIS
CAPUCHOS
CABO DA ROCA
BANZÃO
PRAIA DAS MAÇÃS
MONSERRATE
SINTRA

RN

VENDA DE BILHETES:
Serviços de Turismo — Sintra » Telef. 9231157
RN — Sintra — Telef. 9233091

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

VENDEM-SE
Pastores alemães
Telf. 367235
(hora expediente)

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

O alimento imprescindível

Continua na pág 3

industriais, a nossa capitação em todos os tipos de leite (natureza pasteurizada, esterilizada e em pó) não excederá os 60 litros anuais. Seja como for, a produção tem aumentado a um bom ritmo. No período de 1970 a 75 a produção cresceu cerca de 20%. Seguiu-se um período de anos excepcionais, em que se aumentou 18% em cada ano. No dealbar da presente década a produção era superior aos 800 milhões por ano. O preço é o factor determinante para o aumento da produção – todos os anos aumenta o preço à produção. Os subsídios que orçam os milhões de contos – estão definidos pela Portaria n.º 302-A/84 de 19 de Maio. Por exemplo, o leite ultrapasteurizado tem um subsídio de 7$60/litro e o leite pasteurizado 8$20/litro.

Sob o ponto de vista da comercialização do leite, Portugal encontra-se dividido em duas grandes zonas: zona de recolher organizada e zona de recolha não organizada. O que é que distingue estas zonas? Na zona de recolha organizada exerce-se o controlo higio-sanitário, existem circuitos que envolvem os postos de recolha e concentração, estações de tratamento, até chegar aos postos de abastecimento onde estão os retalhistas e os vendedores ambulantes. Nas zonas de recolha não organizada, o leite comercializado é proveniente dos excedentes do autoconsumo regional, é adquirido pela indústria em regime livre, sem outras restrições que não seja o preço mínimo fixado por lei. O mesmo já não se passa na zona de recolha organizada onde a indústria de lacticínios tem de se abastecer nas cooperativas leiteiras, sendo proibido adquirir leite directamente ao produtor.

Quanto aos tipos de leite e cuidados a ter na conservação e consumo, regista-se que há ainda consumidores que põem algumas reservas quanto ao consumo de leite condensado e de leite em pó. Mas não há razão para ter reservas. Leite condensado e leite em pó sao duas maneiras de apresentação do mesmo produto, sob uma forma de conservação mais longa que a do leite ultrapasteurizado, por exemplo. Os leites condensado e em pó mantêm o mesmo valor alimentar do leite líquido normal. É apenas leite com pouca ou sem água.

O leite em natureza, ou leite acabado de sair da vaca, é desaconselhado devido a condições higiénicas e à nossa temperatura ambiente. Para quem tem autoconsumo, ou acesso a vacarias, lembra-se que o leite nunca deve ser bebido logo após a mungidura. Por ser um perigo para a saúde, há que o ferver sempre.

O leite pasteurizado é sujeito a um aquecimento de cerca de 70° durante 15/20 minutos e deverá ser vendido durante as 36 horas que se seguem ao seu tratamento. Conservado no frigorífico e consumido um ou dois dias após a abertura da embalagem.

O leite ultrapasteurizado (UHT, vendido em embalagem de cartão) é sujeito a um aquecimento de 160 durante escassos segundos, e tem obrigatoriamente a data limite do consumo indicada na embalagem.

Na esterilização, o leite, previamente acondicionado em garrafas, é submetido em câmaras especiais a temperaturas muito elevadas (de 120° a 130°) durante algum tempo, e deixado arrefecer lentamente.

Tanto na ultrapasteurização como na esterilização o leite perde algumas qualidades mas aceita-se esse prejuízo pela vantagem da sua longa duração sem necessidade de frigorífico. Contudo, logo que se encete uma embalagem, e não se utilize todo o conteúdo, o restante para poder ser consumido mais tarde, carece de ser imediatamente posto no frigorífico.

O excesso de gordura do leite é utilizado no fabrico de manteiga.

Qual o consumo ideal de leite? Os adultos devem consumir meio litro por dia.

Crianças 4 a 6 decilitros, conforme vão crescendo. Adolescentes, grávidas e idosos 6 dl.

O leite é um alimento, não é uma bebida. Precisamos de duplicar o nosso consumo para termos todos mais saúde. Porque é possível poupar dinheiro, ganhar saúde, ter ossos e dentes saudáveis desde que se beba mais, muito mais leite.

EUA à cabeça da produção química mundial

Controlo de substâncias tóxicas preocupa americanos

Se bem que os pesticidas e as drogas sejam produtos de toxicidade controlada, há outras 60 mil substâncias de que sabemos muito pouco ainda – segundo Jacqueline Warren, membro do Conselho de Defesa de Recursos Naturais dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos estão à cabeça da produção química mundial, com mais de 300 biliões de libras em produtos químicos por ano. Desde a última guerra mundial a produção química norte-americana aumentou 350 vezes.

Sem fertilizantes e sem pesticidas a produção de alimentos nos Estados Unidos seria reduzida de um terço, sem os conservantes um quarto da produção perder-se-ia.

A exposição a produtos químicos perigosos é inevitável no local de trabalho, no ar, na água, na comida ou noutros produtos que uitlizamos.

Uma lei para o controle de substâncias tóxicas, aprovada nos Estados Unidos, analisa o problema de civersos ângulos. Um deles é a obrigatoriedade, para todas as empresas, de notificar o Departamento para a Protecção do Ambiente quando começam a fabricar e vender um novo produto.

çquase todos os produtos químicos que existiam no ano passado estão ainda hoje à venda, e pelo menos cerca de mil são introduzidos anualmente no mercado.

Contudo, no dizer de Jacqueline Warren, mesmo após a aprovação da lei tem-se revelado difícil reduzir a exposição a esses produtos.

Pr exemplo, tendo sido recentemente proíbido o uso agrícola do pesticida Dibromuro de Etileno (EDB) continua a ser vendido, quase na tutalidade, como aditivo para a gasolina.

Após a aprovação desta lei já foram analisados mais de três mil novos produtos químicos, e mais de 90 por cento dos mesmos foram aprovados sem quaisquer restrições para comercialização.

Substâncias cancerígenas

Uma análise mais pormenorizada será feita sempre que se suspeite que as substâncias possam ser cancerígenas, causar defeitos congénitos e mutações ou contaminar o meio-ambiente.

Uma substância química muito usada na fabrocação da borracha, por exemplo, chamou a aentenção quando as análises demonstraram ser um potente gene cancerígeno animal que causava um estranho tumor no coração.

Outros produtos continuam a ser utilizados, apesar de se conhecer as suuspropriedades cancerígenas. O Cloruro de Vinil, que é um g s incolor, matéria que se usa como base na indústria dos plásticos, causou a morte de diversos trabalhadores por tumores no fígado, que coincidiram rigorosamente com os tumores dos animais que eram expostos a esse gás em laboratório.

O cinetista James Huff, do Programa Nacional norte-americano de Toxicologia, disse que se os trabalhadores tivessem apresentado tumores doutro tipo nunca teria sido possível determinar as causas da sua morte.

Outras sugstâncias que podem provocar o cancro aparecem em locais unsuspeitos, como por exemplo o «DEHP», que se utiliza para tornar flexíveis certos plásticos, incluindo cortinas para as janelas, luvas para cirurgia e sacos para fluidos intravenosos.

Outro produto suspeito é a N-Nitrosopiperidina, utilizada em transplantações cardio-vasculares e nos binquedos de borracha para crianças, ou a Fenacetina, pó cristalino usado nos analgésicos musculares e nos descorantes do cabelo – que causa cancro em animais.

O custo da análise, por cada produto químico, para verificar se é ou não cancerígeno custaria entre um e três milhões de dólares e seriam necessários mais ke 4300 animaos.

Para além destas preocupações todas – concluiu James Huff – existe ainda a incógnita sobre o que é que sucede quando se juntam dois ou mais produtos químicos.

Acontece que nos encontramos expostos a centenas deles, e como é que eles reagem entre si é um mistério para a ciência.

Com a participação da "Rolls-Royce"

"British Aerospace" estuda construção de nave especial

A «British Aerospace» confirmou a realização de estudos para a construção da primeira nave espqcial britânica, baseada no avião supersónico anglo-francês «Concorde».

No projecto intervém a empresa «Rolls-Royce» que irá construir os motores, que utilizarão oxigénio sugado da atmosfera através de bocas colocadas nas asas da nave espacial.

Contudo, tanto os porta-vozes da «British Aerospace» como da «Rolls Royce» não quiseram fazer nenhum comentário sobre os desenhos apresentados elo o 3.º canal da televisão britânica.

De acordo com esta informação, a nave descolaria de uma base móvel, numa pista de aeroporto normal, e aterraria nas mesmas condições que um avião.

Isto representaria um enorme avanço sobre o modelo norte-americano que sobe verticalmente com a ajuda de poderosos foguetões, que se deslocam da nave espacial quando acaba o combustível.

Agricultores pedem feiras de gado

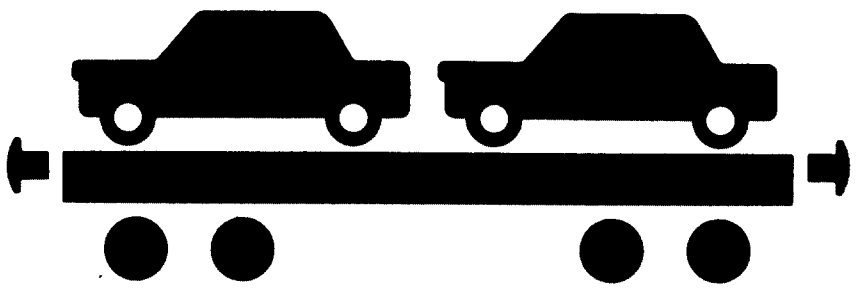
Uma comissão de agricultores representando vários concelhos do distrito do Porto avistou-fe com o subdirector da Direcção Regional de Entre-Douro-e-Minho, do Ministério da Agricultura, para lhe expor os prejuízos decorrentes do encerramento das feiras de gado – soube a ANOP.

Esta comissão, constituída no âmbito da Aliança das Ligas Agrícolas do Norte, tem vindo a desenvolver diligências no sentido de conseguir a reabertura das feiras – informou aquele organismo.

O encerramento foi determinado pelos organismos oficiais como medida cautelar

Auto*Expresso* Auto*Acompanhado*

diariamente



Lisboa - Porto - **Lisboa**

Guarda - **Porto** - Guarda

Castelo Branco - Lisboa - **Castelo Branco**

Guarda - **Lisboa** - Guarda

Faro - Lisboa - **Faro***

Faro - **Porto** - Faro*

* só se efectua no verão

Informações Telefónicas
87 75 09 - das 9 00 h às 18 00 h
(c int 13 00 h / 14 00 h)

Caminhos de Ferro Portugueses

PASSE SOCIAL

Uma mão cheia de *VANTAGENS*
Uma mão cheia de *TRANSPORTES*

A venda nas bilheteiras da CP

O Passe Social representa inúmeras vantagens para o seu titular. E uma das mais importantes é, sem dúvida, a sua validade para os mais variados meios de transporte o comboio, o eléctrico, o autocarro, o metropolitano, a camioneta, os barcos cacilheiros... Muitos milhares de portugueses conhecem-no já. Por isso, não perca tempo. Compre, a tempo e horas, o seu Passe Social.

A venda nas bilheteiras da CP. Linhas de Cascais, Sintra, Azambuja e Barreiro.

Caminhos de Ferro Portugueses

AOS SRS. EMIGRANTES
AOS SRS. INVESTIDORES
E NÃO SÓ
OFERECEMOS-LHE A OPORTUNIDADE DE INVESTIR O SEU DINHEIRO NUMA GRANDE PECUÁRIA.
DAMOS UM LUCRO IMEDIATO
PODE IR ATÉ 60 % AO ANO
PAGO MENSALMENTE E COM GARANTIA ABSOLUTA
PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTAR COM OS
☎ 84 30 60 E 82 73 45
RUA ILHA DO PRINCIPE, N.º 2, R/C. DTO. LISBOA
ATENDEMOS TAMBÉM AOS SÁBADOS
INSCRIÇÕES EM NÚMERO LIMITADO

DESPORTO

Vizela, 1 - Benfica, 2

Quem acode ao "pequenos"?

A partir de agora o futebolista José Carlos fica a saber de que o futebol se joga com os pés e com a cabeça. Com as mãos só o guarda-redes. José Guedes mostra-lhe o sinal indicativo de que naquele jogo a sua missão tinha cessado.

Uma actuação verdadeiramente decepcionante do trio de arbitragem, chefiado pelo internacional portuense José Guedes, ensombrou o «baptismo» do Vizela na alta roda do futebol nacional. Usando e abusando de uma dualidade de critérios injustificáveis, aquele juiz, cedo ditou a sentença de morte para os minhotos, em claro benefício dos campeões nacionais que, como é óbvio, não tem culpas no cartório.

Ao assinalar um «penalty» contra os vizelenses, à passagem dos 29 minutos, por pretenso «empurrão» de Roque a Maniche, o árbitro da partida, que até aí suscitara alguma apreensão quanto à sua imparcialidade, deixou cair a máscara, como soi dizer-se, passando, a partir de então, a encarnar o papel de algoz, imagem pouco condizente com a cotação de José Guedes, após a sua promoção a internacional.

Não está em dúvida, de forma alguma, o triunfo do Benfica, que o justificou plenamente ao longo dos 90 minutos, mas apenas o trabalho de um trio que facilitou sobremaneira essa vitória. Facilidades que começaram a desenhar-se logo no dealbar da partida, quando José Guedes fez vista grossa a uma obstrução de Maniche ao guarda-redes contrário, impedindo-o de repor o esférico em jogo, e depois foi lesto na marcação de um livre indirecto, à entrada da pequena área vizelense, quando o mesmo guardião deu mais passos com a bola do que os permitidos por lei.

O domínio do Benfica era, então, quase sufocante. Bastará referir que, nos 14 minutos iniciais, a turma encarnada beneficiou de nada mais, nada menos do que cinco pontapés de canto, o último dos quais cedido na sequência de um livre frontal, apontado superiormente por Carlos Manuel que levou o esférico a esbarrar estrondosamente na barra da baliza de Sérgio.

Refugiado no seu meio-campo e com uma defesa super-reforçada (para além dos quatro defesas, o Vizela utilizou sempre mais um elemento como «libero», na circunstância Manuel Correia), a equipa minhota experimentou, na verdade sérias dificuldades para tapar os caminhos que podiam levar à sua «cidadela», mas o certo é que lá foi aguentando o barco até se verificar o já mencionado «julgamento» do árbitro que abriu de par em par as portas ao clube da Luz.

Sete cantos contra um, apenas, dos locais no decorrer dos primeiros 45 minutos, retratam, de algum modo, a manifesta superioridade da equipa do Benfica que viria a ampliar a sua vantagem logo no início do período complementar, por intermédio de Carlos Manuel, em lance igualmente antecedido de falta — Maniche estava deslocado quando cabeceou ao poste, na sequência de um centro primoroso, mais um, de Veloso. José Guedes deixou correr e Carlos Manuel, acidentalmente na esquerda, apareceu muito oportuno a finalizar, sem qualquer hipótese para o guarda-redes contrário. Refira-se, entretanto que um minuto antes do Benfica consolidar a sua posição, o Vizela dispôs de uma excelente oportunidad, na sequência de um contra-ataque, tendo, na circunstância, valido a intervenção de Bento que, oferecendo o corpo à bola, deteve o remate à queima-roupa» de Maurício, o único jogador vizelense com funções de atacante, e sem dúvida, um elemento extremamente perigoso, conforme viria a provar mais tarde, quando rubricou o golo da sua equipa, através de um remate que deixou Bento petrificado.

No capítulo de facilidade há ainda que salientar o facto de o Vizela ter ficado reduzido a 10 unidades a partir dos 62 minutos de jogo, por expulsão de José Carlos que vira o primeiro cartão amarelo,quando jogou o esférico com a mão, aos 57 minutos, falta esta que repetiu cinco minutos mais tarde, sem que tal se justificasse. Curiosamente, porém, o rendimento da turma vizelense não foi afectado. A equipa continuou a actuar como um todo e, com outra codícia no ataque, como ficou bem patente aos 70 minutos, quando uma combinação entre Maurício e Fernando Jorge quase ia surpreendendo Bento. Com a entrada de Nené, três minutos depois, em substituição de Vando, o Benfica voltou a justificar a subida do marcador, sendo certo, porém, que, na ponta final, tanto Nené como Maniche deixaram muito a desejar. E foi o Vizela, afinal, que terminou em beleza, depois de Maurício ter reduzido para 1-2 a seis minutos do fim, com um tento «monumental» que levou o Benfica a tomar certas precauções, não fosse o diabo tecê-las...

Em síntese: vitória justa da equipa encarnada que dominou a partida do primeiro ao último minuto, embora, como se disse, alicerçada em erros do trio de arbitragem. Sobre a turma primodivisionaria diremos, apenas, que nos surpreendeu muito favoravelmente pelo espírito combativo que evidenciou, sobretudo a partir do momento da exclusão de José Carlos. Há, porém, que aguardar novo teste para então, sim, tirarmos uma conclusão em definitivo sobre o real valor desta equipa minhota que actuou no relvado municipal de Guimarães, sem saudade do «pelado», o que é um bom sinal...

FICHA

Árbitro: José Guedes (Porto), mal auxiliado por Alberto Silva (ataque do Vizela) e António Capela (ataque do Benfica).

VIZELA: Sérgio; Toni (Adélio, aos 56 m.), Roque (Berto na 2.ª parte), Manuel Correia, Russo e José Carlos; Fernando Jorge, Barbosa, Nelito e Faria; e Maurício.

BENFICA: Bento; Veloso, António Lopes, Oliveira e Álvaro; José Luís, Carlos Manuel, Shéu e Vando (Nené, aos 73 m.), Maniche e Diamantino.

Ao intervalo: 0-1. Marcadores: Maniche (30 m. de «penalty». Carlos Manuel (48 m) e Maurício 84 m). Cartão amarelo: Roque (29 m.) e José Carlos (57 m.): Cartão vermelho: José Carlos (62 m.).

Manuel Neto

Outros jogos

Aí estão os «pardalitos»

O encontro, disputado no Estádio da Mata Real, em Paços de Ferreira, mostrou uma regressada Académica com o futebol alegre e vistoso, perante um onze penafidelense sem imaginação e sem capacidade de remate.

O Penafiel cometeu, durante todo o encontro, muitas e graves falhas na sua defensiva, enquanto o seu sector avançado não conseguia dar continuidade às jogadas, e quando progredia mais no terreno, falhava a capacidade de remate. O avançado Ribeiro foi o primeiro jogador a marcar no campeonato ora iniciado, obtendo o seu golo aos 9 minutos, aproveitando bem um ressalto de bola na área dos locais. Aos 57 minutos surgiu o segundo tento dos estudantes, na sequência de uma jogada individual de Rolão, desde o meio-campo, que aproveitou bem o facto de a defesa do Penafiel estar muito adiantada no terreno.

o terceiro golo, aos 70 minutos, foi marcado por Reis, que rematou à vontade para a baliza de Trindade depois de receber a bola da direita, na sequência de um canto apontado por Ribeiro.

O árbitro, Santos Ruivo, de Santarém, dirigiu as equipas.

PENAFIEL: Trindade; Madureira, Fernando, Figueiredo e Chico Leal; Afonso, Branco (Elias 32), Ferreira da Costa e Babá; Babó, (Tozé 46) e Xavier.

ACADÉMICA: Vítor Nóvoa; Tomás, Germano, Kikas e Francisco Silva; Reis, Rolão, Artur Semedo e Álvaro (Flávio 67), Ribeiro, Nilson (Pedro Xavier 67).

Uma «farturinha»...

Um futebol de ataque, com os avançados a sobreporem-se aos defesas, foi a tónica do encontro em que o Portimonense venceu o Salgueiros por 4-3.

Cadorin e Balacò, com dois golos cada, encarregaram-se de efectuar o resultado do Portimonense enquanto José Manuel e Tonanha marcavam cada um um golo a favor do Salgueiros.

Cadorin, aproveitando uma desatenção dos centrais nortenhos, abriu o activo aos 12 minutos. A partir daí a turma local dominou as operações, mas perto do intervelo, contra a corrente do jogo, José Manuel, fez o golo da igualdade, após cruzamento por alto de Tonanha, o qual aos 48 minutos colocou a equipa nortenha em vantagem por 2-1, ao efectuar um «chapéu» a Mendes. Contudo, a equipa local reagiu, e empolgada pelo bom trabalho de Luís Manuel e Balaco veio a operar a reviravolta no resultado. Cadorin «bisou» aos 60 minutos, concretizando à boca da baliza um passe de Rui Águas e Balaco veio a cometer a mesma proeza, desvvando, primeiro, com os pés, um cruzamento de Luís Reina (69) e, depois, de cabeça, um canto marcado por Luís Manuel (71).

O Salgueiros marcou ainda mais um golo, por Armando, que, de cabeça, bateu Mendes, com este a ficar estático entre os postos, aos 83 minutos.

Sob a arbitragem de Gil Rosa, de Seúbal, alinharam:

Portimonense: Medes; Finis, Calaco, Simões, Alinho (Moisés, 46) e Luís Manuel; Abreu, Vítor Oliveira e Carvalho (Luís Reina, 54); Rui Águas e Cadorin.

Salgueiros: Makureira; Gilberto, João Gouveia, Matias e Casimiro (Armando, 73); Joi (João, 46), Rui França e Jorginho; José Manuel, Tonanha e António Manuel.

Acção disciplinar: amarelo para João Gouveia (69) e Rio França (80).

Lúcio: O obstáculo

Num jogo de fraco nível técnico, o guardião da equipa local, Lúcio, foi o jogador da tarde, ao evitar com a sua boa exibição a concretização das poucas (mas boas) oportunidades que o Farense criou.

O árbitro Miranda Dias, de Coimbra, que mostrou cartões amarelos a Quaresma (9) e Quim Manuel (60).

VARZIM: Lúcio; Bandeirinha (Vítor Manuel 46), Varela e Dias; Rodolfo Coutinho, José Maria, Júlio Sérgio e Manelzinho; Foneca (Bobó 73), Brandão e Folha.

FARENSE: Amaral; Quim Manuel, Leonardo, Quaresma e Bukovac (Fernando Martins 46); Rogério Valério, Nelson Borges e Fortes (Herbert 82); Casaca, Gil e Rui Lopes.

Boavista empata em Braga

O jogoslavo Filipovic, aos 18 minutos, criou a primeira grande oportunidade, com um remate de cabeça a passar rente ao poste da baliza de Hélder. Nos minutos seguintes, os visitantes marcaram os dois golos, sempre dentro do mesmo sistema de jogo. Aos 20 minutos, José Rafael, isolado na área bracarense, deu o melhor caminho a um cruzamento da esquerda, e dois minutos depois numa avançada com tabelinhas entre Filipovic e Parente, este ficou sozinho frente a Hélder e marcou sem problemas o segundo golo da equipa do Boavista.

Aos 39 minutos, na sequência da onda atacante dos locais. Guedes foi ceifado dentro da área por Jorginho, e Zinho reduziu na marcação do castigo máximo.

No segundo tempo o Braga entrou com a mesma disposição ofensiva, e aos 57 minutos surgiu a igualdade, na sequência de um cruzamento de Zinho para trás da defesa boavisteira, com Dito desmarcado e à entrada da área, perante a saída de Alfredo, a marcar o temto do empate com um «chapéu» para o canto contrário.

O árbitro Raul Ribeiro, de Aveiro, mostrou o cartão amarelo a Carlinhos (62), Nélito (64) e João Cardoso (80).

BRAGA: Hélder: Guedes (Quim Alberto 44) Nelito, Dito e João Cardoso; Serra, Festas (Reinaldo 27) Zinho e Vítor Santos; Fontes e Jorge Gomes.

BOAVISTA: Alfredo; Queiró, Parente, Frederico e Carlinhos; Adão, Jorginho e Almeida; Filipovic (José Pedro 46), e José Rafael e Vitorino (Palhares 33).

Belenenses empata e Sporting vence

No Restelo arbitrou Francisco Silva, de Faro e as equipas alinharam:

Belenenses: Melo; Pereirinha, José António, Artur e Murça; Jorge (Joel 63), Ronnie, Ruben (Meneses 46) e Dudu; Norton de Matos e Djão.

Vitória Setúbal; Jorge: Mota, Artur, Vicente e Sobrinho; Barrinha (Cerdeira 50), Freire, Vitinha e Roçadas (Formosinho 73); Nacimento e Jorge Plácido.

Acção disciplinar: cartões amarelos para Sobrinho (29), Jorge Plácido (34) e Jorge (guarda-redes do Vitória 87)

Autores dos golos: Jorge Plácido (39 e 57) e Dudu (80) e Djão (85)

Resultado final: Belenenses,2-V. Setúbal, 2

Em Alvalade, Carlos Valente (Setúbal) foi o «juiz» e as equipas apresentaram:

Sporting: Damas; Xavier, Mário Jorge, Morato e Venâncio; Zezinho, Lito (Forbs 82) e Sousa; Manuel Fernandes, Virgílio (Litos, 72) e Eldon.

Guimarães: Jesus; Costeado, Valério, Teixeirinha e Laureta; Soeiro (Paulo Viana 87), Gregório, Paquito e Paulo Ricardo; Da Silva (Russiano 73) e Miguel.

Acção disciplinar: amarelo mostrado a: Venâncio 940), Costeado (62) e Da Silva (73).

Marcadores: Venâncio (17), Sousa (18) e Eldon (62).

Resultado final: Sporting, 3-Guimarães, 0.

F. C. Porto, 3 - Rio Ave, 0

Com dedicatória a Pedroto

O FC Porto realizou uma bela exibição para bater o Rio Ave por 3-0 nas Antas na primeira jornada do campeonato português de futebol e o seu técnico Artur Jorge dedicou o triunfo a Pedroto. O primeiro tento foi um auto-golo de Brito, aos 21 minutos, o segundo saiu dos pés de Vermelhinho, aos 25, e Gomes fechou a contagem aos 60.

Foram feitos três golos pelos «dragões azuis» e muitos outros ficaram por marcar, num desafio em que a técnica foi dada pelo ataque insistente dos visitados e defesa porfiada do Rio Ave, quase sempre com um só homem (Rui Lopes) na frente. A espelhar esta toada está o número de cantos: 16 para o FC Porto e um para o Rio Ave. O primeiro golo surgiu de uma jogada de insistência na direita com Quinito a lançar Frasco, este a tentar o cruzamento e a bola a bater numa perna de Brito e a trair Alberto. Quatro minutos depois, Quinito apontou um livre do lado esquerdo para a área, Gomes saltou mais alto que Santana e deu a Vermelhinho, que após uma troca de pés rematou rasteiro com êxito.

O melhor marcador do campeonato da época passada fez o seu primeiro golo em 84/85 após um cruzamento de João Pinto ao seundo poste, com Vermelhinho a tocar para a marca de «penalty» e Gomes a aparecer em voo e a atirar pra a baliza.

Vermelhinho foi o melhor elemento num onze «azul e branco» já a demonstrar muito entrosamento e que podia ter construído um resultado bem folgado, não fosse o caso de o mesmo Vermelhinho se mostrar perdulário. O esquerdino do FC Porto viu remates seus serem salvos sobre o risco por Brito e Alberto, aos 33 e 34 minutos.

No Rio Ave, Brito foi o melhor, apesar da infelicidade do autogolo.

Sob a arbitragem de António Costa (Viana do Castelo), alinharam:

FC PORTO – Zé Beo; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Quim (Jacques 72), Frasco (Jaime Magalhães, 75) e Quinito; Gomes e Futre e Vermelhinho.

RIO AVE: Alberto; Sérgio, Brito, Santana, Duarte e Pinto (Virgílio 69); Carvalho Rui Lopes; Carlos Manuel (Azevedo 64) e Juanico.

Totobola:

a chave

1 Vizela-Benfica			2
2 Porto-Rio Ave	1		
3 Sporting-Guimarães	1		
4 Braga-Boavista		X	
5 Belenenses-Setúbal		X	
6 Penafiel-Académica			2
7 Varzim-Farense		X	
8 Portimonense-Salgueiros	1		
9 Arsenal-Chelsea		X	
10 Everton-Tottenham			2
11 Norwich-Liverpool		X	
12 Sheffield-Nottingham	1		
13 Sunderland-Southampton	1		

NÚMEROS DO DIA — Apostas: 10517559; matrizes: 1016173; valor de cada prémio: 14820000$00.

PREVISÕES — Com 13 resultados certos, de 43 a 45; com 12, de 835 a 900; com 11, de 9625 a 10350.

jogue connosco

1 BENFICA-BRAGA	X	X	2
2 BOAVISTA-PORTO	1	X	X
3 ACADÉMICA-SPORTING	1	X	2
4 RIO AVE-PORTIMONENSE	X	X	2
5 SETÚBAL-VIZELA	X	X	2
6 GUIMARÃES-BELENENSES	1	X	2
7 FARENSE-PENAFIEL	X	X	2
8 SALGUEIROS-VARZIM	1	X	X
9 IPSWICH-MANCHESTER U.	1	X	X
10 NEWCASTLE-ASTON VILLA	1	X	2
11 SOUTHAMPTON-WEST HAM	X	X	2
12 WATFORD-ARSENAL	1	X	X
13 WEST BROMWICH-LUTON	X	X	2

Classificação

	CASA					FORA				TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	F.-C.	V.	E.	D.	F.-C.	V.	E.	D.	F.-C.	P
Académica	1	0	0	0	0-0	1	0	0	3-0	1	0	0	3-0	2
F. C. Porto	1	1	0	0	3-0	0	0	0	0-0	1	0	0	3-0	2
Sporting	1	1	0	0	3-0	0	0	0	0-0	1	0	0	3-0	2
Portimonense	1	1	0	0	4-3	0	0	0	0-0	1	0	0	4-3	2
Benfica	1	0	0	0	0-0	1	0	0	2-1	1	0	0	2-1	2
Boavista	1	0	0	0	0-0	0	1	0	2-2	0	1	0	2-2	1
Setúbal	1	0	0	0	0-0	0	1	0	2-2	0	1	0	2-2	1
Belenenses	1	0	1	0	2-2	0	0	0	0-0	0	1	0	2-2	1
Braga	1	0	1	0	2-2	0	0	0	0-0	0	1	0	2-2	1
Farense	1	0	0	0	0-0	0	1	0	0-0	0	1	0	0-0	1
Varzim	1	0	1	0	0-0	0	0	0	0-0	0	1	0	0-0	1
Salgueiros	1	0	0	0	0-0	0	0	1	3-4	0	1	0	3-4	0
Vizela	1	0	0	1	1-2	0	0	0	0-0	0	0	1	1-2	0
Guimarães	1	0	0	0	0-0	0	0	1	0-3	0	0	1	0-3	0
Rio Ave	1	0	0	0	0-0	0	0	1	0-3	0	0	1	0-3	0
Penafiel	1	0	0	1	0-3	0	0	0	0-0	0	0	1	0-3	0

DESPORTO

46.ª VOLTA A PORTUGAL

Pedras: no calor da noite

Neves de Sousa nosso enviado especial

Podia ser pai de qualquer dos seus efémeros colegas de estrada: e, no entanto, com 39 feitos e sofridos, estão de amarelo neste dia em que a «Volta» repousa nas Pedras Salgadas. Outro colega, poderia ter ficado inscrito como triunfador de uma etapa e, afinal, dele não relatará a história futura mais que o breve nome e uma presença: com 25 primaveras no papo, nascido em Nabais (perto da Póvoa do Varzim) solteiro («e bom rapaz», como faz questão de acrescentar) Isidro Miranda pensou com os seus botões, naquela longa esgrima com o conta-quilómetros que demorou cento e setenta mil metros a sepultar na memória, que irá encaminhar até longe um trabalho cimentado em muito suor e (talvez) algum desânimo final. Continuará (e até novo salto-tentativa) a labutar no ciclismo? Isidro Miranda não se afoita muito:

«Trabalhava na constução civil mas agora não podia fazer duas coisas ao mesmo tempo e resolvi dedicar-me exclusivamente ao pedal. Mas, há anos assim, de crise: não ganhamos nada, o que recebemos mal dá para a comida, eu precisava de embolsar até às Pedras Salgadas qualquer coisa que se visse para poder ficar mais descansado.

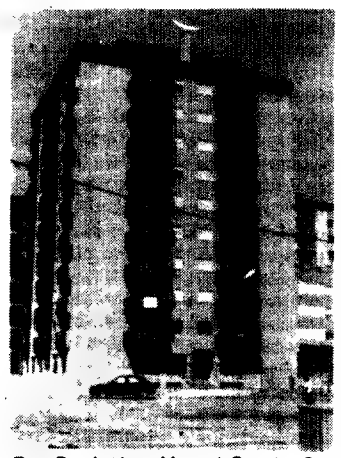
Por isso tentei a minha sorte, arranquei do pelotão, mal tínhamos saído de Gouveia e, embora soubesse que a tarefa que estava à frente e era muito difícil, também entendi que, ficando no pelotão, não ganhava um tostão: ao menos sempre recebo «algum» mas ficaria muito mais satisfeito se tivesse ganho a etapa. Depois da queda que dei na Nazaré (como se di?) um prémio para o meu sacrifício.

De amarelo, todo canário, Vesceslau Fernandes passa perto e lança a graça:

«Oh Isidro: foge agora que ninguém te agarra...

Estava toda a gente a descansar: hoje, nas Pedras Salgadas, é dia de tréguas. A grande guerra só amanhã abre hostilidades.

ANÍBAL ANTÓNIO TEIXEIRA
CONSTRUÇÕES, LDA.



SE VOCÊ PRECISA DE ANDARES, LOJAS, ESCRITÓRIOS OU ARMAZÉNS, ENTÃO NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR. TEMOS TUDO O QUE VOCÊ SONHOU.

EM SETUBAL: Na Rua Dr. António Manuel Gamito, 2
EM BEJA: Na Urbanização dos Falcões
EM PAIVAS-AMORA: Quinta do Conde, Lote n.º 20
NO LARANJEIRO: Quinta de Sto. Amaro Impasse V, n.º 1

JURO BONIFICADO
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES

Escr.: R. das Flores, Lote 20
☎ 221 17 61 Paivas – Amora 2840 SEIXAL
DELEGAÇÃO: Urbanização Falcoes – ☎ 084 2 59 04 — 7800 BEJA

Desejo receber mais informações

Nome _____
Morada _____
Localidade _____

Leal na estrada

O fim-de-semana teve uma grande e bonita etapa (Covilhã-Gouveia) e uma enfadonha e pasmante tirada largada até às termas. Sábado quando o episódico camisola amarela Alberto Leal deu uma queda, mal se ultrapassara uma passagem de nível localizada aos oito quilómetros de corrida, foi muito areia para a camioneta do Lousa: embora deixando Vale, Fernandes e Poeira para rebocarem o seu sol, a verdade é que teve de ser o simbólico comandante da pugna a pedalar sozinho se quis manter-se entre os maiorais, pois os colegas, não podendo com um gato pelo rabo, assistiam (nervosos mas impotentes) à galopada dura de Marco Chagas que, vendo o leal rival com o ombro esquerdino retalhado, desatou como um demónio a fugir pela estrada. E foram necessários quarenta e três quilómetros para Alberto Leal, já sem pinga de força, se juntar aos parceiros mais cotados: sem capacidade (logicamente) para obviar a um brilharete do rapaz de Pontével que, aproveitando a súbita junção do pai Venceslau, com o velho senhor dividiu o que havia pelo caminho, apresentando-se em Gouveia a repartir (em termos do «Tratado de Tordesilhas») o montante a embolsar: e pouco mais ficou para o resto da grante corte.

Paulo Ferreira (triunfador na etapa das Pedras Salgadas) e o veterano «Lau» que enverga a camisola canarinho ladeiam o sportinguista Carlos Marta ali colocado por ter sido primeiro na meta dos 5 quilómetros.

Covilhã: futebol

Desistira o tavirense Jackes Roubain, aproveitado o percurso de regresso no carro de Sabaton, outro francês que ninguém entende o que veio fazer por estas áreas. Sucederam-se os prémios particulares, as metas oficiais, mas nada estaria para ficar residindo na memória para além da escapada de Marco, logo secundada por Venceslau, não fora termos recolhido, dos dirigentes do Sporting da Covilhã, as mais severas críticas a José Domingos, o treinador que parecia de pedra e cal na formação futebolística dos serranos, e de um instante para o outro, deixou o «Santos Pinto» trocando-o pelo «Mário Duarte» em Aveiro.

«Um ingrato, um maroto. Contratou cinco tipos que não interessam nem ao menino Jesus, queríamos um guarda-redes que esteve no Sporting e o José Domingos acabou por levá-lo para o Beira-Mar. O malandro que não volte aqui, porque pode o nosso campo ficar interdito mas ele leva uma lição que não mais esquecerá...

Realmente, o problema desportivo que agita a Covilhã centra-se na súbita abdicação do técnico serrano, que, tendo casado perto de Hermínios, comprometendo a sua palavra para prosseguir uma campanha para onde arrancava com a confiança de uma cidade inteira, acabou por (subitamente) virar costas e, com armas e bagagens, mudar o rumo à sua bússola.

Ele não queria assinar contrato: Dizia que valia a sua palavra. Afinal, não serviu para justificar um centavo. E ficamos todos muito decepcionados.

Tirada agressiva

Numa etapa que sempre foi prometendo explosão, viveu-se a troca dos postos na vanguarda classificativa. Marco Chagas a explicar porque continua sendo o favorito primordial a cintilar em todas as mentes e Venceslau Fernandes, como uma fénix renascida, a igualmente permanecer na peneira da admiração maior. O sportinguista mostrando que somente um leve acidente de percurso o vergou: na subida para as Penhas da Saúde. O apocalíptico cavalheiro quase com quatro dezenas de anos a provar que, tal como Agostinho ou o vinho do Porto, a idade apenas confere respeito e valor.

Para além disso, numa ligação (Covilhã-Gouveia) com noventa e quatro quilómetros que a dupla vanguardista cobriu em duas horas e pouco mais que 43 minutos, houve um mais correcto acasalamento de valores, com a repescagem dos quatro homens que chegaram depois do controlo encerrar: proveito (e resistência permitida) para Manuel Augusto Gomes, José Mendes, Marino Fonseca e José Fenandes. Todavia, por outro lado, o júri não foi contemplativo nem tão benevolente: manteve as penalidades aplicadas anteriormente a seis corredores que por incúria dos directores desportivos ou dos técnicos, sofreram trinta segundos de castigo na subida inicial para as Penhas da Saúde.

Manuel Zeferino, envolvido nesta malha, ficou a sofrer na pele: poderia estar no quarto lugar, limita-se a ver Adelino atropelando o seu posto. Ainda da charneira com Gouveia (média de 34,44 km/hora) diria o «lau»: «puxei pelo Marco que, para mim é o vencedor desta volta». É o único ciclista que, nesta gente toda, tem trunfos para jogar em todos os andamentos e condições do percurso porque (por exemplo) no meu caso terei de limitar-me a vestir a amarela até deixarmos as Pedras Salgadas e a agradecer ter conseguido isso a beira dos quarenta anos. O Marco é o meu favorito, portou-se como o grande colega que sempre foi na caminhada que fizemos juntos até Gouveia: é um autêntico desportista e respeito-o tanto que, neste momento e absolutamente tranquilo, digo apenas isto: já ficarei muito satisfeito de acabar a «Volta» nos cinco primeiros lugares desde que o Marco vença.

Emídio Pinto comentava:

«Estava tudo planeado: e, na hora H, aí aparecemos nós a responder a quantos procuravam estorvar a nossa acção.

Marco Chagas sempre modesto:

«Abalei só: cumpri logo as ordens do meu técnico. Depois, também por indicação do senhor Emídio Pinto, resolvi esperar pelo Venceslau que vinha em fuga. A subida era muito longa, entendi que o nosso «LAU» merecia (por uma carreira das mais bonitas no ciclismo português) justificar a vitória no «Prémio da Montanha» e na meta cinco quilómetros da chegada, mas não se julgue, por isso ou por qualquer outra ideia, que foi permitido o seu sucesso: competimos, só que ele foi aí melhor, porque eu me resguardava para a ponta final, em Gouveia.»

O campeão de Portugal acrescentava:

«Aproveitei esta etapa para colocar as coisas mais direitas, um ponto nos iis. A prova tem apenas dois ou três dias de competição: até aqui foi um quase passeio e só depois das Pedras Salgadas é que cada formação vai mostrar os seus trunfos. Para mim é como se tudo largasse agora do zero: estou a seis segundos do «LAU», ocupo o lugar imediato ao guia, julgo que está correcta a classificação até ao momento».

Alexandre Ruas dizia:

«O Sporting conseguiu destronar o meu colega que era camisola amarela, mas beneficiou de um dos muitos acasos que vão sempre surgindo numa «Volta a Portugal».

Alberto Leal explicava a queda:

«De repente, mal estava em cima da linha do comboio, avariaram-se os travões e eu não tinha outra coisa a fazer: atirei-me para a frente, fui parar ao chão, raspei com o ombro esquerdo na terra, fiquei com umas dores que nem desejo ao pior inimigo. Depois, a minha equipa não teve força: e eu fui obrigado a fazer todo o esforço possível para recolar depressa e sem esperar por ajudas. Foi tremendo».

Belmiro Silva estava (como habitualmente) aborrecido:

«Os meus colegas deveriam ter vindo na roda: não me cabe qualquer responsabilidade da Ovarense não estar agora no cimo da classificação. O Lousa também não correspondeu aos muitos ataques do Sporting: a Ovarense tem uma táctica diferente embora as coisas estejam um bocado tremidas, não há ninguém que possa dizer que tudo está definido. Ainda há muita tinta para correr...

Futuro, passado

Ontem foi a abalada até às Pedras Salgadas. Aos seis quilómetros a queda de Adelino Teixeira: os sócios da entidade patronal prontamente o rebocaram até ao pelotão. Seguiu-se a arrancada de Isidro Miranda, a vitória numa boa- mão cheia de metas com o correspondente dinheirinho para a algibeira, simulacros de outras saídas do pelotão e, finalmente, o jovem Paulo Ferreira que recebe luz verde para saltar atrás do homem do Coimbrões. E depois de ter andado uns bons quilómetros com o parceiro à ilharga, ainda teria força para não se deixar cilindrar pelo pelotão e mostrar pernas suficientes para o «Sprint» final, que apenas serviu para confirmar o mocinho de Alvalade como um nome da futura guarda de um desporto que exige, pronta e rapidamente, reciclagem de fio a pavio, talvez já a partir da reunião que vai ter hoje lugar entre a Federação e «todos os interessados pelo futuro da modalidade, especialmente clubes e corredores». A convocatória para o conclave é assinada por António Chambel, vice-presidente federativo que (vamos ver) alinhará ou não, pela posição de Francisco Nunes, o seu superior hierárquico que deseja ver novamente a Federação a tomar todas as rédeas da «Volta» abolindo colaborações prestáveis mas estranhas e ainda que elas partam de organizações (possantes e capacitadas) como é a empresa do nosso prezado colega «Jornal de Notícias».

«Nós (a Federação) temos gente e capacidade para promover a bom cabo uma «Volta» — diz Francisco Nunes, que também logo confirmou que muito haverá para remodelar no ciclismo se for desejo dos seus amigos «que a modalidade continue na primeira linha da admiração geral».

Voo de pássaro

Rapidamente e para o arquivo da memória, a etapa de ontem ficará assim: uma hora demorou a percorrer trinta e nova quilómetros, duas horas foi o necessário para 74 mil metros, cento e um quilómetros demoraram três voltas de calendário e quando se entrou na quarta casa estavam andados 140 quilómetros. Alberto Oliveira, o prestigiado estafeta-moto da prova dizia-me, do alto dos seus 55 anos e das 24 «Voltas» cumpridas:

«Antigamente, quando havia a luta entre o Mário Silva e o Peixoto Alves, é que isto ia até às últimas pinguinhas. Em seguida, com umas alternantes pelo caminho, surgiu a época do Agostinho: e foi o que se viu. Agora, com o Marco Chagas grande favorito, toda a gente parece contemplativa, à espera não se sabe do quê. Ainda bem que o Venceslau conseguiu a amarela, porque sempre dá um safanão neste ciclismo: afinal, foi preciso um «velho» colocar-se em bicos de pés para a miudagem entender qua ainda existem ciclistas a sério.

Dois dopados

Aparece na estrada Mário Silva: corre ao lado de Isidro Miranda. Conta o antigo vencedor de uma «Volta»:

«Sei o que sofri, e entendo que toda a gente deve respeitar estes rapazes que nem sequer são como os futebolistas que, se des-

Continua na pág 15

SAGRUP CONSÓRCIO DE CONCESSIONÁRIOS GENERAL MOTORS
O único consórcio de marca em Portugal
Telefs. 808020/803658

DESPORTO

Classificações

8.ª ETAPA — GOUVEIA-PEDRAS SALGADAS
(190 km)

INDIVIDUAL

		H-M-S
1.	Paulo Ferreira (Sporting-Raposeira)	5 26-45
2.	Carlos Santos (Lousa-Trinaranjus-IBA)	m. t.
3.	Marco Chagas (Sporting-Raposeira)	m. t.
4.º	Manuel Cunha (Ovarense-Herculano)	m. t.
5.º	E. Passos (Paços Ferreira-C. Pinto & Mota)	m. t.

EQUIPAS

	H M S
1.ª — Sporting-Raposeira	16-20-15
2.ª — Ovarense-Herculano	m. t.
3.ª — Lousa-Trinaranjus-IBA	m. t.
4.ª — Ajacto-Morphy Richards	m. t.
5.ª — P. Ferreira-C. Pinto & Mota	m. t.
6.ª — Olhanense-Algarve	m. t.
7.ª — Maria José Abreu-Vigaminho	m. t.
8.ª — Tavira-Macal Minarelli	m. t.
9.ª — Coimbrões-Café Gama	m. t.

POR EQUIPAS

	H M S
1.ª — Sporting/Raposeira	90-30-48
2.ª — Lousa/Trinaranjus-IBA	a 02-08
3.ª — Ovarense/Herculano	a 05-14

A META
A melhor organização em artigos para Desporto no Distrito
Rua D. João de Castro, 37-B *2800 ALMADA*

Classificação Camisola Verde

POR PONTOS

1.º — Carlos Santos (Lousa-Trinaranjus-IBA)	77
2.º — Paulo Ferreira (Sporting-Raposeira)	51
3.º — António Fernandes (Olhanense-Algarve)	33
4.º — Alexandre Rua (Lousa-Trinaranjus-IBA)	29
5.º — Marco Chagas (Sporting-Raposeira)	19

ARDAL MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Classificação Camisola Azul

PRÉMIO DA MONTANHA

	PONTOS
1.º — Manuel Cunha	51
2.º — Venceslau Fernandes	36
3.º — Marco Chagas	26
4.º — Alberto Leal	15
5.º — Adelino Teixeira	12

TÁTINTAS
Comércio de Tintas para Automoveis Lda

Classificação Camisola Rosa

METAS-VOLANTES

	PONTOS
1.º — Carlos Santos (Lousa-Trinaranjus-IBA)	46
2.º — Paulo Ferreira (Sporting-Raposeira)	24
3.º — Carlos Marta (Sporting-Raposeira)	11

Classificação geral

ELECTRO HERMES DE ALMADA, LDA.
ELECTRODOMÉSTICOS

Classificação Camisola Amarela

INDIVIDUAL

		H-M-S
1.º	V. Fernandes (Ajacto-Morphy Richards)	30-08-48
2.º	Marco Chagas (Sporting-Raposeira)	a 06
3.º	Alberto Leal (Lousa-Trinaranjus-IBA)	a 01-53
4.º	Adel. Teixeira (Lousa-Trinaranjus-IBA)	a 02-34
5.º	Manuel Zeferino (Sporting-Raposeira)	a 02-45
6.º	Luís Vargues (Olhanense-Algarve)	m. t.
7.º	António Pinto (Ovarense-Herculano)	a 02-55
8.º	Eduardo Correia (Sporting-Raposeira)	a 03-07
9.º	Belmiro Silva (Ovarense-Herculano)	a 03-21
10.º	Manuel Cunha (Ovarense-Herculano)	a 03-30

No calor da noite

Continuação da pág. 14

sem uma das quedas em que é fértil o ciclismo, estavam um mês a pão e laranjas.»

Desiste o António Castro, «ratinho» já ultrapassado que as crónicas de uma década sempre apontam como afável e delicado nas relações com a Imprensa: desta feita , nem sequer teve ensejo de chegar à fala com um homem que, sempre na cauda do pelotão, atingia a meta quando os colegas estavam sob o círculo de intensidade dos admiradores, e o Castro passava discretamente, tão sereno como quando ontem, no carro-vassoura, seu ajuda e montaria a António Pinto (moço do Coimbrões que detectado na rede do doping, preferiu ir já para casa a ficar ao lado de António Fernandes que, por causa de um derivado de efedrina, também está «positivo» no exame do júri inabalável. O rapaz do Olhanense ficou a modos que conformado, mas viajando entre a impotência e a reclamação:

«Há muitos anos que tomo os mesmos medicamentos e apenas sei que nunca tive problemas, excepto numa etapa que terminou em Évora, em que, por causa de outras coisas, acabei por perder o que tinha ganho. Agora, sinto-me muito desanimado e nem sei o que devo fazer à vida. Isto estava a andar tão bem...»

Fala-se que, para além desta dupla de «dopados», haverá outro corredor algarvio envolvido no mesmo problema. Certamente que o desmentido ou a confirmação atingem esta tarde as Pedras Salgadas, onde a caravana recpousa antes da derradeira arrancada até Matosinhos. E nunca tão forte e compacta foi a comitiva: para o leitor fica com a ideia basta dizer-lhe que para além de todos os órgãos de Comunicação Social mais divulgados também estão por essas áreas representantes do «Correio do Douro» e do «Diário do Algarve» com passagem pelo jornal do clube de Alvalade, igualmente a desfilar no seio da embaixada automobilística mas, com os outros dois parceiros de momentâneo agrupamento, a ningém ver nas salas de Imprensa.

Por falar nisso: António Fernandes não pede contra-análises, nem isso (aqui para nós) valeria nada. Luís Vargues diria:

António Fernandes acrescentava:

«Tenho tomado sempre o mesmo...» E não passava daí, deixando a palavra para Belmiro Silva que, com um ponto de vista totalmente desafecto dessas andanças, comentaria a presença em Pedras Salgadas deste modo:

«Fiquei um bocado aborrecido com o público, que nem sequer nos deixou entrar bem para a meta, perturbando nitidamente o nosso esforço.»

Carlos Marta ia a fundo na questão: «VERDADE: é isso mesmo: não podemos deixar fugir nenhum dos mais cotados. Só os que ficaram para tras é que podem fazer pela vida. Nós (Sporting) temos outras aspirações que apenas ganhar etapas».

Eduardo Correia, também de Alvalade: «Na parte final, para as Pedras Salgadas, já não era preciso perseguir ninguém: estava meio pelotão 'pendurado'».

A nossa equipa de reportagem desloca-se numa viatura gentilmente cedida por
SACAVENAUTO
Estrada Nacional, n.º 10 n.º 69
2685 SACAVÉM
Telefone; 2525040

E é o treinador dos verde-brancos quem conclue: «para poder continuar a ser grande desporto, o ciclismo precisava de uma dúzia de homens como o Marco Chagas. Ele vai ganhar a Volta, nem que seja no contra-relógio final. Nós estamos a dominar a corrida, apenas deixámos o Isidro Miranda andar um tempo à frente porque não afectava a nossa classificação mas, a cinquenta quilmetros da meta, dei ordem para acabar com a festa e cá estamos: agora, o futuro pertence-nos, porque não acredito que qualquer homem do Lousa ou da Ovarense nos possam fazer sombra».

José de Sousa Cintra, maioritário (quase impar, aliás) na empresa «Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas» vem até à sala de Imprensa, conta como tomou as rédeas de um império que estava em declive, e agora considerar-se «mandando brasa» no mercado turístico nacional. Ele diz:

«O ciclismo completou-se com esta chegada às Pedras Salgadas e aproveitando a grande plateia, transporta um espectáculo muito vivo à porta do amante de uma modalidade desportiva altamente qualificada. Crei que na medida do possível e sempre que isso me seja solicitado, estaremos na primeira trincheira para ajudar a sua divulgação».

Quedamo-nos (afinal) em período de reflexão e repouso. Deixemos ao leitor a hipótese de ir jogando so sseus dados enquanto, por cá, todos bem.

A estrada ficou tranquila e sem suor.

"Uma história a duas colunas"

Lamego: deixemos os considerandos e vamos aos finalmente

O professor Valdemar Caetano é o director do Instituto Nacional dos Despostos, em Lamego: Ali funciona o Centro Regional de Formação que, no monte de Santo Estêvão, nasceu em 1978 ganhando na altura condizente quando corria 1980, na fase da grande definição. Valdemar Caetano, que estivera à frente das instalações do Estádio Nacional, colocou Lamego na primeira fila do apetrechamento desportivo há coisa de quatro anos, com um apoio mais decisivo do Fundo de Fomento do Desporto; 3500 contos no ano transacto, cinco mil esta época, o que vai permitindo uma normal gestão. Para o apetrechamento, há verbas suplementares: são vinte hectares de terreno (incluindo mata) dentro do património do IND: que realizações ali ocorrem?

— «Depois da fase evolutiva, de confusão e sem procura de caminho, o Instituto Nacional dos Desportos começou a acolher os praticantes de meio-fundo que, pelo impulso do professor Mário Moniz Pereira, vieram até Lamego. Divulgadas as excepcionais condições de estágio e treino, começaram a chegar turmas de futebol: primeiro o Académico de Viseu e, logo, o Sporting (de Venglos). Seguiu-se a selecção nacional de judo (encaminhada pela Federação da modalidade) e, por influência da autarquia local, veio a natação da oidade.»

Valdemar Caetano, ainda convalescente de um acidente de viação de consequências muito dolorosas, mostra-nos o IND de Lamego. E vai contando:

— «Dispomos de um pavilhão polivalente da mais alta qualidade, já apetrechado para a prática de diversas modalidades, com um piso magnífico estiveram ali a fazerem a sua preparação as selecções nacionais de basquetebol e voleibol apenas se lamentando que o andebol continue desconhecendo Lamego. Por seu lado, em redor do rectângulo relvado para o futebol vamos construir dois corredores de tartan e, lá em baixo (aponta o rio) utilizamos o Douro para canoagem a remo, depois de termos aqui assistido à concentração dos atletas franceses que, constituindo a sua equipa olímpica, foram a Los Angeles.»

Só agora o IND de Lamego começa a estar divulgado: o Totobola deu preciosa ajuda, mas continuam a existir Federações e Associações que vivendo de subsídios estatais, continuam a desconhecer uma obra erguida pelo Governo para auxílio ao desporto nacional. Dentro de poucas semanas na reunião dos ministros do Desporto que terá lugar no Conselho da Europa, Lamego e as suas potencialidades vão ter lugar à mesa das conversações para justificar um alerta à formação de técnicos desportivos. Elucidação do professor Valdemar Caetano:

— «Viseu, Guarda, Vila Real e Bragança aproveitáram a nossa estrutura, já proporcionadora de doze professores de Educação Física. Em Setembro, será o novo arranque: depois do professor Jorge Araújo ter trazido o basquetebol (com palestras e colóquios) de Rosa Mota e o professor José Pedrosa igualmente ter divulgado as instalações desportivas que possuímos, Carlos Lopes e Fernando Memede utilizaram estes terrenos e serão (certamente) os primeiros a garantir que dispomos de toda a capacidade para treino de Inverno e preparação prévia de temporada em qualquer disciplina desportiva.»

«Este Centro de Lamego está vocacionado para o desporto. Efectuaram-se aqui as fornadas médicas e reuniões profissionais de alto gabarito, mesmo de natureza social. Promovemos um projecto para o Nordeste aberto a todos os ramos desportivos. Em termos de futebol: Boavista, Penafiel e Vizela efectuaram em Lamego a sua preparação para o campeonato nacional dispondo (mesmo) nas instalações de um sector de video-tape técnicos-monitores, lavandaria, salas para reuniões, apetrechamento para a musculação e fisioterapia dos atletas. Estamos no momento da grande opção. O professor Mirandela da Costa (director-geral dos Desportos) tem um programa e entende (muito bem) que esta casa é preponderante nesse esquema de trabalho: é uma estrutura oferecida pelo Estado aos praticantes e terá de combater aquelas derivações que como no futebol e por aquilo que considero uma má planificação (ou diversificação) da Federação em vésperas do campeonato europeu, levou os jogadores para um local (Palmela) onde não logrará o menor benefício com a contrapartida de gastos escusados.

Para alé do edifício base do IND em Lamego, onde foram investidos cinquenta mil contos (foi preponderante o auxílio da Câmara Municipal lamacense) há um pequeno mundo de possibilidades ainda por descobrir em várias modalidades. Apenas não se deseja (como desabafou o professor Valdemar Caetano) que volte a acontecer uma má decisão (de afastamento) tomada pelo então presidente federativo de futebol (o benfiquista Romão Martins) que vetou Lamego para os «craques» a pretexto de que os senhores do espectáculo mais rico não gostavam de ir a um «self-service» escolher as refeições.

«Afinal (conta o director do IND) eles até ficam satisfeitos: mais tempo para os seus jogos ou para repousarem. Só o (então) presidente do nosso futebol é que, realmente, não estava disposto a passar sem criados.

Neves de Sousa

SAGRUP
TODA A GAMA DE VEÍCULOS OPEL e BEDFORD
SEM JUROS, EM 60 MESES...
Informe-se em todo o País nos concessionários GENERAL MOTORS

DESPORTO

A palavra dos camaradas

Olha o capacete, Luís...

Por: Luís Santos ("O Primeiro de Janeiro")

Voltou a acontecer queda grave no ciclismo. A gente está farta de rebater de tocar na tecla do capacete mas o ciclista não gosta quer o cabelo ao vento prefere arriscar, então se o ciclismo é um risco e as bicicletas idem. idem. Luís Teixeira (o Luís) caiu em Mangualde. na curva que antecedia a subida para a Senhora do Castelo partiu a clavícula. fez mais umas mossas na cabeça. abandonou a «Volta» que ele tinha programado como sendo a última. Há para aí uns três anos também nas Beiras. Luís Teixeira experimentou o «soalho». deu um tombo. Quinta-feira, pouco antes das 18.30. a repetição. novo tombo. «arranque» para Malgualde-hospital. transferência para Viseu pois na vila beirã raio X é tabú.

Luís Teixeira saiu da «Volta» e a «Volta» está mais pobre. pois o Luís das piadas. do riso. da boa disposição baixou à enfermaria na tal queda. naquela ânsia de chegar primeiro. de se fazer à subida. ao sprint. de ganhar uns cobres. de subir uns furos na «geral». de aparecer na TV. Aquele jeito de ciclista. que dá no duro. que arrisca. que enfrenta a estrada.

Voltamos ao capacete. Com ele, Luís Teixeira poderia continuar na prova rainha. poderia continuar a lutar lado a lado com os craques do pedal da nossa praça. Poderia mas para já. não pode.

Não sei se com o capacete a «coisa» não seria a mesma nem estamos aqui para discutir isso. O risco seria é certo. muito menor. a cabeça estaria protegida se bem que capacete para a clavícula ainda não foi inventado desse mal. Luís Teixeira não teria escapado

Não vamos recordar Agostinho. que nos deixou mais fracos naquela manhã de Albufeira. naquela manhã negra. cinzenta. escura. Vamos lembrar Luís Teixeira que regresse depressa. que volte à luta que não soluce (nem ele é desses) que traga a sua alegria. o seu contágio saudável à malta do ciclismo que ainda conta com ele para a manutenção de uma modalidade em vias de extinção.

É claro que não sou daqueles que têm a mania de «botar fala dura» assim a modos que o «suprassumo» cá do burgo. Gosto desta coisa chamada ciclismo e, como tal, estou em pulgas para voltar a ver Luís Teixeira na estrada. Não pares de vires em cabelo...

PS: no regresso vem de capacete, Luís...

Fórmula Um – O francês Alain Prost que ocupa a 2.ª posição no «Mundial» de condutores triunfou ontem no «GP» de Zanvoort. A seu lado no pódio os «imediatos» Niki Lauda (que comanda o campeonato) e o inglês Nigil Mansell. A McLaren consolidou a sua posição e tem o triunfo assegurado.

Atletismo em Londres

No "Europeu" de veteranos Portugal arrecada ouro

Portugal já obteve duas medalhas de ouro, três de prata e uma de bronze no Campeonato da Europa de Atletismo para veteranos a decorrer em Brighton, Inglaterra.

Os dois triunfos pertenceram a Péricles Pinto, no escalão 45 a 49 anos, no salto em comprimento (6,46 metros) e triplo salto (13,52). Perícles Pinto ainda obteve uma medalha de prata no salto em altura, com 1,70 metros.

No mesmo escalão, Armando Aldegalega, que tem 47 anos, como Perícles Pinto, ficou com a medalha de prata nos 10 000 metros, com 31.35 minutos. Outra medalha de prata foi alcançada por Leonor Carvalho, com 13,46 metros no triplo salto, no escalão 40 a 44 anos e a medalha de bronze foi para Fernando Ferreira, creditado de 19,78 segundos nos 100 metros barreiras. O escalão em que competiu foi o dos 65 aos 69 anos.

De Los Angeles

Atletas da Guiana não regressaram

Três dos quatro atletas que representaram a Guiana nos Jogos Olímpicos de Los Angeles ainda não regressaram ao país e os dirigentes não sabem deles.

«Tudo o que eu posso dizer é que praticamente toda a equipa não voltou» – afirmou um dirigente desportivo do pequeno país.

Apenas um pugilista, Gordon Carew, que ganhou um combate e foi posto KO no seguinte, está de volta. Stephen Frank e Christie Ward, também pugilistas, e Earl Haley, um «sprinter», ainda não apareceram nem deram notícias.

Dedicada aos Jogos Olímpicos revista "Atletismo" aí está

Praticamente dedicada aos Jogos Olímpicos de Los Angeles encontra-se à venda nos escaparates o n.º 33 da excelente revista **«ATLETISMO»** que o seu director e nosso estimado amigo M. Arons de Carvalho teve a gentileza de nos enviar e que aqui estamos a agradecer.

Sobre os «JO» nada escapou aos magníficos tratadistas Arons de Carvalho e Luís Lopes e quanto a fotografias é bem patente e categorias dos «chapas» Luís Vasconcelos (da NP) e de José Pedrosa. Casos, factos, nomes e números de Los Angeles tudo se encontra bem documentado neste número de **ATLETISMO.** E a nível nacional nada escapou à perspicácia da bem informada equipa da publicação que se edita na cidade da Amadora. Uma publicação que servirá de excelente documento para futuras consultas. Parabéns ao Manuel Arons de Carvalho e a qualidade do seu trabalho implica continuidade. Sempre.

História de «Os Belenenses»

Da autoria do incansável e prestigioso antigo dirigente do C.F. «Os Belenenses» está praticamente concluído mais um volume da «História do Belenenses» da qual constam todos os pormenores da vida do grande clube do Restelo até ao momento presente. De referir que Acácio Rosa teima em evidenciar a sua grande dedicação ao seu clube de sempre destinando a receita da venda de mais este seu livro, para as modalidades amadoras do clube. Exemplo notável de um dirigente de craveira singular. No próximo mês o livro aí estará e no acto do seu lançamento para o que já fomos amavelmente convidados vai suceder a emoção do autor. Acácio Rosa é bem um caso de orgulho do nosso desporto.

Homenagem a Joaquim Agostinho

Dirigentes do Tavira confirmam discordância

Assinado por cinco elementos da direcção do Ginásio Clube de Tavira, recebemos, com pedido de publicação, o seguinte esclarecimento:

Face a notícia veiculada por alguns Órgãos da Comunicação Social, na qual, com base em afirmações de responsáveis da Câmara Municipal de Tavira, se dizia que o Ginásio Clube de Tavira havia proibido a homenagem ao malogrado ciclista Joaquim Agostinho, dentro da sua pista de ciclismo, este clube transcreve a troca de correpondência entre as duas entidades, deixando ao critério dos desportistas e amantes do ciclismo, a análise da verdade, que deu lugar a este facto:

Ofício n.º 3373, de 21/6/84, da Câmara Municipal de Tavira

«A Câmara Municipal de Tavira em sua reunião ordinária realizada no passado dia 12 de Junho, deliberou por unanimidade promover a realização de uma homenagem ao ciclista Joaquim Agostinho, aquando da próxima realização do prólogo da Volta a Portugal em bicicleta, a qual terá lugar nesta cidade no próximo dia 19 de Agosto.

Da referida homenagem consta o descerramento de uma placa, a colocar no Campo de Jogos desse clube.

Assim, venho solicitar a anuência de V.Ex.ª para a colocação da placa no local referido».

Ofício n.º 32/84, de 3/7/84, do Ginásio Clube de Tavira

«Em referência ao ofício de V. Ex.ª, n.º 3373, de 20 de Junho pp., cumpre-me informar de que, em reunião desta direcção, foi deliberado aceder a que, durante a passagem da caravana da Volta a Portugal em bicicleta, seja prestada manifesta homenagem ao ciclista Joaquim Agostinho, recentemente falecido. Todavia, e no que respeita à colocação de uma placa nas instalações desportivas deste clube, existem alguns factores que não terão encontrado consensoal acordo desta direcção, os quais passamos a enumerar, e pomos à consideração dessa Exm.ª Câmara:

1. — A homenagem parte de uma entidade, que não o Ginásio de Tavira, e a placa seria colocada em propriedade deste clube, o qual não terá sido convidado a integrar-se directamente no referido acto.

2. — O atleta a homenagear. ainda que indiscutivelmente tenha dignificado o ciclismo nacional, nunca defendeu as cores deste clube, nem a ele prestou qualquer serviço de merecido reconhecimento.

3. — Durante a actividade ciclista do Ginásio de Tavira, dois dos nossos atletas morreram na estrada, envergando a camisola do Ginásio de Tavira (um em prova oficial e outro numa sessão de treino), não lhes tendo sido, até agora, injustamente, prestada igual, ou outra qualquer homenagem, pelo que a posição deste clube, ao permitir a colocação da placa referida, seria justamente criticável.

Pelo exposto, esta direcção viria, como normal, que a homenagem que se pretende prestar ao malogrado Joaquim Agostinho, não incluisse o descerramento de qualquer placa.»

Finalmente...

Grândola tem um parque desportivo

O Parque Desportivo de Grândola é a resposta as necessidades das populações locais e as condições agora criadas podem vir a ter repercussões nos resultados desportivos afirmou um autarca daquela vila alentejana na inauguração das novas instalações.

O Parque Desportivo de Grândola. inaugurado por ocasião da feira de Agosto 84. representa um investimento de cerca de 40000 contos que os cofres camarários custearam integralmente desde 1980. A obra. que compreende um campo de futebol. uma pista de atletismo, campos de treinos e de râguebi. um recinto para futebol de cinco. voleibol. e hóquei em patins, bem como instalações para a prática de andebol e basquetebol. Parte dos balneários encontram-se já prontos. tal como uma bancada com capacidade para 2500 espectadores, lotação que com a contrução de uma segunda bancada subirá para os 4000 lugares. Complementarmente existe. desde o ano passado. um tanque de aprendizagfem de natação. usado por cerca de 400 crianças.

Estas instalações visam criar condições para «a prática de uma série de modalidades até aqui completamente vedadas aos desportistas de Grândola. disse no discurso de inauguração António Mendes. presidente daquela autarquia alentejana.

Particularmente satisfeitas estão as cinco colectividades do concelho, em especial as duas da vila de Grândola, Sport Clube Grandolense e Desportivo Grandolense. que consideram ter a partir de agora, mais condições e maiores responsabilidades na suas carreiras desportivas. O parque Desportivo acaba por ser uma realização só possível graças ao empenhamento, à dedicação e competência dos trabalhadores envolvidos na obra, sem os quais o seu custo teria sido bastante superior. sublinhou o presidente da câmara.

Basquetebol: torneio de abertura

A Associação de Lisboa aguarda inscrições

Remetido pela Associação de Basquetebol de Lisboa recebemos um comunicado com o seguinte teor:

Torneio de Abertura (seniores masculinos). Os clubes que desejarem participar no Torneio de Abertura para Seniores Masculinos, destinado à preparação das suas equipas para os «Nacionais», deverão comunicar a sua adesão à ABL, até ao dia 10 de Setembro, impreterivelmente, prazo findo o qual não serão considerados.

Calendário provisório

Já na posse dois clubes os calendários provisórios dos «Regionais» de juniores e juvenis masculinos, de seniores juniores e juvenis femininos, devem os clubes, até 10 do próximo mês de Setembro, aprovar ou solicitar alterações aos mesmos, a considerar pela ABL. A partir daquela data são consideradas firmes as indicações dos calendários, sujeitando-se os clubes às sanções respectivas, pelas suas faltas. Do mesmo modo, deverão os clubes indicar as ocupações e disponibilidades dos seus recintos, já que não se verificarão as alterações, como na época finda, situações em que a ABL vai ser rígida.

No basquetebol do Benfica

"FNAC" é designação nas camisolas

Depois de firmado o acordo quanto à publicidade nas camisolas dos futebolistas, o Sport Lisboa e Benfica vai, esta noite (pelas 20 horas), assinar com a FNAC – Fábrica Nacional de Ar Condicionado, um contrato para inclusão de publicidade desta empresa nos equipamentos da sua equipa de basquetebol. A

partir de agora, FNAC é sigla colocada junto do símbolo da águia nas camisolas vermelhas dos basquetebolistas do grande clube da Luz.

Máximos

Inna Kleber, da RDA, estabeleceu novo recorde mundial feminino dos 100 metros costas, com 1.00,59 minutos, durante os 4X100 metros estilos do Troneio de Natação «Amizade-84» a decorrer em Moscovo.

O anterior recorde mundial pertencia a Rike Reinisch, também da RDA.

A nadadora da RDA Sylvia Gerasch, bateu o recorde mundial dos 100 metros bruços com o tempo de 1 minuto, 8,29 segundos.

A marca de Gerasch foi obtida durante os «Jogos da Amizade/84» e supera a anterior da sua compatriota Ute Gweniger, com 1.08,51 desde 2 de Agosto de 1983.

Placard

HÍPISMO, NA PENINA (ALGARVE) — Realiza-se, de 29 de Agosto a 2 de Setembro e pela 16.ª vez, o «Concurso de Saltos Internacional da Penina», que se tem tornado num dos mais sugestivos cartazes turísticos do Algarve, impondo-se igualmente como um importante acontecimento do seu género nos meios do hípismo nacional e internacional. Embora tenha sido necessário vencer e ultrapassar imensas dificuldades, a Comissão Organizadora, dinamizada pelo eng.º José Valente, e com o estímulo da administração do «Penina Golf Hotel» levou por diante, mais uma vez, o seu projecto de realizar o concurso, com a inclusão dos mais notáveis cavaleiros portugueses e de alguns prestigiosos concorrentes espanhóis, franceses, belgas, suíços, e, muito possivelmente também, com a participação do cavaleiro irlandês, que o ano passado ganhou o «Grande Prémio da Penina».

Centenário do nascimento de Romulo Gallegos comemorado na Venezuela

A Venezuela comemorou o centenório do nascimento de Romulo Gallegos, escritor e político, considerado o pai da literatura hispano-americana.

Romulo Gallegos, autor do romance «Dona Bárbara», com vendas superiores a um milhão de exemplares, é apontado pelos especialistas como um dos fundadores de um pensamento latino-americano autêntico, a par de José Marti, Alfonso Reyes e José Vasconcelos.

O escritor nasceu a 2 de Agosto de 1884, em Caracas, onde estudou Filosofia e Matemática e onde exerceu o professorado em diversos colégios.

Aos 17 anos, Gallegos começou a publicar artigos sobre educação e temas políticos na revista «A Alcorada», que deixou nas letras venezuelanas uma marca profunda.

Entre 1910 e 1920, Gallegos publicou vários contos, datando de 1913 o seu livro «Os Aventureiros».

Depois de renunciar, em Junho de 1931, ao cargo de senador com que o ditador Gomez quis agraciá-lo, Gallegos decidiu auto-exilar-se, fixando residência em Madrid, onde viveu cinco anos, durante os quais escreveu os romances «Cantaclaro» e «Canaima».

Após a morte do general Gomez, que governou a Venezuela durante 26 anos, Gallegos voltou à pátria, em 1935, aderindo ao partido Acção Democrática, e desempenhando sucessivamente os cargos de ministro da Educação, de senador e de presidente do Conselho Municipal de Caracas.

Em 1947, foi eleito presidente da Venezuela com 72 por cento dos votos, mas um golpe militar, em Novembro de 1948, levou-o a exilar-se pela segunda vez.

Gallegos instalou-se primeiro em Havana e depois em Miami, Florida, onde permaneceu dez anos, regressando em 1958 à Venezuela, após a queda do regime do ditador Marcos Perez Jimenez e a restauração da democracia.

Uma vez na Venezuela, Gallegos ingressou na Academia da Língua, foi doutor Honoris Causa por várias universiddes e apresentado como candidato ao Prémio Nobel da Literatura.

Gallegos morreu a 5 de Abril de 1969 com 84 anos, tendo sido instituído em sua honra um prémio internacional de literatura.

Centro de cultura portuguesa vai ser inaugurado no Rio de Janeiro

A Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras inaugurou um centro de cultura destinado a difundir a realidade cultural de Portugal no Brasil.

Representações, mostras de pintura, actividades musicais, exibição de filmes e cursos de pós-graduação serão actividades a promover pelo centro que pretende «desenvolver as relações entre Portugal e o Brasil», transmitindo a herança e património comum das novas gerações.

Marcolinas e Almeidas abundam no Benin

Marcolina, Fortunato, Sant'ana, Olympio e Joachim são alguns das dezenas de apelidos portugueses de nacionais do Benim, onde «Porto Novo» é hoje uma das principais cidades e 32 «Almeida» são referidos na lista telefónica de Cotonu.

«Possotomé» é a principal marca de água termal e de mesa deste país, dividindo-se as opiniões sobre se derivou da expressão popular «poço do Tomé», ou se aglutinou o vocabulário da língua nacional «Tome», que significa «aldeia», ao poço português, importado dos navegadores.

É na terminologia relativa a habitação, culinária e vestuário que as línguas das 30 maiores etnias do Benim conservam ainda hoje dezenas de vocabulários portugueses, sendo comummente utilizados nas tabancas reconditas do antigo Daomé palavras como «cozido, feijoada, timati, cozinha, vela, chave, saia, seda, cama e confissão».

No Benim «fófis» são fósforos, a freiras são «senhoras», os missionários são «padres», as cerimónias de choro por morte chamam-se «luto» e o «cozido» à portuguesa leva carne e peixe.

A família «Lisboa» é bem conhecida por meia população de Cotonu, Ângelo Luiz é um advogado com renome nesta capital, Bernadette «do Rego» é a embaixadora do Benim em Lagos, capital da Nigéria, e Luiz Ignácio Pinto foi, até à sua morte, no ano passado, juiz representante do Benim no Tribunal Internacional de Haia, após ter sido por muitos anos presidente do Supremo Tribunal do Daomé.

Herança dos antigos navegadores portugueses chegados no Século XV ou importação via Brasil com o regresso dos homens livres descendentes dos escravos, é ainda hoje muito comum encontrar beninenses chamados Sousa, Vieira, Alves, Rufino, Pereira, Silva, Oliveira, Santos, Rodrigues, Nascimento, Marcelino, Medeiros, da Cruz, e da Conceição.

Em Pequim

Confucio vai ter estátua gigante

O Templo de Confúcio em Kufu, Pequim, terá brevemente uma estátua gigante do mais importante pensador, educador e mestre da China antiga.

Esta construção refere a Imprensa chinesa, faz parte do programa de reabilitação da imagem de Confúcio, que durante a Revolução Cultural foi repudiado e acusado de ser um «reaccionário e obstinado defensor do feudalismo e da escravatura».

Confúcio, o «supremo sábio», nasceu em Kufu, na província de Shandong e viveu entre 551 e 479 antes de Cristo, tendo fundado uma escola de pensamento que alguns transformaram numa religião.

«O que Confúcio fez não foi 100 por cento bom, mas temos de ser objectivos e procurar a verdade: temos de resgatar o que é válido dos seus ensinamentos», disse um estudioso de Confúcio.

Actualmente a China aceita as ideias de Confúcio sobre educação e que serviram de suporte ao sistema educativo chinês e de muitos outros países.

Confúcio, liberto «da auréola divina» que teve em tempos, faz parte do património cultural e histórico da China de hoje.

Mesmo depois da revolução de 1911, quando a China passou a ser uma República, o confucionismo era uma religião importante, ao ponto de se oferecerem sacrifícios de animais em sua honra nos templos.

Na China de hoje muitas pessoas acreditam que Confúcio é uma das quatro grandes figuras religiosas da Humanidade, comparável aos fundadores do Cristianismo, do Islamismo e do Budismo.

A sua obra «Os Anais» foi lida na China durante séculos, tal como no Ocidente o foi a Bíblia.

Os estudiosos da obra de Confúcio consideram-no agnóstico pois a sua filosofia de vida e comportamento nãi se baseia na compensação e no castigo depois da morte.

Depois de uma geração durante a qual o confucionismo foi esquecido, a imagem do sábio «está esfumada na mente da juventude chinesa, pelo que se está a recuperar os lugares históricos», disse um especialista em Confúcio.

«Na China edificar uma estátua é recordar permanentemente uma pessoa, pelo que é grande honra», explicou o guia do templo de Confúcio.

O templo, o único da capital e o segundo mais importante da China, será aberto ao público a 1 de Outubro, dia em que se celebra o 35.° aniversário da fundação da República Popular.

Na Antiguidade quase todos os bairros tinham um pequeno templo dedicado a Confúcio, onde se orava e meditava, porém durante a Revolução Cultural, muitos templos foram destruídos ou gravemente danificados.

O Templo de Confúcio, em Pequim, escapou à acção destruidora dos guardas-vermelhos durante a Revolução Cultural (1966/1976) e está agora sob a protecção do Estado.

No templo, para além da estátua de Confúcio, haverá também 16 outras estátuas de discípulos de Confúcio, confeccionadas a partir de esculturas originais datadas da dinastia Ming (1368-/1644).

Hoje

RTP 1

O Perfil de Mae West encarnado por Ann Jillian e James Brolin

18.02 Notícias
18.07 3, 2, 1 Contacto
18.40 Telereglões
19.00 Sexta-Feira ou a Vida Selvagem
20.00 Telejornal
20.30 «O Bem Amado»
21.00 Perfil de Mae West
22.35 Volta a Portugal em Bicicleta
22.55 Últimas Notícias

Uma cena de «Sexta-Feira ou a Vida Selvagem»

RTP 2

19.32 Notícias
19.37 Desenhos Animados
20.00 Folclore
20.35 Documentário
21.05 Animação
21.30 «Guerra dos Sexos»
22.15 Jornal da Noite
22.45 Sexta-Feira ou a Vida Selvagem

Amanhã

RTP 1

18.02: Notícias; **18.05**: «Candy, Candy»; **18.35**: Telereglões; **19.00**: Arte e Perícia; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «O Bem Amado»; **21.00**: «Escândalos Vitorianos»; **22.05**: Grande Informação; **22.55**: Volta a Portugal em Bicicleta; **23.10**: Últimas Notícias.

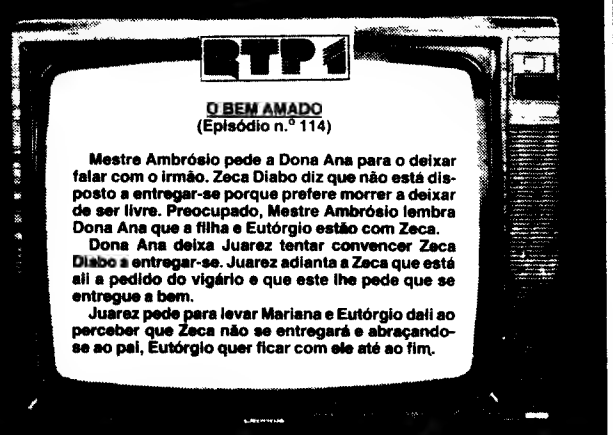
RTP 2

19.32: Notícias; **19.35**: Desenhos Animados; **20.00**: Exposição Artística de Gaia; **20.30**: Adágio; **20.55**: Artistas; **21.30**: «Guerra dos Sexos»; **22.15**: Jornal da Noite; **22.45**: «A Balada de Hill Street».

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
Mae West
(21.00)

RTP 2
Sexta-Feira ou a Vida Selvagem
(22.45)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada Telef 2112871

ESPECIAL FÉRIAS/84
NO
HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO

Apesar de tudo não deixe de fazer férias este ano. Você precisa de umas férias tranquilas.

7 dias: 7700.00 p.p. em quarto duplo no mês de Outubro e 9100.00 em Setembro, e a possibilidade que o Hotel do Parque lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no verde natural do Alto Minho, além de agradáveis surpresas.

(Suplemento para o mês de Agosto 2 800$00) Peça-nos programa detalhado «Especial Férias/84» por escrito C.P. 4900 — através do telefone 24151/5 telex 32511 ou no seu agente de viagens.

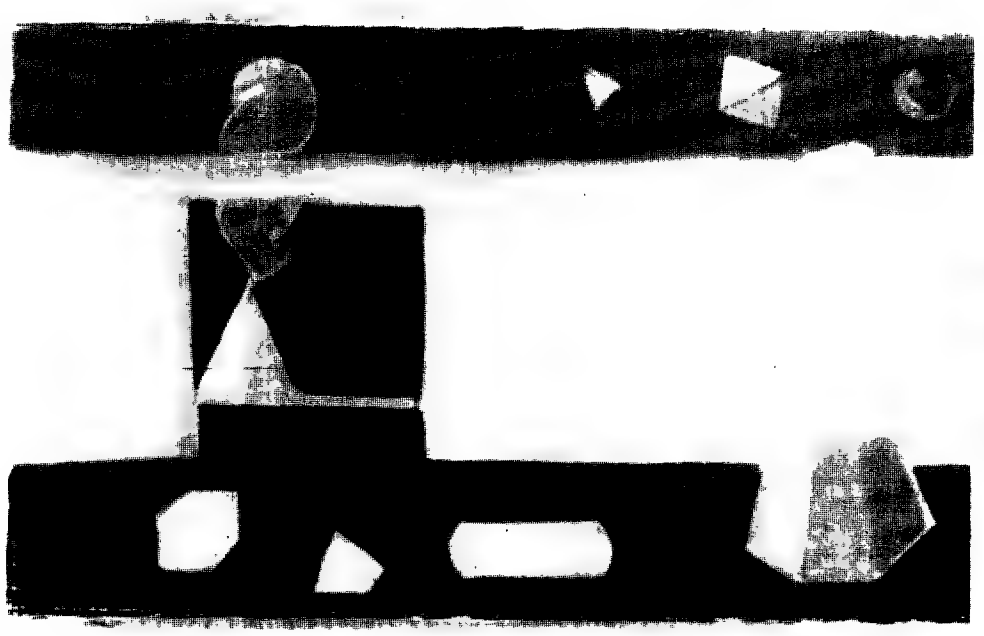
Aguardamos a sua rápida consulta que desde já agradecemos.

URSS 1984

- Compare preços... e viaje connosco
- 9 dias — Moscovo e Leninegrado 68.000$00
- 14 dias — itinerários diversos dd 84.500$00 (Báltico-Cáucaso-Sibéria-Ásia Central)
- Pensão completa, espectáculo, visitas sociais
- Voando com a АЭРОФЛОТ
- Peça programas detalhados p/ estas e outras viagens

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef 373110/1
Alv Op 414

roteiro cultural



Um dos trabalhos de Gonçalo Duarte expostos na galeria Diagonal em Cascais

Um dos quadros de Stella de Brito presentes no Hotel Algarve

Teatro

● «A Aurora da Minha Vida» de Naum Alves de Sousa é a nova peça apresentada pelo **Teatro Experimental de Cascais**. A encenação é de Carlos Avilez.

● O Grupo de Teatro **Cá e Lá**, formado por filhos de emigrantes portugueses residentes em Paris, está esta noite na Casa da Cultura das Caldas da Rainha para apresentar a peça «Sud-Express».

● Adélia Loureiro, António Vasco e Sérgio Santos são os alunos do Conservatório que, desde o princípio de Agosto, apresentam, no B'Arte, o espectáculo «Não Faç'Ideia». O trio constitue o Grupo **Nozes 3**.

Exposições

● «**Henrique Pousão**-1859-1884» é uma das exposições que pode ser vista na Gulbenkian. Ela é constituída por centenas de trabalhos de Henrique Pousão, considerado um dos maiores paisagistas portugueses.

● No Museu Nacional do Traje continua patente a expoisção «**O Brinquedo Português – do Pós-Guerra ao Plástico**».

● Artesanato urbano pode ser visto no Largo da Igreja do Penedo, na zona de Colares. A exposição integra mármores, cerâmicas, tecelagens, cestarias, sedas pintadas, vidros gravados, bijuterias, «patchwork» e bonecas. Chama-se «Fim-de-Estação» e nela participam **Manuel Abreu**, **George Le Calve** e a **Loja 'Almerinda**.

● Uma exposição de pintura de **Martins Gomes** pode ser vista no Restaurante Baluarte, em Cascais.

● Na Diagonal, também em Cascais, está prestes a chegar ao fim a exposição de pintura de **Gonçalo Duarte**.

● O «**Centro Histórico**» de **Setúbal** é o tema de uma exposição aberta ao público até ao fim do mês no ex-Café Central.

● No Hotel Eva, em Faro, continua patente uma exposição de fotografia subordinada ao tema **Algarve** e na qual estão representados 30 países.

● Uma exposição de pintura de **Stella de Brito** encontra-se patente ao público no Hotel Algarve, na Praia da Rocha.

Colóquios

● **Custódio Gingão**, operário agrícola da Cooperativa «Cravo Vermelho» de Montemor-o-Novo e deputado do PCP fala hoje, a partir das 21 horas, sobre a Reforma Agrária. O colóquio tem lugar na sede da União Alentejana, na Baixa da Banheira, onde também serão exibidos filmes sobre a RA.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música, **20.00**: Musical; **20.25**: No estúdio e no estádio; **20.35**. Música portuguesa; **21.00**. Diário da Volta a Portugal em Bicicleta; **21.30**: Notes de luar; **24.00**: Fecho. Noticiários intercalares às **16.00**. **17.00**. **18.00**. **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

16.00: Música de câmara; **16.30**: Música do Barroco alemão; **17.00**: Obras de Chopin; **17.30**: Missa «Pange Língua», de Josquin des Près; **18.05**: Intérpretes célebres; **19.00**. Terra viva, planeta azul; **19.30**: Quarteto em dó menor, n.1, de Brahms; **20.10**: «Musique de Table», de Georg Philipp Telemann; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, **22.00**: Música de Cláudio Monteverdi; **22.25**: Quarteto de cordas, n.º 3, de Alban Berg; **22.40**: Música de piano; **23.00**: Bienal de Helsínquia; **00.30**: Música de Dvorak, **01.00**: Fecho

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Programa do Sport Lisboa e Benfica; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca (2. edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Desporto; **23.00**: 24.ª hora Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas lusianas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Um programa de José Ramos; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizonte; **10.30**: Programa da LAR; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Ouvir e pensar; **22.00**: Hora de música; **23.00**: Diário 23; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; **21.30**: Pentagrama.

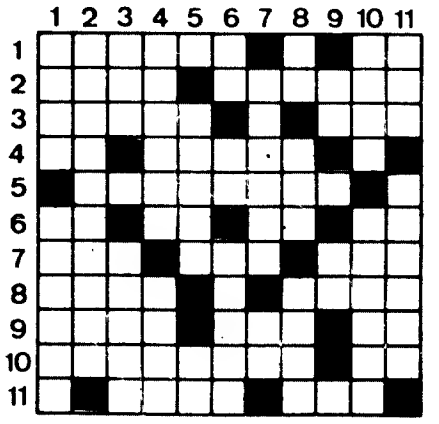
Desdobramento em FM Estéreo

22.00: A Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00** As supreestrelas do FM Noticiários a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14.121



HORIZONTAIS:

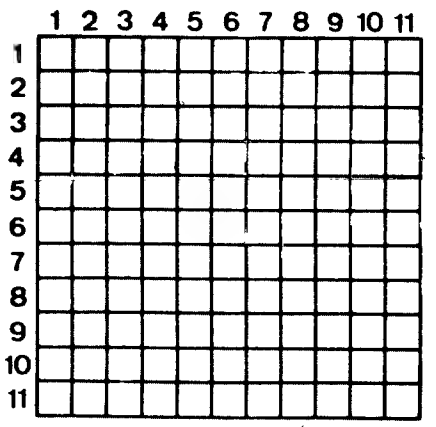
1 Larápio. Preposiçao.
2 Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Luz intensa.
3 Nome de flor Aqui está.
4 Ouro (s.q.). Erguida.
5 Aqueles que trabalham em minas
6 Basta. O mais Carta de jogar. Abreviatura da palavra inglesa «mister»
7 Agora. Princípio. Rea para trás.
8 Camada do globo terrestre onde predominam os silicatos de ferro e magnésio. Ilha da Indonésia.
9 Unidade monetária chinesa de valor variável segundo a região. Nome de mulher. Existe.
10 Acarinhares. Cartà de jogar.
11 Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. Estreito

VERTICAIS:

1 Cidade de Itália. Antiga moeda portuguesa equivalente a dez centavos.
2 Ordenariam
3 Doutora. Abertura no alto da muralha de uma fortaleza por onde se visava o inimigo.
4 Barranco. Espírito.
5 Olhinho. Átomo.
6 Onda curtas. Nesse lugar. Fora pelo ar com grande velocidade.
7 Gatuno. Preposição.
8 Aqui. Preposição e artigo. Cidade de Espanha.
9 Rénio (s.q). Cálcio (s.q.).
10 Ofereceis. Mil vezes mil.
11 Deusa da Aurora, esposa de Titomo. Atraiçoes.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9971



HORIZONTAIS:

1 Largo de Lisboa. Fúteis.
2 Vê. Maior. Estava.
3 Criança francesa célebre pelo seu heroismo. Verdadeiro.
4 Apelido. Sobrado.
5 Carta de jogar. Pronome possessivo. Rio da Sibéria.
6 Abreviatura de Santíssimo. Nome de peixe. Letra grega.
7 Filtra. Preposição
8 Germânio (s.q.). Despertava.
9 Grito. Carta de jogar.
10 Emitir raios. Deusas
11 Aldeia de Itália. Pertences. Rénio (s.q.).

VERTICAIS:

1 Bário (s.q.). Firme.
2 Limpas com água. Pronome pessoal.
3 Deusa latina da agricultura. Irmão do pai (inv).
4 O mais. Corda de reboque. Nesse lugar.
5 Antiga unidade monetária da Alemanha. Travara.
6 Faleceu. Ósmio (s.q.).
7 Reze. Joeirar. Preposição.
8 Antes de Cristo. Funcionais.
9 Idoso. Basta!
10 Brisa. Resumir.
11 Aldeão. Salvo erro. (abrev).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14.120

HORIZONTAIS

1 Antes. Bouça.
2 Móis. Vergar.
3 Aspa Ara.
4 Geadas. Em
5 Oco. Riará Ca.
6 Ro Atordoar.
7 Ar Pisai. Sa.
8 Amor Sol.
9 Ar. It. Id.
10 Ítaca. Gas.
11 Samarrão.

VERTICAIS

1 Amadora. Que.
2 No. Cora.
3 Tiago. Mais.
4 Esse. Aporta.
5 Partir. Am.
6 Vadios. Iça.
7 Be. Arrastar.
8 Or. Sadio.
9 Uga. Liga.
10 Carecas. Dão.
11 Aramaram.

Proverbio: Antes vergar que partir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9970

HORIZONTAIS:

1 Penas.
2 Ocara. Apelo.
3 Rematávamos.
4 Prever. Ms.
5 Oja. Ea.
6 Sor. Asira.
7 Anis. Amarro.
8 Anuir. Sois.
9 Isar. Id. Má.
10 Samarras.
11 Aa. Lassas.

VERTICAIS.

1 Formosa. Irá.
2 Ce. Jonas.
3 Lamparinas.
4 Rar. Sural.
5 Pateca. Má.
6 Avisarias.
7 Navelim. Drs.
8 Apararas. Rã.
9 Sem. Aromas.
10 Lomé. Rias.
11 Cossacos.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	85$55	91$35
ALEMANHA FED (marco)	51$75	52$85
ÁUST (xelim)	7$30	7$50
BÉL (franco)	2$399	2$599
BR (iro)	$046	$076
CAN (dólar — notas de 1 a 2)	114$45	116$45
(notas de 5 a 1000)	114$95	116$95
DINAMARCA (coroa)	14$20	14$60
ESPANHA (peseta)	$864	$984
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	148$75	150$ 75
(notas de 5 a 1000)	149$25	151$25
FINLÂNDIA (marka)	24$60	25$20
FRANÇA (franco)	16$85	17$55
HOLANDA (florim)	45$85	46$85
IRLANDA (libra)	160$30	164$30
ITÁLIA (lira)	$076	$086
JAPÃO (iene)	$590	$625
NORUEGA (coroa)	17$95	18$45
REINO UNIDO (libra)	195$30	199$30
SUÉCIA (coroa)	17$85	18$45
SUÍÇA (franco)	62$20	63$30
VENEZUELA (bolivar)	9$50	10$50

Observações:
1. — **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. — **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil**

cartaz de cinemas e teatros

Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
Cinco novas formas de luta!
OS CINCO LUTADORES DE SHAOLIN

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 6 a.
Festival Cantiflas
CANTIFLAS, O SR. DOUTOR
c/ Mário Moreno

AVIS 547153
Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A ENFERMEIRA DA NOITE

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– M. 6 a.
BREAKDANCE
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
A ESPADA ERA A LEI
7.ª Semana

CASTIL 530194
R Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O VEREDICTO

CINE BLOCO 556824
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
LAÇOS DE TERNURA
Às 24
ADEUS AMIGO

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
FUGA PARA ATENAS

CINE 222 579460
Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 13 a.
EM NOME DO PAPA-REI
Às 24
A FERRO E FOGO

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 6 a.
FLASHDANCE

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
ADÃO E EVA

CONDES 322573
Av da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
2.ª Semana

2000 2100055
Av B. Voluntários, lts 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
CLASSE

EDEN 320768
P Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
A FÚRIA DO HERÓI
3.ª Semana

ESTÚDIO 555134
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
107.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
7.ª Semana

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.30, 19, 21 30 e 24
– M. 12 a.
CARMEN

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
EM BUSDA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
MOONRAKER, 007 AVENTURA NO ESPAÇO

LIDO 936593
P. D. João I. Amadora

Às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
CALIFÓRNIA

MONTECARLO 681117
Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO
Às 24
A PONTE MAIS LONGA

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 328283/4
R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
BOBBY

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches, 122

ENCERRADO

POLITEAMA 326716
R Portas S Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
VOCÊ INTERESSA-SE PELA COISA?

QUARTETO 771378
R Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 12 a.
MOONLIGHTING
Às 23.30 – Int. men. 18 a.
MORTE NO NILO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 12 a.
CLEMENTINE TANGO
Às 23.30 – M. 18 a.
O GRANDE GOLPE

SALA 3
Às 15, 18 e 21 – Int. men. 13 a.
STALKER
Às 24 – M. 13 a.
PADRE PADRONE

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24 – Int. men. 18 a.
SALÓ

QUINTETO 573407
R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 18 e 21.15
– M. 18 a.
O PADRINHO I
Às 24
O MEU NOME É NINGUÉM

ROMA TEL 727778
Av de Roma, 14 M-N

Às 14. 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
A RAPARIGA DE LOS ANGELES

ROXY 548560
Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
LOUCURAS NA PRAIA

SÃO JORGE 579144/579344
Av da Liberdade, 175

SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15
OS ELEITOS

SALA 2
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
– M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
6.ª Semana

SALA 3

Às 13.45, 17.15 e 21
– M. 12 a.
O JULGAMENTO DE NUREMBERGA

7.ª ARTE 15
Av Republica à E Entre [illegible] ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19 10, 21 45 e 23 45
– M 18 a
LENNY
Domingo às 11 15
ASTERIX E CLEÓPATRA

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14-C

Às 15, 18 15 e 21.30
– M. 16 a
AS MALHAS DA TRAIÇÃO

TURIM 706666
E de Benfica, 723-A

As 15, 17.30 e 21.45
– M. 12 a.
OCTAPUSSY, OPERAÇÃO TENTÁCULO

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras, lote 879

Às 15, 18 15 e 21.30
– M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

XENON 368480
Av da Liberdade 9

Às 14.15, 17 30 e 21 30
– Int. men 13 a
TESS
Às 23.45
O CÃO

outros cinemas

Lisboa

OLÍMPIA – «Paraíso Sexual», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo em Explosão», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL – «A Rapariga de Los Angeles», às 21.30 (12 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Missão Suicida», às 21.15 (12 anos)
TERMINAL – «Que Paródia de Férias» às 21.30 (16 anos)
APOLO 70 – «Vai Trabalhar Malandro», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Os Comandos da Morte», às 21.30 (16 anos)
ZODIACO – «O Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)
ALFA-1 – «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Dan Monahan/Kaki Hunter», às 21.45 (16 anos)
ALFA-3 – «A Fúria do Herói», às 21.45 (16 anos)
TIVOLI – «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-CLUBE – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Cartas de Amor», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE – «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «Lços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
ESTORIL — Casino — Festival de Musica.
ESTORIL – Palácio – «Duas Malucas na Gaiola», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Jesus Cristo Super-Star», às 21.30 (18 anos)
COSTA DE CAPARICA – Slicine – «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.30 (16 anos)
ALMADA – Incrível – «Desforra no Vietname», às 21.15 (18 anos)
CRUZ DE PAU – Lord – «Os Marginais», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM — Cine-Estúdio Flores — «A Face do Poder», às 21,30 (13 anos).

Porto

ESTÚDIO – «Sacrifício da Vida», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «A Revolta dos Apaches», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Momentos de Glória», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «A Mulher em Chamas», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «A Grande Paródia», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «Bruce Lee Contra-Ataca», às 21.30 (16 anos)
COLISEU – «Viva Django», às 21.30 (16 anos)
ÁGUIA – «A Espada Era a Lei», às 21.00 (Todos)
BATALHA – «Nada de Sexo Estou Sem Forças», às 21.45 (12 anos)
FOCO – «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PASSOS MANUEL – «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.15 (6 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (13 anos)
CHAPLIN – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)
JÚLIO DINIS – «Hotel Paraíso», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE – «Vidas em Jogo», às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «A Educação de Rita», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Star 80», às 21.45 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T 638176); **ALVALADE: Zil**, Av da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO ALTO: Azevedo Ir. & Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **BENFOCA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO D'OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T 790969); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS SUL: Marta**, R Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SAPADORES: Zema**, R General Justiniano Padrel, 21-A (T. 83258C); **ODIVELAS: Almeida**, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B; **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **ANJOS - RUA MARIA ANDRADE: Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Maruês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **JANELAS VERDES: S. A. E. Silva Filhos**, . São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **RATO: Soares**, Av. Alvares Cabral, 1 (T. 684282); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T 99351); **OLIVAL BASTO: Nova**, R dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939)

Outra banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565) Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R Dr Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DA CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060) Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1 º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueira, 109 (T. 22783). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146 (T 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 219697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. D Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas, **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Pereira Bastos**, R D Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas, **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R Costa Pinto, 184 (T 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. de Saboia, 29 (T 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Artur Brandão**, Av. da República, 77-C (T 2471054). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278) Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**; **MADORNA: Madeira**, R. A (T 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Permanente; **São Jorge**, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T 938703). Até às 22 horas; **Romeiro**, Urbanização Casal de São Brás, lote 116. Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Araújo**, Rinchoa. Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 9230058) Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088)

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918) Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares** R José L Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da Republica, 86 (T. 2530027) Permanente

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

LIDADOR, R do Lidador, 265; **DINIZ**, R. Matias de Albuquerque, 247; **SILVA PEREIRA**, R. de Costa Cabral, 293, **BOAVISTA**, R da Boavista, 601, á Carvalhosa; **SOUSA SOARES**, R de Santa Catarina, 141.

DE DIA E TODA A NOITE

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚTUOS, R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122; **BORRALHO**, Av. Fernão de Magalhães, 692; **CORREIA**, P. Mousinho de Albuquerque, 78; **MATOS**, R. de Bordeaux, 184, Viso.

Coimbra

SILCAR, R. Ferreira Borges, 88-94 (T. 22923).

Caminhos de Ferro Portugueses

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 369740
Serviço de noite (depois das 21):
Portaria: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1496/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.20	**4,1 m**	8.53	**0,7 m**
15.33	**4,4 m**	21.30	**0,5 m**
Dia 28			
4.02	**4,2 m**	9.36	**0,6 m**
16.18	**4,5 m**	22.06	**0,5 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	14°
VILA REAL	13°
PORTO	16°
COIMBRA	17°
CABO CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	19°
ÉVORA	16°
BEJA	16°
FARO	19°
SAGRES	18°
PONTA DELGADA	21°
FUNCHAL	21°

Governo e Igreja avisam emigrantes

● Mota Pinto: "tenham cuidado com o vosso retorno"

● Bispo de Bragança: "não metam dinheiro em saco roto"

A situação dos emigrantes portugueses foi tema ontem para diferentes posições de duas figuras de relevo da vida portuguesa: o vice-primeiro-ministro, Mota Pinto, e o bispo de Bragança, D. António Rafael.

Falando em Messines (Algarve), numa festa de emigrantes promovida pela União Desportiva Messinense, Mota Pinto afirmou que um possível retorno de emigrantes tem de partir de uma «opção individual» e nunca de «soluções dogmáticas» mesmo que acompanhadas de medidas de estímulo.

O presidente do PSD e vice-primeiro-ministro alertou os emigrantes para que se informem com clareza e saibam «se aquilo com que vos estão a acenar será suficientemente compensador por aquilo que possam perder».

No decorrer da intervenção, Mota Pinto explicou aos emigrantes quais as intenções do Governo e o motivo que levou à formação da coligação.

Mota Pinto estimulou os emigrantes dizendo-lhes que em Portugal «o cidadão privado que quer dedicar-se à actividade económica empresarial tem o seu campo de acção».

Manuela Aguiar, que participou juntamente com o vice-primeiro-ministro na festa, garantiu que o Governo irá dar um maior apoio à abertura de escolas portuguesas no estrangeiro para que através dessa medida «possam estar ligados a Portugal e não perderão a identidade da língua».

Referindo-se a um possível regresso dos emigrantes a secretária de Estado da Emigração sublinhou que é necessário que os emigrantes que retornam saibam utilizar as poupanças e os conhecimentos adquiridos nos países onde estiveram, mas fez notar aos emigrantes que é preciso que se informem convenientemente das vantagens e desvantagens de aceitarem os «estímulos» que os governos dos países onde trabalham lhes querem dar.

O bispo de Bragança e o «saco roto»

PORTO, 27 – Mandar dinheiro para Portugal «é metê-lo em saco roto», afirmou por sua vez o bispo de Bragança, D. António José Rafael, no encerramento de uma semana cultural, que decorreu em Zedas (Carrazeda de Ansiães).

«Há, infelizmente – denunciou – quem tenha especial interesse em que nos deixemos embalar por uma falsa esperança e nos deixemos adormecer com promessas fingidas e fraudulentas. Não posso eu, vosso bispo, consentir ser cúmplice desta farsa e trágica armadilha preparada ao povo emigrante».

Referindo-se às remessas de divisas feitas pelos emigrantes, o prelado disse que elas não iam para o fomento e desenvolvimento regional nem para o fomento e desenvolvimento nacional, mas para «financiar o esbanjamento e lordismo nacional ou, mais exactamente, a mandriagem e corrupção generalizada e retardar a banca rota».

D. António Rafael considerou ainda «indigno e aviltante consentirmos que o Estado ou Governo – que se autoproclama democrático e defensor e professo dos direitos do homem – nos trate, não pelo que somos, mas pelo que temos».

«O Governo daqui – sublinhou – dá-vos regalias para vos aliciar a continuardes emigrantes. O governo de lá, acena-vos com prémios de retorno à vossa pátria. Qual é o vosso verdadeiro amigo? Um ou outro? Ou nenhum?.»

«Custa a dizê-lo, mas a verdade é esta: mandar dinheiro para Portugal é metê-lo em saco roto, porque no mesmo dia em que cambiais os marcos ou os francos em escudos, ou nesse mesmo dia, os escudos começam a contar menos ou a vida portuguesa a custar mais».

«Pedir então ao nosso Governo que guarde o vosso dinheiro equivale a pedir que acabe com a desvalorização mensal do escudo, e para tanto que detenha a inflação, e, para isso, resolva o problema do trabalho, não deixando cobrar ninguém no activo, mais do que produz».

Se os jovens pudessem...

Maria Manuela, 18 anos estudante

Os FP's devem ser presos

— *Em que curso pretende ingressar?*

— Estou à fazer a candidatura para Humanísticas. Escolhi Línguas e Literatura Moderna. Queria fazer Inglês e Português, mas como não tenho habilitações, tenho de me inscrever para Francês e Inglês.

— *E o numeros clausus...*

— O que são?

— *Pensa que vai ter média para conseguir entrar na Faculdade?*

— As nossas são baixas.

— *O que mais a preocupa como estudante?*

— *A falta de possibilidades que os jovens têm de estudar. Querem seguir um dado curso e não podem. Foi o que me aconteceu.*

— *Como vê a situação política no nosso país*

— *Está cada vez pior.*

— *Costuma estar informada? Lê jornais ou vê televisão?*

— *Mais ou menos.*

— *O que pensa das prisões de elementos suspeitos de pertencerem às FP-25?*

— *Pelo que tenho lido, se há possibilidades de estarem implicados acho bem que sejam presos. Os juízes lá sabem as razões. Não há provas, mas há suspeitas.*

— *E, no caso específico do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho, que já conta com dois meses de prisão preventiva, sem provas encontradas?*

— *Fala-se muito mais dele porque é conhecido. Se ele tem mesmo responsabilidades, deve ser preso. Não importa que tenha sido um estratego do 25 de Abril. Se tiraram a vida a outras pessoas e roubaram, devem ser punidos como outra pessoa qualquer.*

— *Quando se deu a revolução tinha oito anos. O que significa para si o 25 de Abril?*

— *Deixa-me dizer aquilo que quero. Posso falar sobre política. Posso estar aqui a falar. Abriu mais os horizontes das pessoas e do país.*

Meteorito cai na Moravia

Um enorme meteorito em chamas entrou na atmosfera e caiu em pedaços no sul da Moravia, anunciou a agência oficial checoslovaca.

A agência Ceteka diz que os cientistas encarregados de proceder a uma busca intensiva dos restos do meteorito estão convencidos de que o maior pedaço deverá pesar cerca de 20 quilogramas.

O meteorito atravessou a atmosfera em 3 de Agosto a uma velocidade de 12,5 quilómetros por segundo, uma das mais baixas velocidades possíveis para este tipo de corpo celeste e só se incendiou a 19 quilómetros acima da superfície terrestre.

Fotografias tiradas na ocasião revelam que o meteorito se desfez numa explosão de luz quando voava a três quilómetros por segundo, afirma a Ceteka.

Piquete da Judiciária pôde dormir

O piquete da Polícia Judiciária, onde habitualmente chega mais de uma dezena de participações por dia, recebeu nas últimas 24 horas apenas uma queixa – revelou uma fonte policial.

O único crime participado à PJ, entre as 8 e 30 de domingo e as 8 e 30 de hoje foi um assalto a uma residência de Olivais Sul, em Lisboa.

Os assaltantes arrombaram a porta da residência, de onde levaram depois um televisor a cores, um rádio/relógio, um relógio de pulso, 2 pulseiras, anéis de ouro e diversos objectos

Em declarações ao "DL"

Jurista belga considera "vagas" acusações contra Otelo

O jurista belga Jacques Borgaux que se encontra em Lisboa desde sexta-feira para se informar sobre «os fundamentos legais ao abrigo dos quais Otelo é mantido sob prisão» não pôde avistar esta manhã com o ex-comandante do COPCON. Borgaux tinha-se dirigido a Caxias na companhia de Romeu Francês, advogado de Otelo Saraiva de Carvalho, mas não lhe foi autorizada a visita, uma vez que não tinha preenchido o requerimento necessário para o efeito.

Jacques Borgaux, que se deslocou a Portugal a pedido da Associação Internacional de Juristas Democratas, parte hoje para Bruxelas. Em declarações ao «DL», o jurista belga referiu não conhecer todo o processo de Otelo por estar sob segredo de justiça. «Parece-me, no entanto, que as acusações dirigidas contra ele são muito vagas», afirmou-nos Jacques Borgaux.

Aquele jurista disse-nos ainda que a sua vinda a Portugal se justifica também pelo facto de a opinião pública democrática desejar saber se Otelo é ou não culpado. Falando sobre a «reputação democrática de Portugal», Borgaux salientou ser «a justiça de um país sintomática da democracia nesse país» e se a primeira vai mal, a segunda não irá melhor.

Entretanto, Romeu Francês afirmou esta manhã ao «DL» que nem ele, nem Otelo Saraiva de Carvalho tinham sido informados sobre qualquer acusação formal dirigida contra o ex-comandante do COPCON. Recorde-se que, conforme noticiámos, o semanário «Expresso», na sua última edição, indicava, citando fontesd próximas do processo, que Otelo e outros quatro detidos do «caso FP» tinham sido formalmente acusados da «prática do crime previsto e punido no art.º 288 e seus vários números do Código Penal».

Romeu Francês, que frisou não ter nada de novo quanto ao processo de Otelo, disse que aguardava o desenvolvimento da instrução criminal, cuja primeira fase termina no dia 20 de Setembro. Prazo que pode ser prorrogado, com base num despacho fundamentado, por mais de trinta dias.

Garrido transferido para Caxias

António Manuel Pires Garrido, o candidato da FUP às eleições legislativas de 1980 que na quinta-feira foi ferido pela explosão de uma bomba, foi transferido para o Hospital Prisional de Caxias, segundo disse à NP uma fonte hospitalar. Recorde-se que, segundo um comunicado da PJ, António Garrido teria sido ferido quando montava um engenho explosivo de pequena potência junto de uma serração em Vale de Porco.

O ferido foi transferido do Hospital de Castelo Branco para S. José, onde foi operado na sexta-feira. No sábado à tarde, António Garrido teria sido ouvido pelo juiz Almeida Cruz, sendo transferido para o Hospital de Caxias durante o fim-de-semana.

Segundo contou ao «DL», a mulher de António Garrido, a GNR foi, pouco depois da explosão da bomba, à sua casa, em Castelo Branco, onde lhe perguntaram, pelo marido, e lhe pediram uma descrição do carro em que Garrido tinha saido.

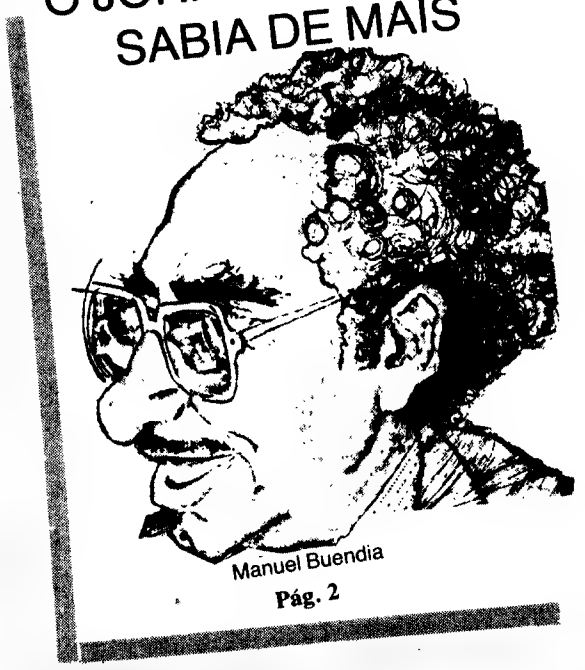
Deixando-se trucidar por comboio

Casal de namorados procurou a morte

Um casal, ao que tudo indica de namorados, foi colhido, mortalmente, cerca das 22 e 30 de ontem, na Estação da Trindade, no Porto, por um comboio proveniente de Guimarães. Segundo testemunhas oculares, os dois jovens estavam abraçados no meio da via e, beijando-se, esperaram que a composição passasse sobre eles. Os seus corpos jazem agora sobre o mármore frio da morgue do Hospital de Santo António, onde ao fim da manhã apenas um deles tinha sido identificado: António Norberto Lima Soares, de 26 anos, natural de Miragaia e residente em Oliveira do Douro.

O SUPLEMENTO DAS SEGUNDAS-FEIRAS

O JORNALISTA QUE SABIA DE MAIS



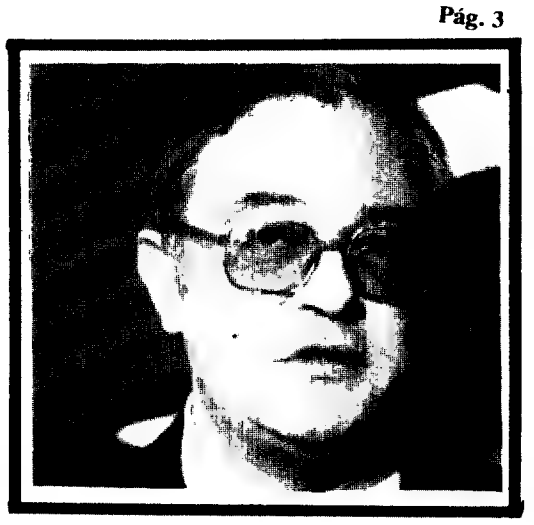
Manuel Buendia

Pág. 2

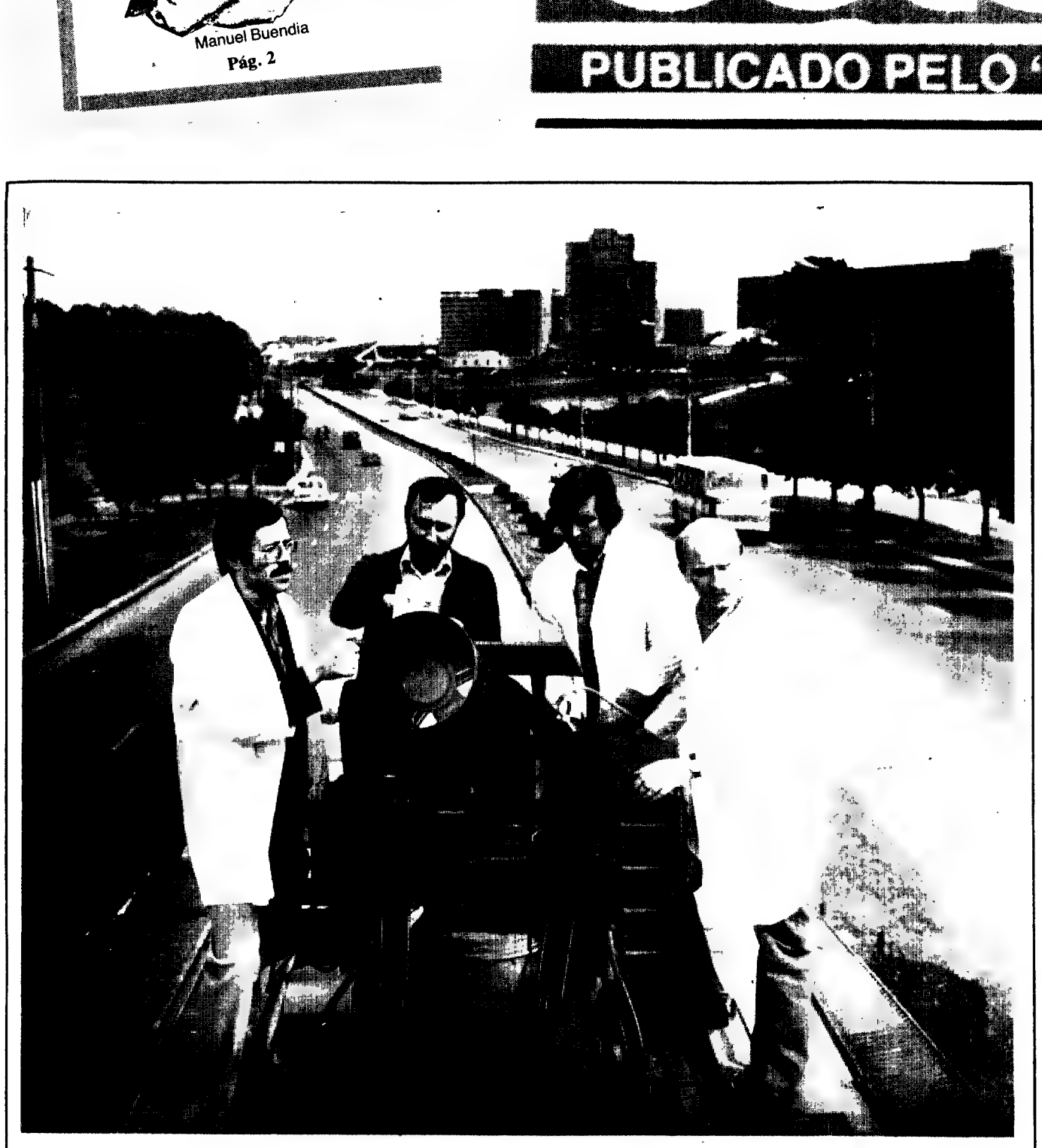
sete ponto sete

Destaque: M. ANTUNES

Pág. 3



PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"



Este canhão «laser» analisa o ar até uma altitude de 30 quilómetros para determinar o seu grau de poluição

Chuvas ácidas

Quem paga os prejuízos que elas causam? E quem paga a luta contra a poluição? O imbróglio internacional das chuvas ácidas preocupa, hoje todos os países industriais e «post-industriais».

Págs. 4, 5 e 6

Guerra das Galáxias

WASHINGTON, 27 Ago. — o Pentágono norte-americano quer incrementar o plano para o desenvolvimento de mísseis de defesa espacial, como repetidamente o presidente Ronald Reagan anunciou, com a chamada «Guerra das Galáxias» convencido que estabelecia assim o equilíbrio nuclear.

O plano obrigará a União Soviética a modificar toda a estratégia do seu arsenal atómico e a substituir o recurso aos mísseis instalados em terra por armas mais antigas, como os bombardeiros — informaram os peritos na matéria.

Tudo isso suporia a redução do risco nuclear, opina o Pentágono, porque os foguetões lançados dos bombardeiros permitiriam um prazo de alerta de várias horas, e não apenas de minutos, como acontece actualmente.

O presidente Reagan anunciou, pela primeira vez, a ambiciosa política de «Guerra das Galáxias» em finais de 1982, e pediu ao Congresso que lhe concedesse 26 mil milhões de dólares para o seu desenvolvimento, durante cinco anos.

A iniciativa norte-americana causa grandes preocupações a Moscovo, que dispõe de mísseis anti-satélite mas que está em desvantagem perante o estudo de mísseis de defesa espacial.

A proposta soviética de negociar sobre a desmilitarização do espaço poderia parar o desenvolvimento do programa norte-americano segundo revelaram fontes do Pentágono.

Contudo, parece que as duas superpotências não se sentarão à mesa, em Viena, em Setembro, como propôs Moscovo, para chegar a um acordo sobre a proibição de fabricar e instalar armas anti-satélites.

Washington, insiste em poder abordar ali o tema dos mísseis nucleares intercontinentais e de médio alcance, mas Moscovo nega-se a ampliar a agenda de trabalho, nem que seja de um só ponto.

Os críticos, e entre eles muitos cientistas, dizem que a ideia da «Guerra das Galáxias» é contraproducente e está fora do alcance tecnológico de qualquer das duas superpotências, contribuindo apenas para desestabilizar o chamado «equilíbrio de terror».

MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

Só entre nós

Free-shops em concurso

Começa hoje a segunda semana do prazo estipulado para o concurso público respeitante à exploração das *free-shopes* do Aeroporto da Portela. Em 1983, o volume de negócios da meia dúzia de estabelecimentos deste tipo, no aeroporto de Lisboa, atingiu 600 mil ocontos, o que é de molde a espicaçar o interesse de empresas comerciais. Sobretudo porque, afastado, de momento, o projecto alternativa da Ota, que, a preços de há dois anos custaria 100 milhões de contos, a Portela está a ser alvo de obras visando «aguentá-la» como principal aeroporto da capital até ao fim da primeira década do próximo século. 15 milhões de contos deverão ser gastos ali até 1988. O projecto, que não exclui a possibilidade de construção de uma nova aerogare, interessa, a curto prazo, à expansão da zona comercial – e à remodelação de toda a decoração.

Pousada de Mateus

Depois de ter sido utilizado durante anos como «poiso» de uma espécie de Nova Acrópole Estatal, o magnífico Solar de Mateus, em Vila Real de Trás-os-Montes, vai ser transformado, em breve, em pousada, com capacidade para uma larga trintena de quartos. O projecto está, pelo menos, a entusiasmar os gestores da Enatur.

Lumiar, «adieu!»

Um vasto terreno nas «margens» da Segunda Circular está já sob a mira da Televisão, em negociações com Nuno Krus Abecasis, como alternativa aos velhos estúdios do Lumiar, que estão já a impedir o desenvolvimento da urbanização da zona, além de aceitarem mal a vizinhança das prolongadas obras que o Metropolitano vai fazer ali. A mudança deverá estar concluída em 1987, enquanto o Centro de Emissão e de Notícias deve mudar para a Avenida 5 de Outubro ainda no decurso de 1985.

Quatro duplo 700 escudos

Um recém-chegado de férias nas ilhas gregas garante que ainda conseguiu este ano, alugar, numa delas, um óptimo quarto duplo pelo equivalente a 700 escudos. A Grécia de Papandreu, que nunca desprezou aquilo a que os gestores portugueses do PSD chamam o «turismo de pé descalço», apesar de também conhecer as instalações hoteleiras de 5 estrelas, poderia, assim (e também devido aos preços aceitáveis na alimentação), transformar-se a breve prazo em alternativa de férias para alguns portugueses, para quem o Algarve se tornou realmente inacessível.

São Domingo

Na primeira reunião da «rentrée», amanhã, o Governo deverá apreciar o péssimo efeito causado em França pelo balanço sobre Portugal que Alain Echegut publica na última edição da «Témoignage Chrétian»: o conhecido jornalista afirma no seu artigo (que publicamos na íntegra nesta edição do Sete Ponto Sete) que Portugal, sob o Governo Soares, está a transformar-se num verdadeiro São Domingos.

Paranóia substitui Maré Viva

A partir da meia-noite em 104 MHZ no FM, uma vez de quinze em quinze dias, a «Rádio Paranóia», que, na prática, ocupa o lugar de «Ráidio Maré Viva», está a querer emitir na região do Porto. Os seus animadores consideram que as rádios livres não deverão poder iir além dos 2 W de capacidade – única maneira de evitar que o espaço destas não seja aproveitado por iniciativas meramente comerciais (e com fins lucrativos), que estariam no termo do seu período de gestação e ameaçariam «assaltar» as ondas.

P A R A Í S O S

O jornalista que sabia de mais

Quando um jornalista se torna demasiado incómodo, há modos expeditivos de o reduzir ao silêncio. Foi esse o caso, há alguns anos, na Sicília, do demasiado curioso De Mauro de quem se diz que foi morto e «enterrado» pela Mafia num pilar de betão de uma ponte de auto-estrada. Há um mês, no México, Buendia foi assassinado. Abertamente, para melhor poder fazer reflectir os candidatos aos editoriais vingadores.

JEAN-CLAUDE BUHRER

O México ainda não está refeito da comoção provocada pelo assassínio, a 30 de Maio, em pleno centro da capital, de Manuel Buendia, um dos maiores jornalistas do país. Na crónica do quotidiano *Excelsior* fez uma denúncia encarniçada dos males do país, a começar pela corrupção. Um dos seus últimos artigos intitulava-se precisamente «Uma sociedade doente». Um mês depois do seu desaparecimento, o inquérito continua sem avançar e as pessoas continuam a perder-se em conjecturas. A morte de um jornalista pode esconder ou revelar muitas coisas.

30 de Maio de 1984: ao cair da noite, pelas 18 horas e meia, acendem-se as luzes dos estabelecimentos na famosa «zona rosa» barulhenta e cosmopolita, do coração da Cidade do México. Os hotéis, numerosos no bairro onde a rua de Londres se cruza com a de Génova, Hamburgo, Nice ou Roma, recolhem os turistas estafados. Os engarrafamentos enchem as ruas estreitas que convergem para o passeio da Reforma e para a grande avenida dos *Insurgentes*. Num parque automóvel um homem dirige-se para um carro, não longe do seu escritório. Alguém aproxima-se por detrás, puxa-lhe a gabardine. Há tiros, o homem cai. O desconhecido foge a passo rápido mas sem correr. Um pouco mais adiante uma moto parte velozmente e perde-se no dédalo das ruas obscuras. Tudo se passou tão depressa que as raras testemunhas não tiveram tempo de reagir. À primeira vista um assassínio como há tantos nas grandes cidades modernas. Um banal ajuste de contas?

No entanto, logo que foi dado o alarme, quando os primeiros socorros e os primeiros polícias chegam ao local, um nome estala como um tiro de canhão e a notícia corre como um rasto de pólvora: Manuel Buendia acaba de ser assassinado.

Não é a primeira vez que, no México, se desembaraçam assim de um jornalista, e, na província, não é raro que se elimine deste modo uma pessoa incómoda cujas palavras acerbas desagradaram ao governador ou a qualquer cacique local. De resto, logo no dia seguinte, o director dum semanário, Javier Juarez Varquez que denunciara «abusos» do Sindicato dos Trabalhadores do Petróleo, era abatido por cinco balas em Coatzacoalcos, no Estado de Vera Cruz. No entanto, desta vez a execução surgiu como um «trabalho de profissional». Um mês depois dos acontecimentos, os múltiplos inquéritos não parecem ter avançado, o que faz dizer a Jorge Ayamami, antigo confrade da vítima e membro do comité formado pelos jornalistas para tentar estabelecer a verdade e obter uma melhor protecção: *«Praticamente estamos hoje no mesmo ponto que no minuto que se seguiu ao assassínio: é o nevoeiro.»*

O imbróglio é difícil de desembaraçar e as várias pistas que se desenham levam para tantos interesses antagónicos, põem tantas interrogações vitais, que se perdem nas areias movediças. A própria personalidade da vítima convida à reflexão, assim como a sua posição singular na Imprensa mexicana.

Editorialista de ponta, se não de choque, Manuel Buendia dispunha desde 1978, no *Excelsior*, um dos principais quotidianos do México, de uma coluna intitulada *«Rede privada»*, de que fizera uma verdadeira tribuna para denunciar, às vezes com paixão, mas apoiando as suas acusações nas carências e nos males da sociedade moderna. Preferira, no entanto, guardar uma certa independência nesse jornal e, através de uma agência que ele próprio fundara, a agência mexicana de informação, publicava os seus artigos em mais de duzentos jornais da província.

Nascido em 24 de Maio de 1926 em Zitacuaro, no Michoacan, Manuel Buendia foi muito cedo atraído pelo jornalismo: aos quinze anos escrevia na revista estudantil da sua cidade natal, enquanto estudava na Escola Normal. Primeiro professor primário no campo, interessa-se depois pela política e faz a sua primeira campanha de jornalismo em *La Nacion*, órgão oficial do partido de acção nacional (PAN), eterno rival do todo-poderoso Partido Revolucionário Institucional. Em 1948 torna-se repórter da *La Prensa*, ocupa-se dos assuntos de polícia e cria os seus primeiros contactos com o mundo da política oficial, acompanhando as actividades presidenciais assim como as dos ministros do Interior e dos Negócios Estrangeiros. É dessa época que data o início da *«Pede privada», o seu cartão de visita por excelência.*

Depois de ter sido director de La Prensa entre 1960 e 1963 Manuel Buendia entra em *El Dia*, cria entretanto o semanário *Cruzero*, depois rompe as amarras, escreve para *El Universal* e *El Sol*, organiza o seu próoprio escritório e opta pelo *Excelsior*. Isto mostra como ele conhecia o maquinismo da imprensa e o dos meios dirigentes do seu país.

«Os riscos da profissão»

Mexicano até à ponta dos cabelos, era nacionalista como a maior parte dos seus compatriotas e dizia-se protector da honra e da soberania do país. Amador de armas antigas, tinha a reputação de ser um excelente atirador e aconteceu-lhe ganhar ao presidente Lopez Portillo quando ambos se treinavam na Residência dos Pinheiros. Sabendo-se ameaçado — *«São os riscos da profissão»*, dizia sorrindo — Manuel Buendia sempre afirmara que tinham que o *«matar pelas costas», que vendia cara a sua pele. Nem todos esqueceram esta frase.*

Nunca nenhum mexicano tinha visto isto: o próprio presidente de La Madrid participou na guarda de honra na câmara ardente. Milhares de pessoas assistiram ao enterro e houve unanimidade espontânea para pedir que se fizesse toda a luz sobre o caso .Imediatamente, várias comissões de inquérito foram formadas — Polícia, jornalistas e também forças armadas. As forças armadas em diversas direcções, até Miami, a fim de recolher informações sobre o grupo anticastrista Alpha-66, que ameaçara Buendia de morte em 1982 quando ele conversara em La Havana com Fidel de Castro. Mas outros ainda haviam jurado vingar-se do homem da caneta.

Como sempre em casos semelhantes, as pessoas procuraram saber a quem o crime seria útil. Algumas pensaram no antigo senador e director da Pemex (companhia petrolífera nacional), Jorge Diaz Serrano, hoje preso por desvio de fundos. Outras não hesitaram a pôr em causa meios próximos da Igreja Católica e o Instituto linguístico de Verão (1). O jornalista censurara-lhes muitas vezes o imiscuirem-se cada vez mais na política interna do México. Ora, indica Jorge Ayamani, *«neste país onde se quer manter a separação entre a Igreja e o Estado, historicamente, sempre que a Igreja interveio na política, isso terminou de um modo sangrento».*

Outras mencionaram a família do antigo presidente Lopez Portillo, que hoje vive em Roma e foi perseguida por ter enriquecido de um modo ostentatório. Outras referiram Artuzo Durazo, *«el Negro»*, o antigo chefe da Polícia do México, procurado por todas as Polícias do Mundo, devido a uma série de delitos desde o roubo de dinheiros públicos ao tráfico da droga, passando pelo peculato, o abuso do poder e o tráfico de brancas. Foi preso em San Juan de Porto Rico no dia 29 de Junho.

Os dirigentes do Sindicato dos trabalhadores do petróleo também foram postos em causa, tal como um grupo paramilitar de extrema-direita, *«los Tecos»*, que semeia o terror na Universidade de Guadalajara.

Sem esquecer os homens de mão do governo ou naturalmente, a CIA. No passado mês de Outubro Buendia escreveu um livro sobre *a CIA no México*. Também houve quem avançasse o nome de um cantor popular, Juan Gabriel. Descontente com um artigo teria feito ameaças telefónicas ao jornalista, antes do seu assassínio.

Os investigadores conservam-se mudos e os rumores multiplicam-se. O *Excelsior* lembrou que, de Janeiro de 1983 a Março de 1984, Manuel Buendia atacara vinte e sete vezes Diaz Serrano; consagrara o mesmo número de editoriais à Igreja Católica e aos seus representantes, o cardeal arcebispo Ernesto Corripio Ahumada e o núncio, Monsenhor Girolamo Prijone. O presidente Reagan tivera por dezoito vezes a honra dos seus ataques; o Instituto Linguístico de Verão, quinze vezes; José Lopez Portillo dez vezes tal com o Sindicato dos trabalhadores do petróleo e Arturo Durazo. Por seu lado, a CIA fora por nove vezes tema dos seus artigos.

Para o escritor Fernando Benitez, também membro da comissão dos pares (jornalistas), *«é um crime perfeito»*.

O assassinio teve o efeito de um pau num formigueiro. Ao abater um dos jornalistas mais conhecidos e escutados do México, quem procuravam realmente atingir? Sem dúvida que é preciso antes de mais ver nele uma advertência inequívoca ao mundo da Imprensa: por mais que os escândalos floresçam, a corrupção deixe crescer as suas raízes venenosas até ao fundo da administração pública, o roubo contaminar as mais altas esferas do Estado, há certos limites que não devem ser ultrapassados. E Manuel Buendia parece tê-los ultrapassado em nome de uma honestidade que também se pode chamar consciência profissional. Ele gostava de dizer que queria ser a voz daqueles que, no país, a não tinham. Neste México de mil facetas contrarditórias, tão irritante como atraente, são, de facto, numerosos os que não têm direito a falar.

A dúvida subsiste e insinua-se, reflectindo a seu modo o grave mal-estar que o México vive actualmente. O exacerbar da crise económica está a par da nova esperança de uma verdadeira democracia para um grande país que as suas contradições tornam doente. Os verdadeiros culpados do assassínio de 30 de Maio de 1984 serão um dia descobertos e julgados? Um mexicano diz-nos: *«Tenho a impressão de que é o ponto de partida de alguma coisa. Como se agora se pudesse distinguir o México de antes e o de depois da morte de Manuel Buendia...»*

(1) Organismo religioso dos Estados Unidos, activo entre as populações índias, que, pensa-se, trabalhou muitas vezes para a CIA sob a capa de Antropologia. ■

M U D A N Ç A S

No seu último número, a revista francesa «Témoignage Chrétien» publica um artigo de Alain Echegut sobre a situação política em Portugal. O artigo foi «bomba» na semana passada, entre nós,porque o autor cita uma afirmação de MeloAntunes segundo a qual a UEDS, a ASDI e o MAD acabarão por se juntar ao movimento eanista. Echegut considera que a hipótese de legislativas antecipadas está a tornar-se mais crível, e que o conselho nacional do PSD pode, em Setembro, marcar o «canto do cisne» da coligação. Eis, com a devida vénia, o texto da «Témoignage Chrétien».

Os dois conselheiros de Eanes com quem Echegut conversou

Um novo partido agita o xadrez político

O Governo Soares saiu muito enfraquecido do debate parlamentar sobre a Lei de Segurança Interna. Com o esperado relançamento da agitação social e sobretudo com o lançamento, no próximo Outono, do partido presidencial, a hipótese de eleições legislativas antecipadas torna-se mais e mais presente.

A O cabo de várias semanas de debates ruidosos, a Assembleia da República, a 27 de Julho, viu os deputados pronunciarem-se favoravelmente sobre o projecto de lei governamental dito sobre a Segurança Interna: 138 votos positivos num total de 219 deputados presentes. O texto deve novamente ser examinado por uma comissão parlamentar, antes de o Conselho de Estado dar sobre ele o seu parecer, e de o Presidente da República o aprovar.

«Daqui até lá, o projecto de lei terá desaparecido numa gaveta», diz, não sem humor, um deputado socialista.

Mário Soares, que se envolveu pessoalmente na questão, alcançou nela uma vitória pirrónica. Por um lado, a sua imagem de «socialista-democrata» - que lhe tem granjeado destaques na Imprensa internacional – degradou-se consideravelmente aos olhos da opinião pública. Por exemplo: uma delegação de intelectuais portugueses de todas as tendências políticas foi à Presidência da República entregar ao general Ramalho Eanes uma carta de protesto contra o projecto de lei.

Por outro lado, o debate parlamentar abriu uma nova e grave crise no seio do Partido Socialista. Recentemente, quinhentos militantes do PS dirigiram a Mário Soares uma «carta aberta», pedindo-lhe que reafirme publicamente os «seus compromissos a favor da defesa das liberdades» e as «suas convicções socialistas». No Parlamento, sete deputados do PS votaram contra o projecto de lei. Entre eles: Sottomayor Cardia, Manuel Alegre, Eurico de Figueiredo, Edmundo Pedro – todos *fiéis* à linha «soarista» no seio do partido.

Um movimento da província

Evidentemente, as questões internas do PS favoreceram o *élan* do novo partido «presidencial». Depois de vários meses de tergiversações, o general Eanes acabou por dar a sua luz verde – mas secreta – para reanimar a CNARPE, que tinha sido criada para a eleição presidencial de 1980, adormecendo em seguida.

Segundo o tenente-coronel Vítor Alves, conselheiro do Chefe do Estado: «Mais do que um partido, trata-se de um vasto movimento que se constrói de modo horizontal a partir da província. Trata-se de quebrar o monopólio «partidário» actual, completamente imóvel e, para mais, incapaz de trazer soluções à crise que a sociedade portuguesa atravessa».

Para um outro conselheiro de Estado, o tenente-coronel Melo Antunes, «este movimento deve ser considerado como de inspiração social-democrata. Ele deverá ocupar o espaço político do Partido Socialista e de uma larga franja do Partido Social-Democrata. Evidentemente, as pequenas formações como a UEDS, de Lopes Cardoso, a ASDI, de Magalhães Mota e o MAD, de Maria de Lurdes Pintasilgo, deverão, a prazo, juntar-se a este movimento. Mas não esqueçamos a sua originalidade: é um movimento descentralizado, contratriamente aos partidos políticos tradicionais, extremamente centralizadores em Portugal, para não dizer estalinistas».

Quanto ao perigo neopoujadista, toda a gente o refuta, incluindo o Partido Comunista, que vê com bons olhos a constituição deste novo partido.

Actualmente, as reuniões da ex-CNARPE multiplicam-se nos distritos do País. Um esboço de projecto político é debatido. A partir de Outubro, o novo movimento – ou partido – nascerá oficialmente e o seu programa será, então, conhecido.

A «bomba» Otelo

Qualquer mudança no xadrez político inscreve-se, naturalmente, numa óptica eleitoral. Ora, no caso presente, apenas a eleição presidencial está inscrita no calendário (fim de 1985).

Dever-se-á pensar que os inspiradores do movimento presidencial apostam numa ruptura próxima da coligação governamental PS-PSD e na convocação de eleições legislativas antecipadas? É uma ideia que vai ganhando adeptos, porque não faltam boas razões que podem provocar a queda do Governo Soares.

Em primeiro lugar, há o que vale a pena chamar o «caso» da prisão do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho. «É uma bomba posta debaixo da cadeira do Primeiro-Ministro — não esconde um responsável militar. — De facto, antes da sua viagem ao Sudeste Asiático, em Junho último, Mário Soares teve uma reunião com os responsáveis da Polícia. Objectivo: o desmantelamento do movimento clandestino FP-25, autor de vários atentados no País. Na verdade, por detrás destes aprendizes terroristas, Soares pensava poder encontrar o braço armado e sempre clandestino do Partido Comunista».

Falhanço: foi Otelo e um punhado de militantes esquerdistas que acabaram por ser presos. Ele foi enviado para o sinistro Forte de Caxias, e o «dossier» da acusação permanece bem magro.

Compreende-se o mal-estar de Soares e do seu ministro da Justiça, que não têm, neste caso, senão duas portas de saída: ou libertam os presumíveis culpados e o Governo se demite para preservar um pouco de dignidade, ou o ministério e a Polícia confeccionam um «dossier» com base em falsidades, como no tempo da ditadura. É, em todo o caso, um negócio escuro para a democracia.

A Madre de Deus já não será o «Colombey-Deux-Églises» à portuguesa

Trabalhadores sem salários

A segunda razão diz respeito à situação económica: «Actualmente, 13 por cento da população activa está no desemprego, e chegaremos aos 15 por cento no ano que vem», diz Alvaro Rana, membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-Intersindical. «Assim, em dez anos, nota-se uma diminuição drástica de 100 000 postos de trabalho. Mais grave ainda: actualmente, 150 000 trabalhadores não recebem, há vários meses, os seus salários».

Todas estas dificuldades sociais — com casos de fome detectados na região de Setúbal – estiveram no centro dos debates da 6.ª Assembleia Nacional da JOC, que decorreu entre 3 e 5 de Agosto em Aveiro. Para o presidente da organização, Joaquim Tavares, «o não-pagamento de salários empurra os jovens cada vez mais para a droga e para a prostituição. Constatamo-lo dia após dia». Um outro caso exemplar: no início do ano lectivo, muitas crianças não terão lugar... porque há falta de escolas. Pelo contrário, os projectos de construção de casinos e de prédios de luxo multiplicam-se por toda a costa. Portugal transforma-se num novo São Domingos, sob o Governo Soares.

Apesar das ameaças de explosão social e dos maus resultados económicos (os preços aumentaram, na alimentação, 33,6 por cento desde o princípio do ano), o Governo acaba de receber mais apoio financeiro, na forma de um empréstimo de 400 milhões de dólares, vindo de um consórcio bancário internacional. Este empréstimo foi precedido de uma renegociação da carta de intenções assinada pelo Governo e dirigida ao FMI no ano passado.

As ambições do PSD

Nos termos deste novo acordo, o Governo Soares compromete-se a novas restrições no sector público. E, sobretudo, deverá apresentar ao Parlamento, no Outono, dois projectos de lei: um sobre a limitação do direito de greve (suprimindo, nomeadamente, os piquetes de greve), outro libertando o direito de despedimento dos empresários. Mais uma rude prova em perspectiva para os deputados socialistas.

Falta a terceira razão. Ela prende-se com as ambições presidenciais de Mário Soares, porque é exactamente esse o sentido da sua aliança com o PSD. Com este objectivo, os sociais-democratas foram premiados, obtendo os postos de maior responsabilidade no Governo. No entanto, ao cabo de um ano de poder, a coligação está sem fôlego. Uma remodelação ministerial esteve prevista para Abril passado. À falta de acordo, não se realizou, mas as recentes dificuldades de Mário Soares no Parlamento e no seio do seu partido acordaram os tenores do PSD. Mota Amaral, presidente do Governo Regional dos Açores, deseja «a ruptura com o PS, e que o PSD apresente o seu próprio candidato às presidenciais». Outros sociais-democratas são partidários de uma nova coligação com os democratas-cristãos do CDS e desejam apresentar a candidatura do general Firmino Miguel (spinolista) à eleição de 1985.

Numa palavra, o Conselho Nacional do PSD marcado para o fim do mês de Setembro arrisca-se a ser o canto do cisne do Governo de coligação. E, talvez, um novo arranque para a esquerda portuguesa.

ALAIN ECHEGUT
«Témoignage Chretien»

I N F E

As chuvas ácidas

Porque veio o problema das chuvas ácidas para o primeiro plano da cena internacional? Dois factores parecem ter contribuído decisivamente para esse facto: a grande repercussão além fronteiras e a descoberta relativamente recente dos enormes prejuízos por elas causados às florestas europeias. Consequência: na Europa como na América do Norte, reportagens, reuniões e conferências passaram a proliferar sobre uma questão que, ainda há dez anos não era conhecida senão de um punhado de especialistas do ambiente. De que se trata exactamente? Constituem elas um fenómeno preocupante? O presente artigo tenta responder a estas perguntas, numa perspectiva sobretudo económica.

IAN M. TORRENS
Chefe de Divisão das Fontes de Energia, Direcção do Ambiente da OCDE.
● Um «dossier» L'OBSERVATEUR DE L'OCDE.

QUALQUER forma de precipitação — e não apenas a chuva — pode ser ácida (ver caixa). De facto, a definição deve ser alargada e englobar os compostos acidificantes que se depõem em formas secas. Assim, o termo mais exacto para designar o fenómeno não é o de «chuvas ácidas», mas sim o de «depósitos ácidos».

Se quisermos compreender melhor as incidências destes depósitos e tomar medidas para os combater, devemos considerar a poluição do ar no seu conjunto: algumas dessas incidências parecem, com efeito, ligadas à poluição atmosférica geral de certa zona, ou a certas substâncias em particular que se depositam um lugar preciso.

Natureza e origem

Os principais poluentes atmosféricos ligados às actividades industriais — óxidos de enxofre e de azoto, partículas (ou poeiras) e hidrocarburos — são emitidos tanto por fontes fixas (centrais eléctricas, instalações industriais, edifícios residenciais e comerciais) como por fontes móveis (veículos). Eles sofrem, na atmosfera, certas transformações químicas, deslocam-se por vezes centenas ou milhares de quilómetros e voltam ao solo sob a forma de chuva, de neve ou de depósitos secos.

Por vezes ouve-se dizer que em certas circunstâncias — quando de grandes erupções vulcânicas, por exemplo — a natureza ultrapassa o homem em matéria de emissão de poluentes atmosféricos acidificantes. E é um facto que, em valores médios, e para o conjunto da superfície do globo terrestre, as emissões naturais de dióxido de enxofre parecem ser da mesma grandeza que as emissões derivadas de actividades humanas. Ora, estas últimas estão concentradas em regiões industrializadas que não representam senão uma pequena parte (cinco por cento) da superfície da Terra. Ai, portanto, elas ultrapassam muito largamente as emissões naturais.

Nos Estados Unidos, **Electric Power Research Institut (EPRI) calculou que as emissões naturais de enxofre no leste do país e no sudeste do Canadá não representam senão 1 a 2,5 por cento das emissões provenientes de actividades humanas (valores publicados em Novembro do ano passado).**

Entre as substâncias que contribuem para os depósitos ácidos, o dióxido de enxofre começou por ser o alvo de todas as atenções, mas, desde há algum tempo, os óxidos de azoto (NOx) suscitam cada vez mais interesse. Emitidos, nos países industrializados em proporções mais ou menos iguais pelas fontes fixas e pelos veículos, os NOx são, ao que se pensa, responsáveis por cerca de 30 por cento da acidez das precipitações e dos depósitos por via seca contra 70 por cento para os óxidos do enxofre. No entanto, as emissões de enxofre têm tendência a estabilizarem-se e mesmo a decrescerem em alguns países, na sequência, por um lado, das medidas tomadas nos últimos dez anos para as combater, e, por outro, devido à evolução das diferentes fontes de energia primária utilizada para a produção de electricidade (em direcção à energia nuclear por exemplo).

Pelo contrário, as emissões dos óxidos de azoto não têm parado de aumentar.

Os poluentes secundários que se formam na sequência destas emissões e das interacções na atmosfera incluem não apenas o ácido nítrico, mas também (por reacção à luz do dia, entre os NOx e os hidrocarburos) os oxidantes fotoquímicos, principalmente o ozono. E pensa-se, cada vez mais, que o ozono desempenha um papel considerável nos prejuízos imputáveis à poluição do ar — danos em plantas, nas árvores, e mesmo em certos materiais.

Apesar de os efeitos dos óxidos de enxofre e de azoto no ambiente não estarem ainda perfeitamente compreendidos, uma coisa parece certa: a luta contra os depósitos ácidos deverá, no futuro, visar esses dois poluentes ao mesmo tempo e ser dirigida contra todas as fontes, veículos incluídos.

Factos conhecidos e incertezas

A compreensão do fenómeno dos depósitos ácidos está a conhecer, actualmente, progressos rápidos, graças a ambiciosos programas de investigação conduzidos por um certo número de países da OCDE e por organizações internacionais. Se a ligação exacta entre as emissões do ponto «A» e os depósitos ácidos do ponto «B» do mapa não está ainda totalmente compreendida, os dados existentes tendem a mostrar que, quando se considera uma grande região geográfica, as emissões e os depósitos são mais ou menos proporcionais. Se esta correlação se confirma, uma redução das emissões deveria, globalmente acarretar uma redução correspondente de depósitos ácidos — factor importante para se determinar a relação eficácia/custo das medidas de luta contra as emissões.

Se hoje se começam a conhecer melhor certos aspectos dos depósitos ácidos — fontes de poluição rsponsáveis, processos de transporte na atmosfera, ligações entre emissões e depósitos — também têm menos segredos para nós os seus **efeitos** — nos lagos, nas florestas, nas culturas agrícolas, nos diversos materiais..: e sobre a saúde humana. Foi sobretudo devido a investigações recentes que se admitiu a necessidade de estudar os depósitos ácidos no contexto mais geral da poluição atmosférica. Numerosos investigadores no domínio dos prejuízos em florestas pensam — por exemplo — que os depósitos ácidos devem agir em combinação com outros factores: fortes concentrações de ozono (outro problema da poluição do ar), fragilidade dos solos em altitudes elevadas, secas periódicas. Quanto aos danos causados em materiais, trata-se essencialmente de um fenómeno urbano, ligado à presença de elevadas concentrações de gases ácidos próximas de fontes de emissão: trata-se sem dúvida de um problema de depósitos ácidos, mas que deve sobretudo ser abordado no contexto geral da qualidade do ar.

A acidificação tem um outro efeito importante, embora indirecto, sobre o ambiente: num meio húmido, a acidez pode reagir com substâncias tóxicas, como o mercúrio, o cádmio e o alumínio, que se introduziram no solo ou no leito de lagos devido às actividades industriais. Relativamente insolúveis em condições normais, estes metais podem, em situação de humildade ácida, atingir o homem, os animais e as plantas por intermédio da cadeia alimentar ou da água «potável». O mercúrio e o cádmio, por exemplo, podem concentrar-se nas cadeias alimentares aquáticas e aumentar assim a exposição do homem a essas substâncias.

Os factos observados tendem a mostrar que a morte de peixes em certos lagos se deve, pelo menos em parte, a um envenenamento por alumínio que se levantaria do fundo. Por outro lado, o alumínio dos solos, mobilizado por depósitos ácidos, poderia ser o responsável por certas incapacidades verificadas em raízes que deixaram de conseguir assegurar a subsistência de árvores.

Resumindo, uma parte apreciável dos dados relativos aos efeitos dos depósitos ácidos pode ser qualificada de «indirecta», dada a dificuldade em precisar e determinar causas e efeitos. A ciência dos depósitos ácidos é uma ciência inexacta, e há boas razões para crer que assim permanecerá. O gigantesco «vazio» constituído pela atmosfera terrestre torna a tarefa do cientista tão difícil e incerta como a do meteorologista. A

O que são as chuvas ácidas

A chuva é, no seu estado natural, um pouco ácida. Medida segundo a escala química dos «pH», que vai de 1 a 14 (do mais ácido ao mais básico), a acidez das precipitações longe das regiões industriais é geralmente de 4,5 a 5,5, mais ou menos. Nas regiões industriais, ela atinge facilmente 4 ou mesmo um valor inferior; já se chegaram a medir valores tão fracos como 2,6.

Outra distinção importante: a acidez das precipitações e a dos lagos ou dos cursos de água atingidos. Mesmo os lagos frágeis podem absorver a fraca acidez natural das precipitações. Os problemas surgem para a fauna e para a flora aquáticas quando o pH da água em que vivem cai para valores inferiores a 6,5. Então, consoante as espécies, a fauna e a flora dos eco-sistemas lacustres e fluviais começam a ressentir-se seriamente. Quando o pH se situa entre 6,5 e 5, a maior parte dos crustáceos e dos peixes de água doce morre. Quando ele é inferior a 4,5, a água torna-se cristalina, límpida... mas inapta a manter qualquer espécie de vida aquática.

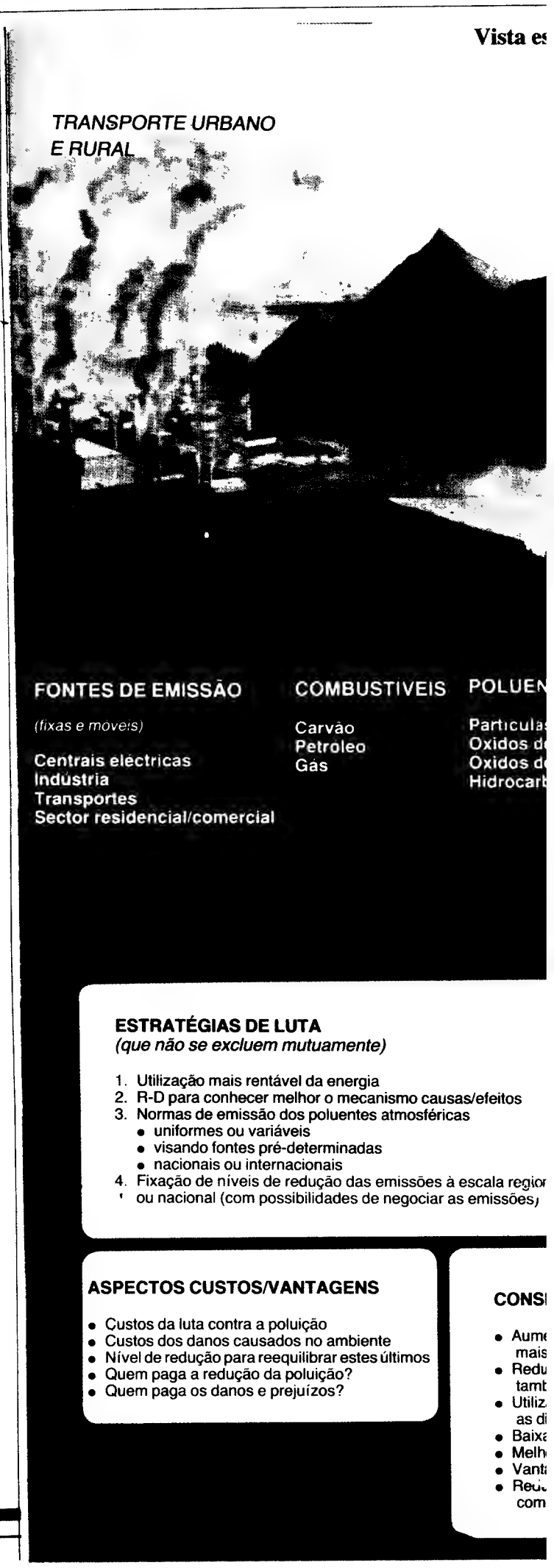
Claro que as chuvas ácidas não atingem exclusivamente os lagos. Os danos causados em florestas e em materiais podem até ser mais importantes. Se os julgarmos em função dos custos que eles representam para as populações, os lagos fornecem, no entanto, um exemplo brilhante da complexidade das questões levantadas pelas chuvas ácidas.

Certos lagos, situados em zonas ricas em calcário, absorvem e neutralizam sem problemas as precipitações mais ácidas imputáveis à forte poluição proveniente de regiões industriais próximas.

Outros lagos, repousando sobre leitos graníticos, acidificam-se a tal ponto que deixam de conseguir manter qualquer vida, mesmo que estejam situados a centenas de quilómetros das regiões industriais mais próximas.

Nas regiões montanhosas, a acidificação ligada à fusão das neves provoca mais prejuízos aos peixes dos lagos do que uma precipitação ácida repartida ao longo de todo o ano.

Este último exemplo mostra que não é apenas a «chuva» que levanta problemas: todas as formas de precipitação — neve, especialmente, mas não só — podem ser ácidas.



R N O S

omplexidade do ecosistema – e do meio organizado pelo omem —, faz, por seu turno, rescer as dificuldades de des-rição dos efeitos dos depósi-s ácidos. Mas esta dificulda-e não é de modo algum, na ossa biosfera complexa, um so único: as políticas do am-ente tiveram, genericamen-falando, de aceitar um certo au de incerteza científica — terão de continuar a aceitá-.

Sobretudo, o facto de não se saber em que medida algumas mudanças que se estão a verificar nos ecosistemas se poderiam revelar **irreversíveis,** tornou urgente a escolha dos enfoques mais apropriados.

É possível reduzir os depósitos ácidos?

Algumas medidas de correcção têm sido e continuam a ser usadas para limitar os efeitos da acidificação (tratamentos com cal nos lagos vulneráveis, por exemplo), mas o meio mais eficaz de reduzir os depósitos ácidos consiste em atacar directamente as fontes, quer dizer, os poluentes libertados na atmosfera. A OCDE estudou recentemente, por exemplo, a luta contra as emissões de gases ácidos no contexto da combustão do carvão, e o seu Comité do Ambiente tem em curso um importante projecto sobre as estratégias contra os principais poluentes atmosféricos.

As mais importantes fontes fixas de poluentes atmosféricos implicados nos depáósitos ácidos são as centrais eléctricas que queimam combustíveis fósseis — essencialmente carvão ou petróleo. E não subsistem dúvidas de que se pode, com as técnicas actualmente existentes, reduzir fortemente as emissões de óxido de enxofre e de azoto (e, evidentemente, de partículas que podem desempenhar um papel nos fenómenos atmosféricos conducentes aos depósitos). Por outro lado é importante que nos demos conta de que a luta conta a poluição pode ir muito mais longe do que até uma intervenção sobre as emissões gasosas ao nível da chaminé ou do tubo de escape. A escolha do combustível, o tratamento a que ele é submetido antes da combustão, o próprio processo de combustão e a depuração dos gases que esta provoca, antes da sua emissão, são factores que devem, absolutamente, ser considerados.

Mas, se existe uma consciência clara de que estes factores devem ser considerados, por que não se encontrou uma solução eficaz para o problema das chuvas ácidas?

Sobretudo por duas razões, ligadas uma à outra. Em primeiro lugar, algunas destas técnicas só foram dadas como «prontas» há bem pouco tempo — frequentemente não estão no mercado senão de há dez anos para cá — e por isso não estavam (e ainda não estão— em uso nas centrais interessadas. Estas centrais, que podem ter uma duração de mais vinte ou trinta anos, são, assim, muito mais poluentes do que uma central contruída nos nossos dias — que nem seria autorizada a «esquecer» tais precauções. Em segundo lugar — e trataremos disto mais em pormenor, adiante — há o **custo** da luta contra a poluição. Técnicas como a da depuração dos gases de combustão são muito complexas: pôde, assim, dizer-se que se tratava de instalar uma pequena fábrica química juntamente com a central eléctrica. E essas fábricas químicas também exigem energia, matérias-primas e um pessoal qualificado, além de aumentarem a quatidade de dejectos sólidos e líquidos que é necessário evacuar sem prejuízo para o ambiente.

Estes custos são naturalmente mais elevados para as instalações de pequena envergadura — como as utilizadas na indústria — do que para as grandes centrais eléctricas que podem beneficiar dos preços de escala. Até agora, a luta contra a poluição nas pequenas instalações apelou menos para a depuração antes e depois da combustão, do que para uma escolha judiciosa do combustível e do seu tratamento. Hoje, porém, parece que novas técnicas, em vias de ultimação, oferecem perspectivas interessantes. A combustão em leito fluidisado à pressão atmosférica, que já está comercializada por um certo número de fabricantes, permite eliminar até 90 por cento do enxofre durante a combustão, mesmo em caldeiras ralativamente pequenas. Além disso, como as temperaturas de combustão são mais baixas, formam-se menos óxidos de azoto.(Este processo consiste em introduzir o carvão, ou outro combustível, sólido, num leito de matérias inertes esmagadas —- incluindo calcário, para absorver o dióxido de enxofre — através do qual se faz passar uma corrente de ar ascendente, a fim de que ele se comporte como um fluido durante a combustão).

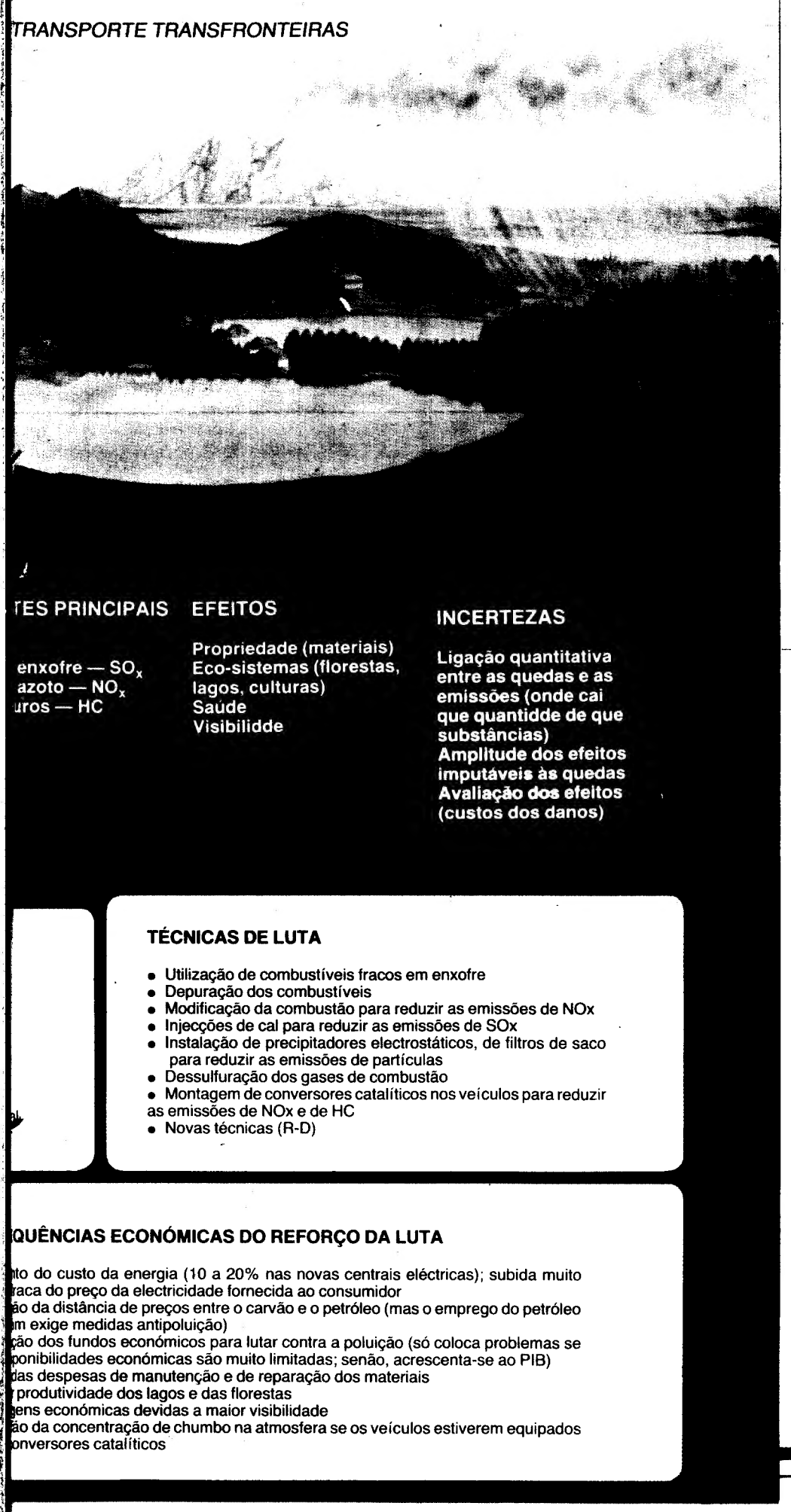
Uma outra técnica nova — a injecção de calcário nos queimadores de vários andares — está actualmente na fase da instalação piloto.

Neste momento procura-se, no EUA, e na Alemanha, adaptar ambas as técnicas para as tornar operacionais em maior escala. Trata-se de avaliar a possibilidade de as pôr a funcionar nas centrais eléctricas, o que permitiria diminuir a poluição causada pelas instalações existentes.

Quanto à luta contra a poluição provocada por fontes múveis, ela diz sobretudo respeito às emissões de óxido de azoto e de hidrocarburos. O conservor catalitico, actualmente usado nos EUA e no Japão, permite reduzir esses dois tipos de emissão, embora exija uma gasolina sem chumbo, para que o catalisador não seja destruído.

Outras técnicas de luta contra e ou outro destes poluentes — como o motor de «carburação pobre», ou o motor de carga estratificada — visam igualmente melhorar o rendimento energético do carburante, o que constitui outra maneira de reduzir as emissões. Se pensarmos na experiência passada, a obrigação de satisfazer normas mais estritas de emissão de poluentes pode revelar-se uma forte incitação à descoberta de técnicas mais racionais e mais eficazes de combustão e de depuração dos gases de escape.

squemática das chuvas ácidas



TÉCNICAS DE LUTA

- Utilização de combustíveis fracos em enxofre
- Depuração dos combustíveis
- Modificação da combustão para reduzir as emissões de NOx
- Injecções de cal para reduzir as emissões de SOx
- Instalação de precipitadores electrostáticos, de filtros de saco para reduzir as emissões de partículas
- Dessulfuração dos gases de combustão
- Montagem de conversores catalíticos nos veículos para reduzir as emissões de NOx e de HC
- Novas técnicas (R-D)

QUÊNCIAS ECONÓMICAS DO REFORÇO DA LUTA

nto do custo da energia (10 a 20% nas novas centrais eléctricas); subida muito raca do preço da electricidade fornecida ao consumidor
ão da distância de preços entre o carvão e o petróleo (mas o emprego do petróleo m exige medidas antipoluição)
ção dos fundos económicos para lutar contra a poluição (só coloca problemas se ponibilidades económicas são muito limitadas; senão, acrescenta-se ao PIB)
das despesas de manutenção e de reparação dos materiais
produtividade dos lagos e das florestas
gens económicas devidas a maior visibilidade
ão da concentração de chumbo na atmosfera se os veículos estiverem equipados onversores catalíticos

Técnicas de redução de poluentes do ar provenientes de centrais eléctricas com combustíveis fósseis

Emissões	*Técnicas de redução*	*Observações*
1. Óxidos de enxofre	• Escolha do combustível	• Emprego de combustíveis em baixo teor em enxofre
	• Preparação do carvão	• Elimina até 30% do teor de enxofre da maioria dos carvões
	• Dessulfuração dos gases de combustão	• Rendimento de 70 a 95%. Produz uma lama ou dejectos sólidos
2. Óxidos de azoto	• Modificação da combustão	• Combustão por andares ou quimadores com fraca emissão de NOx; rendimento máximo da eliminação: 60 por cento.
	• Redução catalítica selectiva dos gases de combustão	• Elimina até 80% dos NOx dos gases de combustão
3. Partículas	• Preparação do carvão	• Reduz o teor em cinzas
	• Precipitadores electrónicos	• Rendimento até 99% para as partículas de tamanho superior a 3 microns
	• Ciclons	• Método mais eficaz para as pequenas partículas
	• Sistemas de filtro com sacos	• Reduzem as emissões de metais

Chuvas ácidas

HÁ fortes razões para pensar que as chuvas ácidas (e, de modo mais geral, a poluição atomsférica), têm efeitos nocivos sobre os sistemas lacustres, as florestas, as culturas agrícolas, as florestas, os materiais... e sobre a saúde humana — nesta caso, especialmente através da água «potável».

Eco-sistemas lacustres

Em numerosos lagos da Escandinávia, do Leste do Canadá e do Nordeste dos Estados Unidos, peixes e outros elementos da fauna aquática desapareceram por completo. Pensa-se que o abaixamento do pH perturba, por exemplo, o equilíbrio do sódio nos peixes, sobretudo se a mudança é brutal, como acontece no período de fusão das neves. Torna-se cada vez mais claro que, com pH inferiores a 5, o alumínio dissolvido passa a desempenhar um papel dominante nos prejuízos.

Florestas

Segundo relatórios recentes, mais de um milhão de hectares de florestas dos países do centro da Europa foram atingidos. Na Alemanha, onde se procedeu há pouco tempo a análises muito completas, 34 por cento das zonas de bosques apresentam hoje sintomas de danos. Na América do Norte, danos equiparáveis não foram, até à data, assinalados, mas, em altitudes bastante elevadas, os sintomas já se fizeram notar. Investigadores evidenciaram, numa vasta região do Leste dos EUA, um atraso apreciável no ritmo de crescimento de diversas árvores e outras espécies vegetais, nos últimos anos.

Pensa-se que a poluição atmosférica, que faz intervir vários poluentes diferentes, e em especial o **ozono**, agindo de forma combinada, desempenha um papel de relevo na provocação de prejuízos em florestas. Os seus efeitos podem, além disso, ser avisados por outros factores de perturbação, como as secas e a fragilidde dos solos em altitudes elevadas. Os poluentes ácidos podem ter um efeito directo sobre as folhas e os caules, ou actuar de forma indirecta por modificação do ambiente próximo das raízes.

Culturas

As primeiras avaliações pareciam mostrar que os depósitos ácidos causavam danos apreciáveis nas culturas agrícolas, mas estudos mais recentes tendem a mostrar que, exceptuando um certo número de espécies muito sensíveis, tais danos serão talvez menos graves do que pareciam, salvo nas regiões que estão particularmente sujeitas a períodos episódicos de forte poluição atmosférica. Mais uma vez, as experiências de simulação dos danos poêm em evidência as acções combinadas do ozono e de outros poluentes.

Materiais

Os danos sofridos pelos materiais consistem, essencialmente, numa aceleração da corrosão dos edifícios (sobretudo, mas não unicamente, os construídos em **grés** ou em calcário), das construções metálicas tais como as pontes, e da pintura. Na Europa, os prejuízos causados em monumentos históricos, sobretudo em estátuas e em vitrais expostos ao ar livre, bem como aos couros e documentos antigos guardados no interior dos edifícios, estão a suscitar preocupações especiais. Tratando-se de construções e de objectos insubstituíves, é praticamente impossível avaliar o seu valor em termos económicos.

Saúde humana

Os danos causados directamente à saúde humana por poluentes do ar responsáveis pelas chuvas ácidas não são, de momento, considerados como particularmente graves na maior parte dos países da OCDE, salvo os casos de aglomerações onde a poluição é muito forte — e aqui as principais atingidas são as pessoas que sofrem de fragilidade do aparelho respiratório. No passado, observaram-se incidências sobre a saúde quando o SO_2 se associa a partículas (como no célebre caso do «smog» londrino dos anos 50), mas a luta contra as poeiras, a criação de zonas isentas de fumos e a construção de chaminés altas para dispersar o SO_2 conseguiram, em grande parte, eliminar estas consequências. As chuvas ácidas que atingem as condutas de água podem, no entanto, estar na origem de novas perturbações de saúde, devido à corrosão dos metais dos canos ou devido à infiltração de metais tóxicos nas águas subterrâneas. Estes fenómenos são geograficamente limitados mas têm de ser objecto de vigilancia e, se necessario, de controlo regular.

Continuação da pág. 5

Quanto custa a luta contra as emissões?

Os custos, reais ou estimados, das medidas contra as emissões nas grandes centrais eléctricas, repartem-se segundo um vasto leque. Para os óxidos de enxofre e de azoto e para as partículas, eles representam aprõximadamente de 10 a 20 por cento do custo total da electricidade produzida pela central. No entanto, para os consumidores, a subida seria sensivelmente inferior, porque o preço final da electricidade toma em consideração os custos de produção de todos os tipos de centrais, bem como os custos de distribuição. **O Central Electricity Generating Board** (CEGB), em Inglaterra, estima que um programa importante de dessulfuração dos gases de combustão em dez centrais, visando reduzir para metade o total das emissões de dióxido de enxofre do CEGB, faria subir os custos das centrais em questão entre 10 e 15 por cento, e os custos no consumidor cerca de 6 por cento.

Os custos da luta contra a poluição têm tendência a descer graças aos trabalhos de investigação e desenvolvimento, bem como à experiência adquirida na exploração dos sistemas existentes. Por outro lado, as novas técnicas ao nível do queimador, acima referidas, poderiam, se dessem os resultados esperados, oferecer reduções de emissões menos caras do que o tratamento dos gases de combustão. Porém, provavelmente elas não estarão disponíveis para uma aplicação em grande escala nas centrais eléctricas antes dos anos 90.

Aspectos económicos

A questão dos custos não é, como vimos, secundária. Mas, embora não tenhamos avançado aqui com números, sabemos que o facto de **não controlar** a poluição pode igualmente acarretar custos importantes. Não é fácil equacionar a relação custos/vantagens, por causa da imprecisão do inventário de danos, da complexidade dos problemas científicos, etc. Mas, há alguns anos, a OCDE conduziu um estudo piloto com o objectivo de elaborar uma metodologia a seguir nesta matéria.

Esse estudo pôs em evidência a margem de incerteza — muito importante — de qualquer estimativa das vantagens de uma redução das emissões, mas ao mesmo tempo mostrou que, quando se adoptam medidas mais estritas (o que implica custos mais elevados), as vantagens oferecidas por essas medidas aumentam igualmente, de maneira mais ou menos proporcional. Mais recentemente, outro estudo realizado pela Comissão da CEE avaliou que, no total, os custos de uma rdução de 25 a 50 por cento das emissões de SO_2 e de NO_x seriam da mesma ordem de grandezas que os custos dos prejuízos assim evitados às florestas, lagos e materiais.

Talvez não seja possível realizar um estudo sobre custos/vantagens numa versão «definitiva», devido às incertezas inerentes ao processo de definiação e de quantificação do custo dos prejuízos provocados pelas chuvas ácidas. As investigações em curso mostram, no entanto, que os prejuízos tocam um grande número de elementos do ambiente — muitos mais do que antes se pensava — e terão consequeências económicas potencialmente importante.

● Quais são as implicações económicas, sobre os custos da energia, das medidas de luta contra as emissões?

No futuro, o problema da limpeza da atmosfera pode assumir proporções alucinantes

Diferentes estratégias possíveis

Há, nos países da OCDE, um largo espectro de opiniões quando à política correcta a adoptar em relação ao problema das chuvas ácidas. **Grosso modo**, podem distinguir-se as quatro seguintes estratégias, classificadas por ordem crescente dos custos totais:

1. Medidas visando melhorar o rendimento da utilização da energia — o que deveria, de toda a maneira, fazer-se por outros motivos — e a aumentar a utilização das fontes de energia não fósseis.

2. Uma estratégia de R-D exclusivamente, apoiando-se na ideia de que ainda não existe conhecimento suficiente da cadeia causas/efeitos para se tomarem medidas mais eficazes.

3. Fixação de objectivos determinados de redução das emissões à escala regional ou nacional e, ao mesmo tempo, adopção de normas específicas para as instalações e autorização das trocas de emissões, para se repartirem as reduções da maneira mais equilibrada, do ponto de vista económico.

gem de acelerar a investigação científica (para reduzir a margem de incerteza) e de reforçar a R-D (para melhorar as técnicas de luta contra a poluição).

Os EUA e o Japão já introduziram normas mais estritas de emissão de poluentes de ar para as novas instalações ou para aquelas que sofreram transformações importantes. As antigas instalações vão cendendo a pouco e pouco, e esta disposição assegurará uma redução progressiva das emissões totais.

Actualmente, o debate está centrado em torno da questão de saber se é preciso, antes mesmo de estabelecer com mais certezas a balança custos/vantagens, tomar iniciativas ou proibir outras, quanto às instalações existentes.

A Alemanha adoptou já, no ano passado, uma nova regulamentação federal que limita estritamente as emissões de gases ácidos pelas grandes instalações indústriais e pelas centrais eléctricas: ali, todas as instalações existentes terão de satisfazer essas normas, até 1993.

Quanto às emissões de veículos, foram os EUA e o Japão os primeiros a reduzi-las, ao longo dos anos 70, e vários países europeus estudam neste momento

4. Fixação de limites mais estritos para as emissões de gases ácidos; estes limites aplicar-se-iam, quer a fontes consideradas responsáveis por depósitos ácidos à escala regional, quer, de modo geral, às novas fontes (e, a prazo, às já existentes).

Estas estratégias não se excluem, evidentemente, umas às outras, e os poderes públicos podem combiná-las de várias maneiras. De facto, ninguém contesta a necessidade de se favorecer uma melhoria do rendimento da utilização da energia (tanto por razões respeitantes à necessidade de economizar energia como por razões de preservação do ambiente). Também há consenso sobre a vantagem de acelerar a investigação científica (para reduzir a margem de incerteza) e de reforçar a R-D (para melhorar as técnicas de luta contra a poluição).

Os EUA e o Japão já introduziram normas mais estritas de emissão de poluentes de ar para as novas instalações ou para aquelas que sofreram transformações importantes. As antigas instalações vão cendendo a pouco e pouco, e esta disposição assegurará uma redução progressiva das emissões totais.

Actualmente, o debate está centrado em torno da questão de saber se é preciso, antes mesmo de estabelecer com mais certezas a balança custos/vantagens, tomar iniciativas ou proibir outras, quanto às instalações existentes.

A Alemanha adoptou já, no ano passado, uma nova regulamentação federal que limita estritamente as emissões de gases ácidos pelas grandes instalações indústriais e pelas centrais eléctricas: ali, todas as instalações existentes terão de satisfazer essas normas, até 1993.

Quanto às emissões de veículos, foram os EUA e o Japão os primeiros a reduzi-las, ao longo dos anos 70, e vários países europeus estudam neste momento a oportunidade da adopção, num futuro próximo, de normas analogas para os veículos novos.

Sem pretendermos antecipar-nos às conclusões a retirar do debate internacional actualmente em curso, é no entanto possível estabelecer um conjunto de observações de primeira importância a propósito das estratégias em discussão.

● As medidas que visam combater as chuvas ácidas devem ser enquadradas no contexto vasto da redução geral da poluição atmosférica, o que ofereceria importantes vantagens anexas (melhoria de visibilidade, por exemplo).

● A luta contra as emissões que vise apenas as novas instalações não fará sentir os seus efeitos senão progressivamente, ao longo de um período de vários decénios (salvo no caso dos veículos), sobretudo se a procura de electricidade continuar a aumentar. Se pretendermos obter uma redução mais rápida das emissões, é preciso tomar medidas em relação às instalações existentes.

● A relação eficácia/custos das estratégias possíveis deve ter um lugar importante nesse debate, por duas razões: primeiro, porque é preciso escolher a combinatória mais apropriada de técnicas e métodos de combate às emissões. Segundo, devido ao factor **tempo**: em que prazo se poderão reduzir os custos da luta graças a melhorias técnicas, ou suscitando o aparecimento de novas tecnologias (e forçando, assim, o ritmo do «progresso técnico»)? E passado quanto tempo se pode avaliar o sucesso de uma medida de redução das emissões, a partir das suas incidências sobre a qualidade do ar, sobre os depósitos ácidos e sobre os efeitos de tudo isso no ambiente?

● A questão da repartição equilibrada das contribuições nacionais para a solução deste prblema internacional é difícil porque as condições de utilização dos combustíveis fósseis são extremamente vairaveis de um país para outro, como, aliás, os modos de lutar contra a poluição. Os fluxos de poluentes também apresentam — como vimos — diferenças consideráveis, funcionando certos países como «exportadores de poluição», e outros sobretudo como «importadores». É lícito pensar-se, por isso, que as reacções dos países deverão de depender da sua percepção da repartição internacional da carga económica a suportar, e a partilhar.

A luta contra a poluição atmosférica não é um assunto novo para os países da OCDE. Ora, o objectivo predominante das decisões tomadas no passado, tocantes ao nível de controlo mais apropriado, sempre foi o de reduzir os riscos para a saúde humana. O tempo está sem dúvida maduro para que a questão passa ser colocada de outro modo: Qual é o nível de pressão que o mundo industrial pode fazer pesar sobre a atmosfera, sem que esta perca o seu papel essencial de suporte, não apenas da vida humana, mas de toda a natureza no seu conjunto?

M I T O S

Um moscovita preocupado com a Torre de Pisa

Existem em todo o mundo 140 torres inclinadas. No entanto a mais famosa é, sem dúvida, a de Pisa. Oitocentos mil turistas visitam anualmente esta belíssima construção em mármore róseo que apresenta uma inclinação em relação ao eixo vertical de 5 metros e 22 cm. Há quem afirme que está prestes a cair e quem sustente que se aguentará de pé por mais dois mil anos. Verdadeiro quebra-cabeças desde o início da sua construção, em 1173, a Torre de Pisa é, há vinte anos, objecto de estudo do engenheiro David Malkov, autor de um projecto de salvação do monumento e que conhece bem a sua atribulada história.

«SABIA que os primeiros jogos gregos se realizaram em Pisa e os segundos é que foram em Olímpia?» Trata-se, evidentemente, da cidade da Grécia Antiga mas esta é apenas uma das muitas curiosidades que David Malkov pode invocar a propósito de «Pisa».

O especialista moscovita interessa-se pela cidade italiana sob o ponto de vista científico. Nada menos que 4569 livros e cerca de três milhares de revistas e jornais em 49 línguas, que falam da cidade de Pisa e da sua torre, integram a biblioteca do engenheiro moscovita. Da sua colecção de preciosidades consta um esquema da cidade que tem mais de mil anos e os mais diversos e curiosos projectos para «endireitar» a torre, elaborados durante os oito séculos de existência do monumento. Algumas obras e textos são dedicados a Galileu, nascido e criado em Pisa.

O interesse do engenheiro moscovita por Pisa data de 1964, quando a Imprensa soviética publicou o apelo do governo italiano dirigido aos engenheiros de todo o mundo para que elaborassem projectos visando salvar aquele magnífico monumento, património da cultura mundial.

Em oito anos, a comissão de avaliação examinou 720 projectos de especialistas soviéticos, dois dos quais, os dos engenheiros David Malkov e Evgueni Petrovitch Strazdin, continuam a ser debatidos.

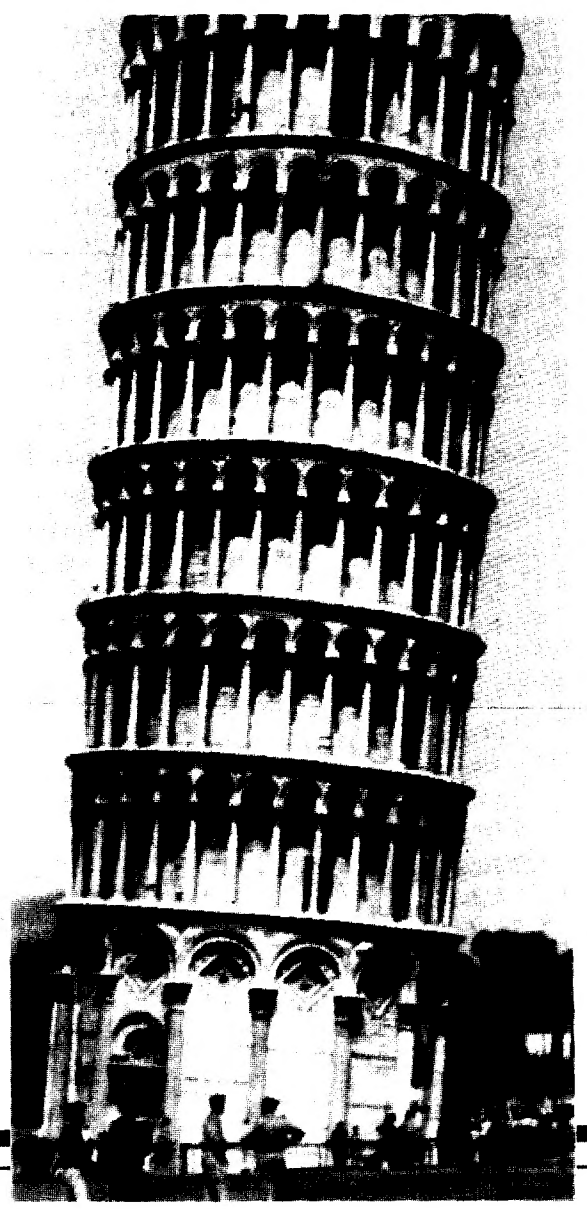
O problema da «salvação» da Torre de Pisa surgiu logo nos primeiros anos da sua construção. Em 1063 os arquitectos Busqueto e Rainoldo elaboraram um projecto para a construção de todo um complexo de monumentos, por encomenda da rica cidade de Pisa. A construção da Catedral demorou 40 anos; o Baptistério e o Campo Santo ficaram prontos ao fim de 110 anos; por último, em 1173, Bonanno, de Pisa, começou a edificar a torre do campanário.

Mas Bonanno não teve sorte com a obra. Primeiro, as escavações para os alicerces ficaram inundadas e passou-se um ano a extrair-lhes a água. Quando estavam erigidos três andares notou-se de imediato uma inclinação. Receando ser sujeito à pena de morte, o pouco afortunado artista desapareceu de Pisa para não mais ser citado nas páginas da história da cidade.

Passaram-se 100 anos. O engenheiro Giovanni de Simone erigiu mais três pisos que inclinou para o lado oposto aos três primeiros. Não obstante, a torre continuou a «cair». Muito sensatamente, Giovanni resolveu desaparecer de Pisa.

Setenta anos mais tarde, o arquitecto Tommazo de Pisa construiu mais um andar. Tendo convencido os pisanos a «não atentarem contra o destino», construiu o campanário sem qualquer telhado e pendurou os sinos.

E assim ficou a Torre de Pisa: em vez de doze andares inicialmente projectados ficou com oito e os 97 metros de altura, inicialmente previstos, foram reduzidos para 54. Em 1362, quando o monumento foi dado como acabado, a sua inclinação em relação ao eixo vertical era de 1 metro e 43 centímetros; hoje é de 5 metros e 22 centímetros. Se apoiarmos as costas na Torre, junto à base, e levantarmos os olhos, poderemos ver a parte de cima.



200 mil sugestões para endireitar a torre

Durante os 811 anos que transcorreram desde que teve início a edificação da Torre de Pisa, foram apresentados mais de 200 mil sugestões para a endireitar. Mas já Leonardo Da Vinci sugeriu que a única solução era estabilizar a sua inclinação.

Alguns especialistas afirmam que a Torre de Pisa pode aguentar-se em pé por mais uns bons 2000 anos, outros, que poderá cair em breve. É provável que tanto uns como outros estejam dentro da razão, diz o engenheiro Malkov. O cerne do problema são as águas que correm no subsolo e não é possível prever o seu comportamento.

E se a torre cair? A pergunta é um tanto ou quanto absurda mas há razões para que a questão se coloque. já não se fala apenas de salvar a Torre de Pisa mas sim de escolher a solução mais racional.

A hipótese provável da queda da Torre provoca, primeiro que tudo, uma certa tensão psicológica e emocional. Todos os anos passam pela cidade de Pisa mais de 800 mil turistas, quando os seus habitantes não ultrapassam os cem mil, e que vão apenas ver a «Torre inclinada».

Malkov cita a propósito o que se passou com uma torre de 97 metros construída no século IX, em Veneza. Essa torre manteve-se em pé durante 500 anos e acabou por desabar. Edificou-se uma igualzinha à primeira que passados outros 500 anos também caiu. Foi erigida uma terceira, igual às anteriores, que se mantém em pé há setenta anos. Os guias turísticos dizem apenas: «A Torre de São Marcos, do século IX».

A astúcia dos guias é perfeitamente explicável. O projecto data, efectivamente, do século IX e foi elaborado, até ao mais ínfimo pormenor, de acordo com a beleza esplendorosa dessa torre do século IX. No entanto o turista gosta de observar os monumentos históricos, de apreciar as obras de arte deixadas pelos antigos. Se lhes for dito que aquela torre admirável tem apenas 70 anos, limitar-se-á a deitar-lhe um olhar e desinteressado.

Os projectos apresentados para salvar a Torre de Pisa foram muitos e alguns bastante curiosos.

Um qualquer multimilionário norte-americano, que prefere que as maravilhas do mundo estejam ao seu alcance, no jardim do seu palacete, esforçou-se durante longo tempo para que a Torre de Pisa lhe fosse vendida. Contudo, a proposta pareceu não interessar os pisanos. E assim, com o sentido prático característico dos americanos, foi construída nos EUA uma torre exactamente igual à de Pisa, embora duas vezes mais pequena, onde funciona um supermercado.

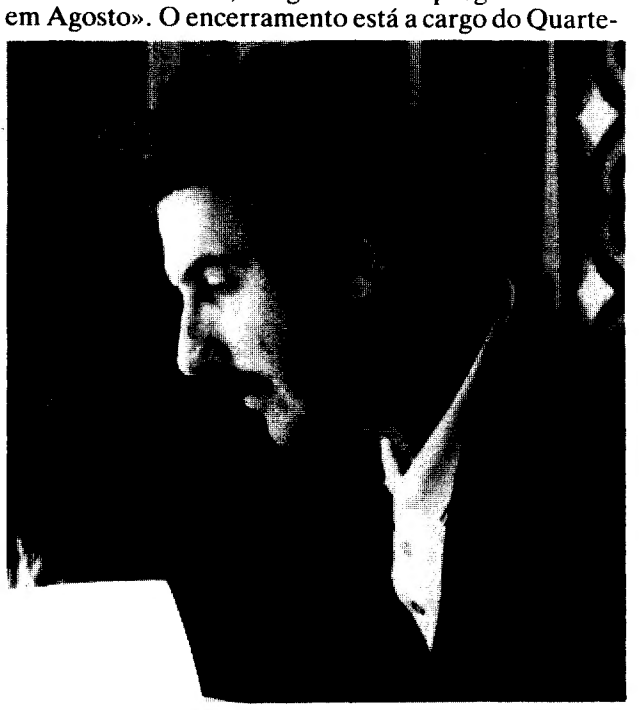
Existe um projecto que sugere a construção de um monumento absolutamente igual, ao lado da Torre de Pisa, mas com a inclinação para o lado oposto e de modo a que as duas torres se apoiassem uma na outra. Alguém propoôs que uma gingantesca estátua, com a configuração humana, segurasse com as mãos a torre inclinada. Há milhares de sugestões do género mas que alterariam todo o complexo arquitectónico.

A solução apresentada por Malkov é extremamente simples do ponto de vista técnico e exclui a construção de qualquer apêndice que altere a imagem da torre.

«A cidade de Pisa está ligada à vida de grandes figuras da cultura russa como Tchaikovski, Borodin, Turgueniev e Gorki, e penso provar que Gogol também esteve em Pisa e aí se inspirou, diz o engenheiro moscovita que espera que o seu projecto venha a ser de alguma utilidade para essa maravilhosa cidade.

Qui

• Chegam esta semana ao fim, dois Festivais que proporcionaram, durante os meses de Verão, bons e diversificados momentos musicais. São eles o Festival de Música da Costa do Estoril e o Festival do Convento dos Capuchos e encerram ambos com o mesmo grupo: o Quarteto Kodaly que estará na quarta e quinta-feira, às 21 e 30, na Igreja Matriz de Cascais e Igreja Paroquial de Carcavelos, respectivamente e, na sexta-feira, à mesma hora, no Convento dos Capuchos. No Convento, na quarta-feira, a noite é de Luís Madureira, acompanhado ao piano por Jorge Moyano, com o espectáculo «We Like Gershwin... and you?». Também na quarta-feira, no anfiteatro ao livre da Gulbenkian, chega ao fim o programa «Jazz em Agosto». O encerramento está a cargo do Quarteto de António Pinho Vargas, composto, para além dele, por José Nogueira, Pedro Barreiras e Mário Barreiras. Na sexta-feira, chega ao Porto, o grupo de «heavy metal» Iron Maiden, considerada como uma das mais espectaculares bandas do género. Às 21 e 30, no Pavilhão Infante de Sagres. No sábado, Iron Maiden actua no Pavilhão de Cascais



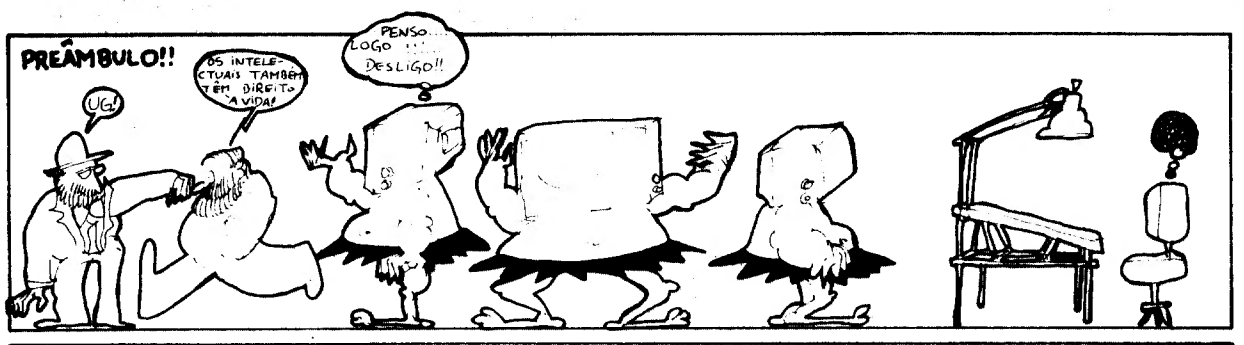
• Dois «cinencontros» merecem a deslocação ao City-Cine, às 23 e 45 de terça e quinta-feira. Os filmes a exibir são, respectivamente, «Quanto Mais Quente Melhor» de Billy Wilder e «Yakusa» de Sidney Pollak. Em Setúbal, nos claustros do Convento de Jesus, prossegue o ciclo «Cinema em Noites de Verão». «Viva Maria» de Louis Malle é a «fita» anunciada para terça-feira.

• Para os coleccionadores, mas também para os curiosos, aqui fica a notícia: já se encntra à venda o 3.º volume do Guia de Portugal. A Beira, e mais concretamente a Beira Litoral, é a região do País privilegiada. Os autores dos textos são, entre outros, Raul Brandão, Jaime Cortesão, Eugénio de Castro, Orlando Ribeiro e Vitorino Nemésio.

• Duas colectivas de pintura são a nossa sugestão no que respeita a exposições. Na Altamira, em Lisboa, as obras expostas são de José de Guimarães, Moniz Pereira, Cruzeiro Seixas, Carlos Calvet, António Botelho, Teresa Magalhães, Francisco d'Almeida e António Palolo. Na Caleria, em Cascais, os artistas representados são Eduardo Alarcão, Fernando Gil, Francisco Gil, Francisco Simões, Gonzalez Bravo, Gracinda Candeias, Isabel Laginha, João Ayres, José Cândido, Lagoa Henriques e Nuno San Payo.

• Com o teatro em férias, o destaque da semana neste campo vai para o Teatro Experimental de Cascais (embora a razão aludida não seja a única válida para a escolha). A nova peça do grupo é do brasileiro Naum Alves de Sousa e intitula-se «A Aurora da Minha Vida». A encenação é de Carlos Avilez. «Proibido» e «Não Faço Ideia» são os dois espectáculos de café-teatro representados, respectivamente, no Café Concerto, às sextas e sábados; e no B'Arte, de segunda a quinta.

doces crónicas



Autópsia não apura causa da morte de Capote

Uma autópsia praticada ontem não conseguiu determinar as causas da morte do romancista norte-americano Truman Capote, que faleceu horas após ter trabalhado no último capítulo do que ele próprio considerava como a sua derradeira obra.

O [illegible]eiro relatório do médico legista de Los Angeles indico[illegible]foram encontradas provas de que Capote sofria de epileps[illegible]de uma infecção nas pernas, provavelmente consequência [illegible]ebite.

O porta-voz do médico legista, Bill Gold, revelou que seriam necessários mais dez dias de análises de tecidos e testes toxicológicos para determinar a causa exacta da morte de Truman Capote, ocorrida sábado em casa da sua amiga Joanne Carson.

A Polícia manifestou-se convicta de que não há motivos para suspeitar a ocorrência de crime, após ter demoradamente examinado a casa de Joanne Carson, situada no subúrbio de Bel Air, em Los Angeles.

Poucas horas antes de ser encontrado morto, Truman Capote tinha trabalhado no último capítulo da sua derradeira obra, «Answered Prayers» (Preces Atendidas).

«Ele disse-me que queria viver o suficiente para acabar o livro e morrer depois», disse o seu biógrafo, Gerald Clarke.

Truman Capote, que trabalhava há dez anos neste livro, era conhecido por abusar do álcool e dos remédios.

Cargueiro naufraga com produtos radioactivos

O cargueiro francês que se afundou no sábado ao largo da Bélgica, depois de ter chocado com um ferryboat alemão, transportava uma carga radioactiva, anunciaram um sindicato e uma organização ecologista.

Um representante da «Companhia Geral Marítima», proprietária do «Mount Louis» não quis precisar o tipo de produtos transportados pelo navio.

O sindicato dos marinheiros do porto de Havre (norte de França), assegurou que o «Mont-Louis» transportava resíduos radioactivos, mas a organização ecologista «Greenpeace» (Paz Verde) indicou que «o barco transportava provavelmente urânio».

Esta organização referiu que o «Mont-Louis» estava a substituir, nesta viagem, o cargueiro «Borodine», cuja principal actividade é o transporte de urânio entre os portos do Havre e Riga, na União Soviética.

O naufrágio do «Mont-Louis» que teve lugar no sábado ao largo de Ostende (Bélgica) não provocou vítimas.

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência — Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

Pentax XLX

Vendo máquina fotográfica, ASAHI PENTAZ XLX, lente 1:2 50 m/m c/tapa-sol, skylight, em bom estado, 30 contos. Contactar depois das 19.30 para 268 73 10.

Hillman 1969

VENDO HILLMAN IMP, 1969, estado razoável. 55 contos. Contacto 268 7310, 2.ª e 3.ª-feira, depois das 19.00.

Explicações

Jovem universitária dá explicações de Matemática ao ciclo preparatório, 7.º e 8.º ano de escolaridade e de Química ao ciclo preparatório e ensino secundário até ao 11.º ano, inclusive. Contactar Tel. 791025, a partir das 20 horas.

Casa para férias

Aluga-se em Tavira (Algarve) 2.ª quinzena de Setembro. Dá para 6 pessoas. Telefone 362608.

Columbofilia

Pombo correio com anilha n.º 44 DV-07197-80 de estimação perdeu-se. Gratifica-se a quem o entregar, a João Toscano, Av. Inf. D. Henrique n.º 44, Évora.

Crazy Beat

Crazy Brazilian Beat, Hip-Hop, Bebop, para bar ou discoteca disc-jockey. Contactar 61 35 73, das 20 h à 20 h 30 m.

Part-time

Senhora, com pequena reforma, pretende trabalho (manhã, tarde ou noite). Serviço geral de escritório. Correspondência. Dactilografia. Traduções de espanhol. Organização biblioteca. Carta para R. Lucas — Rua Maria Pia, 500-1.º Dt.º 1300 Lisboa.

Amplificador

Carlsbro 60 PA, amplificador, 5 entradas (também uma para a voz). Contactar 61 35 73, das 20 h às 20 h 30 m.

Bateria

Bateria, velhota, precisando de três peles, vendo por 20 000$00. Durante o dia contactar telef. 57 95 96 ext. 207 — Luís Dias, depois das 20 horas telf. 247 33 06.

Zenith E

Máquina fotográfica — Vendo. Zenith, mod. E, corpo mutável, sem defeito, com estojo e pára-sol, 12 500$00. Telefone 219 27 48.

Andar vendo

Ao bairro de Alfornel (à Pontinha) a estrear, rés-do-chão, 4 boas assoalhadas, 2 c/ banho, hall, roupeiro, despensa e arrecadação, grande cozinha. Água e luz ligadas. Ocasião 3500 contos o próprio ao próprio. Tel. 2192748.

«Abat-jour»

Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182 — traseiras. Fácil estacionamento. Tel. 88 19 37 — 1700 Lisboa.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.